

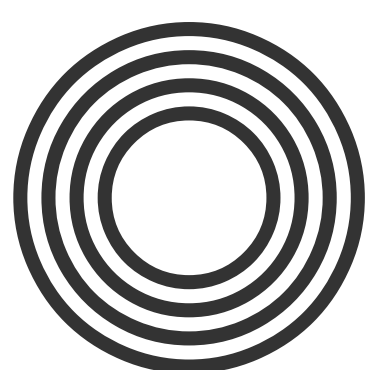
F. SCOTT FITZGERALD



GRANDIE
GATSBY

GAZETA DO POVO

F. S C O T T F I T Z G E R A L D



GRANDIE

GATSBY

TRADUÇÃO: GISELE EBERSPÄCHER

GAZETA DO POVO

*Mais uma vez
para
Zelda*

*Então vista o chapéu dourado, se assim a conquistar
Se puder saltar bem alto, salte para a impressionar
Até que ela clame: “Amado dos altos saltos e de ouro vestido
Eu te quero ao meu lado, és meu escolhido!”*

Thomas Parke d’Invilliers

ICapítulo 1

IICapítulo 2

IIICapítulo 3

IVCapítulo 4

VCapítulo 5

VICapítulo 6

VIICapítulo 7

VIIICapítulo 8

IXCapítulo 9

I

Nos meus anos mais jovens e vulneráveis, meu pai me deu um conselho que desde então não saiu mais da minha mente.

“Sempre que pensar em criticar alguém”, ele me disse, “lembre-se que nenhuma outra pessoa teve os mesmos privilégios que você”.

Ele não disse mais nada, mas nós sempre fomos comunicativos de um jeito menos comum, mais reservado, e eu entendi que ele queria dizer muito mais do que isso. Consequentemente, estou inclinado a não fazer julgamentos, um hábito que me revelou algumas curiosidades sobre a natureza humana e me fez vítima de alguns veteranos entediados na faculdade. A mente anormal é rápida em detectar e se apegar a esta qualidade quando ela aparece em uma pessoa normal, e assim fui injustamente acusado na época da faculdade de ser político demais, porque eu estava a par das tristezas secretas de homens selvagens e desconhecidos. Eu não procurava a maior parte das confidências – frequentemente eu fingia sono,

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

preocupação ou uma leviandade hostil quando percebia algum sinal inconfundível de que uma revelação íntima surgia no horizonte; pois as revelações íntimas dos jovens, ou pelo menos os termos em que eles as expressam, são geralmente plagiadas e marcadas por supressões óbvias. Não fazer julgamentos é uma questão de esperança infinita. Ainda tenho um pouco de medo de perder algo se esquecer que, como meu pai me sugeriu de maneira esnobe, e eu repito de maneira esnobe, a sensação das decências fundamentais é distribuída de forma desigual ao nascer.

E, depois de me gabar da minha tolerância, preciso admitir que ela tem um limite. Uma conduta pode ter seus fundamentos em uma pedra dura ou em um pântano molhado, mas depois de um certo ponto já não importa mais onde está a fundação. Quando voltei da Costa Leste no último outono, senti que queria um mundo uniforme, com uma espécie de atenção moral; não queria mais nenhuma excursão desordeira com vislumbres privilegiados do coração humano. Somente Gatsby, o homem que dá nome a este livro,

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

era uma exceção à minha reação – Gatsby, que representa tudo pelo qual sinto desprezo. Se a personalidade é uma série não interrompida de gestos bem-sucedidos, então com certeza havia uma certa beleza nele, uma sensibilidade exacerbada para as promessas da vida, como se fosse parente de uma daquelas máquinas complexas que registram terremotos a dez mil milhas de distância. Essa capacidade de reação nada tinha a ver com a impressionabilidade flácida que recebe o nome de “*temperamento criativo*” – era mais um dom extraordinário para a esperança e uma prontidão romântica como nunca encontrei em nenhuma outra pessoa, e nem acredito que volte a encontrar. Não – Gatsby acabou se saindo bem no final; foi o que estava preso em Gatsby, o pó sujo que flutuava na esteira de seus sonhos, que fechou temporariamente meu interesse nas tristezas aborrecidas e nas euforias de voos baixos dos homens.

Minha família tem uma posição proeminente, com pessoas abastadas, nesta cidade do Meio Oeste americano, há três gerações. Os Carrawa-

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

ys são uma espécie de clã, e temos uma tradição que descende dos Duques de Buccleuch, mas o verdadeiro fundador da minha linhagem foi o irmão do meu avô, que chegou aqui em cinquenta e um, mandou um substituto para a Guerra Civil e começou o negócio de venda em atacado de ferragens do qual meu pai cuida hoje em dia.

Eu nunca conheci esse tio-avô, mas supostamente somos parecidos – com uma menção especial para um retrato duro que fica pendurado no escritório do meu pai. Me formei em New Haven em 1915, apenas um quarto de século depois do meu pai, e um pouco depois participei do evento que atrasou a expansão teutônica, também conhecido como a Grande Guerra. Eu gostei tanto do combate que voltei para casa incansável. Em vez de ser o centro quente do mundo, o Meio Oeste agora parecia ser a borda esfarrapada do universo – então decidi ir para a Costa Leste e entrar no mercado de títulos públicos. Todo mundo que eu conhecia estava no mercado de títulos, então eu supus que poderia ter espaço para mais um. Todas as minhas tias e tios fala-

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

ram sobre isso como se estivessem escolhendo uma escola preparatória para mim, e finalmente disseram: “*Por qu–sim, sim*”, com caras muito graves e hesitantes. O pai concordou em me financiar por um ano, e depois de vários atrasos eu vim para o Leste, permanentemente, pensava na época, na primavera de vinte e dois.

Havia uma questão prática, que era encontrar um quarto na cidade. Era uma estação quente, e eu tinha acabado de deixar o interior e seus grandes gramados e árvores amigáveis, então quando um jovem do escritório sugeriu que alugássemos uma casa juntos em uma cidade próxima, achei que seria uma grande ideia. Ele encontrou a casa, um bangalô de papelão castigado pelo tempo que custava oitenta por mês, mas no último instante a firma o enviou para Washington, e eu fui para o campo sozinho. Eu tinha um cachorro – ou pelo menos tive por alguns dias até ele fugir –, um velho Dodge e uma mulher finlandesa, que fazia minha cama, preparava o café da manhã e murmurava alguma sabedoria finlandesa para si mesma por cima do fogão elétrico.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Estava solitário por um dia ou mais quando, em uma manhã, um homem mais recém-chegado do que eu me parou na rua.

“*Você sabe chegar em West Egg?*”, ele perguntou cheio de esperança.

Respondi. E, enquanto andava, já não estava mais sozinho. Virara um guia, um desbravador, um colonizador original. Ele casualmente havia me concedido a liberdade da vizinhança.

E assim, com o brilho do sol e as irrupções de folhas crescendo nas árvores, assim como as coisas crescem em filmes rápidos, eu tive a convicção familiar de que a vida estava recomeçando com o verão.

Havia tanto para ser lido, por um lado, e tanta vida para ser inspirada do ar fresco do outro. Eu comprara doze volumes sobre bancos, crédito e seguridade de investimentos, e eles enchiam minha estante de lombadas vermelhas e douradas, como dinheiro novo que acaba de chegar da casa

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

da moeda, com promessas de revelar os segredos incríveis que somente Midas, Morgan e Mecenas conhecem. E eu tinha a intenção de ler vários outros livros além desses. Eu até que era um literato na faculdade – em um ano, escrevi uma série de editoriais solenes e um tanto óbvios para o jornal Yale News – e agora traria isso de volta para a minha vida e me tornaria aquele tipo de especialista mais limitado, o “*homem experiente*”, com conhecimentos gerais. Isso não é somente um epigrama – a vida parece mais bem-sucedida quando observada de apenas uma janela, afinal de contas.

Foi uma questão de sorte eu ter alugado uma casa em uma das comunidades mais estranhas da América do Norte. Foi naquela ilha esbelta e tumultuada que se estende ao leste de Nova Iorque – e onde há, entre outras curiosidades naturais, duas formações incomuns de terra. A 20 milhas da cidade, um par de enormes braços, no formato de ovos, idênticos no contorno e separados apenas pelo que podemos chamar de baía, se lançam no corpo de água salgada mais domesti-

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

cado do hemisfério ocidental, o grande galinheiro úmido do Estuário de Long Island. Eles não são perfeitamente ovais – como o ovo na história de Colombo, ambos são esmagados na extremidade – mas sua semelhança física deve ser uma fonte de perpétua maravilha para as gaivotas que voam por cima deles. Para aqueles que não têm asas, um fenômeno mais interessante é sua disparidade em cada ponto exceto a forma e tamanho.

Eu vivia em West Egg, o – bem, o menos da moda dos dois, embora esta seja uma etiqueta mais superficial para expressar o contraste bizarro e não pouco sinistro entre eles. Minha casa ficava na ponta do ovo, a apenas cinquenta metros do estuário, e se espremia entre dois enormes lugares que eram alugados por doze ou quinze mil por temporada. O da minha direita era um exemplo colossal de acordo com qualquer padrão – era uma imitação factual de algum Hotel de Ville na Normandia, com uma torre de um lado, brilhante de tão novo por baixo de uma rede fina de hera, e uma piscina de mármore, e mais de quarenta acres de gramado e jardim. Era a man-

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

são de Gatsby. Ou melhor, como eu não conhecia o Sr. Gatsby, era uma mansão habitada por um cavalheiro com esse nome. Minha própria casa era de doer os olhos, mas era uma dor pequena, e tinha sido esquecida, então eu tinha uma vista da água, uma vista parcial do gramado do meu vizinho, e a proximidade consoladora de milionários – tudo isso por oitenta dólares ao mês.

Do outro lado da suposta baía, os palácios brancos badalados do East Egg brilhavam ao longo da água, e a história do verão começa realmente na noite em que fui lá para jantar com os Buchanan. Daisy era minha prima de segundo grau com uma geração de distância, e Tom era meu conhecido da faculdade. Passei dois dias com eles em Chicago logo depois da guerra.

O marido dela, entre várias outras realizações físicas, tinha sido um dos jogadores de futebol americano mais poderosos de New Haven – de certa forma, uma figura nacional, um desses homens que alcançam uma excelência tão aguda e limitada aos vinte e um anos que, depois, tudo

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

parece um anticlímax. Sua família era imensamente rica – mesmo na faculdade, sua liberdade com dinheiro era uma questão de reprovação – mas agora ele havia deixado Chicago e vindo para o Leste de uma forma de tirar o fôlego: por exemplo, ele havia trazido de Lago Forest uma série de pôneis para jogar polo. Era difícil perceber que um homem de minha própria geração era suficientemente rico para fazer esse tipo de coisa.

Não sei por que eles vieram para o Leste. Eles haviam passado um ano na França sem nenhum motivo em particular, e depois se deslocaram para cá e para lá, inquietos, indo para onde as pessoas jogavam polo e eram ricas juntas. Esta foi uma mudança permanente, disse Daisy por telefone, mas eu não acreditei – eu não tinha ideia do que acontecia no coração de Daisy, mas eu sentia que Tom continuaria à deriva procurando para sempre, com uma certa melancolia, a turbulência dramática de algum jogo de futebol irrecuperável.

E assim aconteceu que em uma noite quente e ventosa eu dirigi até East Egg para ver os dois

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

velhos amigos que eu mal conhecia. A casa deles era ainda mais elaborada do que eu esperava, uma alegre mansão colonial georgiana vermelha e branca, com vista para a baía. O gramado começava na praia e corria em direção à porta da frente por um quarto de milha, passando por relógios de sol, caminhos ladrilhados por tijolos e jardins escaldantes, chegando finalmente à casa à deriva pela lateral em vinhas brilhantes como se estivesse no ponto alto de sua corrida. A frente era interrompida por uma linha de janelas francesas, brilhando agora com ouro refletido e bem aberta para a tarde quente e ventosa. Tom Buchanan estava de pé com roupas de equitação e as pernas separadas na varanda da frente.

Ele havia mudado desde seus anos de New Haven. Agora era um homem de trinta anos com cabelos que pareciam palha resistente, com uma boca bastante dura e um jeito soberbo. Dois olhos arrogantes e brilhantes haviam estabelecido domínio sobre seu rosto e lhe deram a aparência de sempre se inclinar agressivamente para frente. Nem mesmo o balançar efeminado de suas rou-

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

pas de montaria conseguia esconder o enorme poder daquele corpo – ele parecia encher aquelas botas brilhantes até esticarem o laço superior, e era possível ver um grande pacote de músculos se deslocando quando seu ombro se movia sob seu casaco fino. Era um corpo capaz de uma enorme influência – um corpo cruel.

Sua voz, um tenor rouco e robusto, acrescentava à impressão turbulenta que ele transmitia. Havia nele um toque de desprezo paterno, mesmo em relação às pessoas de quem ele gostava – e havia homens em New Haven que o odiavam.

“Agora, não pense que minha opinião sobre estes assuntos é definitiva”, ele parecia dizer, *“só porque sou mais forte e mais homem do que você”*. Estávamos na mesma sociedade de veteranos da universidade e, embora nunca tivéssemos sido íntimos, sempre tive a impressão de que ele me aprovava e queria que eu gostasse dele, como se isso fosse um desafio para ele.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Andamos por alguns minutos na varanda ensolarada.

“*Eu tenho um ótimo lugar aqui*”, ele disse, seus olhos passeando pelo entorno inquietamente.

Girando-me por um braço, ele moveu uma larga mão plana ao longo da vista frontal, incluindo em sua varredura um jardim italiano afundado, meio acre de rosas profundas e pungentes, e um barco a motor de nariz esbugalhado que batia na costa com o movimento da maré.

“*Pertencia à Demaine, o homem do petróleo*”. Ele me virou de novo, educada e abruptamente. “*Vamos entrar*”.

Caminhamos por um corredor alto em um espaço de cor rosada brilhante, fragilmente amarrado à casa por janelas francesas em ambas as extremidades. As janelas entreabertas eram de um branco brilhante contra a grama fresca do lado de fora, que parecia crescer um pouco dentro da casa. Uma brisa soprava pela sala, levan-

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

tando as cortinas nas duas extremidades como bandeiras pálidas, levantando-as em direção ao teto, que parecia um bolo de casamento de tão decorado, e depois ondulava sobre o tapete cor de vinho, fazendo uma sombra sobre ele como o vento faz sobre o mar.

O único objeto completamente estacionário na sala era um enorme sofá sobre o qual duas jovens mulheres estavam deitadas como se estivessem sobre um balão ancorado. Ambas estavam de branco, e seus vestidos ondulavam e se agitavam como se tivessem acabado de ser soprados de volta após um curto voo ao redor da casa. Devo ter ficado de pé por alguns momentos ouvindo o chicotear e estalar das cortinas e o gemido de um quadro na parede. Houve um estrondo quando Tom Buchanan fechou as janelas traseiras e o vento morreu no quarto, e as cortinas e os tapetes e as duas jovens mulheres pairaram lentamente até o chão.

A mais nova das duas era desconhecida para mim. Ela se estendia por todo o comprimento do

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

seu divã, completamente imóvel, com o queixo levemente levantado, como se ela estivesse equilibrando algo que muito provavelmente iria cair sobre ela. Se ela conseguia me ver pelo canto dos olhos, não dava nenhuma pista – na verdade, eu estava quase surpreso em murmurar um pedido de desculpas por tê-la perturbado ao entrar.

A outra garota, Daisy, fez uma tentativa de se levantar – ela se inclinou um pouco para frente com uma expressão cuidadosa. Quando ela riu, uma risadinha absurda e encantadora, e eu também ri e entrei finalmente na sala.

“Estou paralisada de felicidade”.

Ela riu novamente, como se tivesse dito algo muito espirituoso, e segurou minha mão por um momento, olhando para o meu rosto, prometendo que não havia ninguém no mundo que ela quisesse ver tanto quanto eu. Era o jeito dela. Ela insinuou em um murmúrio que o sobrenome da garota equilibrista era Baker. (Eu ouvi dizer que Daisy murmurava apenas para fazer as pessoas

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

se inclinarem em sua direção; uma crítica irrelevante que não a tornava menos encantadora).

De qualquer forma, os lábios da Srta. Baker tremeram, ela acenou para mim quase imperceptivelmente, e então rapidamente inclinou a cabeça para trás novamente – o objeto que ela estava equilibrando obviamente havia balançado um pouco e lhe deu um pequeno susto. Mais uma vez, uma espécie de desculpa surgiu em meus lábios. Quase toda exposição de autossuficiência completa arranca um tributo atordado de minha parte.

Eu olhei para minha prima, que começou a me fazer perguntas em sua voz baixa e emocionante. Era o tipo de voz que o ouvido acompanhava para cima e para baixo, como se cada discurso fosse um arranjo de notas que nunca mais seriam tocadas. Seu rosto era triste e adorável, com coisas brilhantes, olhos brilhantes e uma boca brilhante e apaixonada, mas havia uma emoção em sua voz que os homens que se preocupavam com ela achavam difícil de esquecer: uma com-

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

pulsão cantante, um “*Escute*” sussurrado, uma promessa de que ela tinha feito coisas felizes e excitantes há pouco tempo e que havia coisas felizes e excitantes pairando pela hora seguinte.

Contei a ela como eu havia parado em Chicago por um dia no meu caminho para o Leste, e como uma dúzia de pessoas lhe mandaram seu amor por mim.

“*Eles sentem a minha falta?*” ela exclamou com êxtase.

“*A cidade inteira está desolada. Todos os carros têm a roda traseira esquerda pintada de preto como uma coroa de luto, e há um lamento persistente durante toda a noite ao longo da costa norte*”.

“*Que lindo! Vamos voltar, Tom. Amanhã!*” Então ela acrescentou irrelevantemente: “*Você deveria ver o bebê*”.

“*Eu gostaria de ver*”.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Ela está dormindo. Tem três anos de idade. Você nunca a viu?”

“Nunca.”

“Bem, você deveria vê-la. Ela está...”

Tom Buchanan, que estava pairando inquieto sobre a sala, parou e descansou sua mão no meu ombro.

“O que está fazendo, Nick?”

“Sou um homem de títulos”.

“Com quem?”

Eu disse a ele.

“Nunca ouvi falar deles”, ele comentou de forma decisiva.

Isso me irritou.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Você vai”, respondi em breve. “Você vai, se ficar na Costa Leste.”

“Ah, eu vou ficar no Leste, não se preocupe”, disse ele, olhando para Daisy e depois de volta para mim, como se ele estivesse alerta. “Eu seria um idiota maldito para querer viver em qualquer outro lugar”.

Neste ponto, a Srta. Baker disse *“Absolutamente!”* de maneira tão repentina que me sobressaltei – foi a primeira palavra que ela pronunciou desde que eu entrei na sala. Evidentemente, isso a surpreendeu tanto quanto a mim, pois ela bocejou e, com uma série de movimentos rápidos e habilidosos, se levantou.

“Estou dura”, reclamou ela, “estou deitada naquele sofá há mais tempo do que consigo me lembrar”.

“Não olhe para mim”, retorquiu Daisy, “Estou tentado te levar para Nova York a tarde toda”.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“*Não, obrigada*”, disse Srta. Baker aos quatro coquetéis que acabaram de chegar da despensa. “*Estou absolutamente em treinamento*”.

Seu anfitrião olhou para ela com incredulidade.

“*Você está!*” Ele tomou sua bebida como se fosse uma gota no fundo de um copo. “*Não consigo entender como você consegue fazer qualquer coisa*”.

Olhei para Srta. Baker, me perguntando o que ela “*consegue fazer*”. Eu gostei de olhar para ela. Ela era uma garota magra, de peitos pequenos e com uma postura ereta que acentuava atirando seu corpo para trás, como um jovem cadete. Seus olhos cinzentos e ensolarados me olhavam de volta com uma curiosidade educada e recíproca, por um rosto abatido, encantador e descontente. Ocorreu-me então que eu a havia visto, ou uma foto dela, em algum lugar antes.

“*Você vive em West Egg*”, ela comentou de forma desdenhosa. “*Eu conheço alguém lá*”.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Eu não conheço ninguém”.

“Mas você deve conhecer Gatsby”.

“Gatsby?”, indagou Daisy. “Qual Gatsby?”

Antes que eu pudesse responder que ele era meu vizinho, o jantar foi anunciado; colocando seu braço firme imperativamente sob o meu, Tom Buchanan me obrigou a sair da sala como se ele estivesse mudando uma peça de xadrez para outra casa.

Elegantemente, languidamente, suas mãos levemente sobre seus quadris, as duas jovens nos precederam em um alpendre cor de rosa, aberto em direção ao pôr-do-sol, onde quatro velas cintilavam sobre a mesa com o vento leve.

“Por que velas?” objetou Daisy, franzindo a testa e apagando-as com os dedos. *“Em duas semanas será o dia mais longo do ano”*. Ela olhou radiante para todos. *“Vocês ficam esperando o dia mais lon-*

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

go do ano e depois acabam perdendo? Eu sempre fico esperando o dia mais longo do ano e depois esqueço”.

“Deveríamos planejar algo”, bocejou Srta. Baker, sentada à mesa como se ela estivesse entrando na cama.

“Tudo bem”, disse Daisy. “O que vamos planejar?” Ela se virou para mim impotente: “O que as pessoas planejam?”

Antes que eu pudesse responder, seus olhos se fixaram com uma expressão assustadora em seu dedo mindinho.

“Olha!” ela reclamou. “Me machuquei”.

Todos nós olhamos – a articulação estava preta e azul.

“Foi você que fez isso, Tom”, ela disse acusando-o. “Eu sei que você não tinha intenção, mas foi você que fez. É o que ganho por casar com um homem tosco, um grande espécime físico de um...”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“*Odeio essa palavra, ‘tosco’*”, objetou Tom com certa irritação, “*mesmo de brincadeira*”.

“*Tosco*”, insistiu Daisy.

Às vezes ela e a Srta. Baker falavam ao mesmo tempo, de uma maneira discreta e com uma inconsequência graciosa que não chegava a ser tagarela, que era tão gélida quanto seus vestidos brancos e seus olhos impessoais, com ausência de qualquer desejo. Elas estavam aqui, e aceitaram Tom e eu, fazendo apenas um esforço educado e agradável para entreter ou serem entretidas. Elas sabiam que o jantar terminaria em algum momento e que um pouco mais tarde a noite também terminaria e seria casualmente deixada de lado. Era muito diferente do Oeste, onde uma noite era apressada de fase em fase em direção ao seu encerramento, em uma antecipação continuamente desapontada ou então no pavor nervoso do próprio momento.

“*Você me faz sentir incivilizado, Daisy,*” confessei em meu segundo copo de clarete, esse vinho rosé

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

metido mas impressionante. “*Você não pode falar alguma coisa sobre colheitas ou algo assim?*”

Eu não quis dizer nada em particular com esta observação, mas ela foi absorvida de uma forma inesperada.

“*A civilização está se desfazendo em pedaços*”, disse Tom de forma violenta. “*Eu estou ficando terrivelmente pessimista com as coisas. Você já leu ‘A Ascensão dos Impérios de Cor’ de um tal de Goddard?*”

“*Por quê? Não!*”, respondi, bastante surpreso com seu tom.

“*Bem, é um belo livro, e todos deveriam lê-lo. A ideia é que se não cuidarmos, a raça branca será – será totalmente submersa. É tudo científico; foi comprovado*”.

“*Tom está ficando muito profundo*”, disse Daisy, com uma expressão de tristeza irrefletida. “*Ele lê livros profundos com palavras longas neles. Qual era aquela palavra que –*”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Bem, estes livros são todos científicos”, insistiu Tom, olhando para ela com impaciência. “Este camarada resolveu tudo isso. Depende de nós, que somos a raça dominante, ter cuidado ou as outras raças terão o controle das coisas”.

“Temos que derrotá-los”, sussurrou Daisy, piscando ferozmente em direção ao sol fervoroso.

“Vocês deveriam morar na Califórnia...” começou a Srta. Baker, mas Tom a interrompeu ao se deslocar fortemente em sua cadeira.

“Esta ideia é que somos nórdicos. Eu sou, e você é, e você é, e...” Após uma hesitação infinitesimal, ele incluiu Daisy com um leve aceno de cabeça, e ela piscou para mim novamente. “E nós produzimos todas as coisas que fizeram a civilização – é, a ciência, a arte, e tudo mais. Entende?”

Havia algo patético em sua concentração, como se sua complacência, mais aguda que a de outrora, já não fosse suficiente para ele. Quando, quase imediatamente, o telefone tocou lá dentro e o

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

mordomo deixou o alpendre, Daisy aproveitou a interrupção momentânea e se inclinou para mim.

“Vou lhe contar um segredo de família”, ela sussurrou entusiasmada. “É sobre o nariz do mordomo. Você quer ouvir sobre o nariz do mordomo?”

“Foi justamente por isso que eu vim esta noite”.

“Então, ele nem sempre foi um mordomo; ele costumava ser o polidor de prata para algumas pessoas em Nova York que tinham um serviço de prata para duzentas pessoas. Ele tinha que polir da manhã à noite, até que isso finalmente começou a afetar seu nariz”.

“As coisas foram de mal a pior”, sugeriu a Srta. Baker.

“Sim. As coisas foram de mal a pior, até que finalmente ele teve que desistir de sua posição”.

Por um momento o último raio de sol caiu com um carinho romântico sobre seu rosto brilhante; sua voz me obrigou a avançar sem fôlego

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

enquanto eu escutava – quando o brilho se desvaneceu, cada luz a abandonou com pesar prolongado, como crianças deixando uma rua agradável ao anoitecer.

O mordomo voltou e murmurou algo perto da orelha de Tom, e Tom franziu a testa, empurrou sua cadeira para trás, e sem emitir sequer uma palavra, entrou. Como se sua ausência acelerasse algo dentro dela, Daisy inclinou-se novamente para frente, sua voz brilhava e cantava.

“Adoro ver você em minha mesa, Nick. Você me faz lembrar de uma rosa, uma rosa verdadeira. Não é mesmo?” Ela recorreu à Srta. Baker para confirmação: *“Uma rosa verdadeira?”*

Isto não era verdade. Eu não sou nem um pouco como uma rosa. Ela estava apenas improvisando, mas um calor agitado fluía dela, como se seu coração estivesse tentando sair escondido em sua direção com uma daquelas palavras sem fôlego e excitantes. De repente, ela jogou seu guardanapo sobre a mesa, se desculpou e entrou na casa.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

A Srta. Baker e eu trocamos um olhar breve, conscientemente desprovido de sentido. Eu estava prestes a falar quando ela se sentou alerta e emitiu um “*Shhh!*” com uma voz de aviso. Um sussurro apaixonado e moderado foi audível na sala além da porta, e a Srta. Baker se inclinou para frente, sem vergonha, tentando ouvir. O murmúrio tremia à beira da coerência, afundava-se, montava-se excitadamente, e depois cessou por completo.

“*Este Sr. Gatsby de quem você falou é meu vizinho...*”, comecei.

“*Não fale nada. Eu quero ouvir o que está acontecendo*”.

“*Está acontecendo alguma coisa?*”, perguntei inocentemente.

“*Você quer dizer que não sabe?*” disse a Srta. Baker, francamente surpresa. “*Pensei que todos soubessem*”.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“*Eu não sei do que—*”.

“*Por que...*” ela disse hesitantemente. “*Tom tem uma mulher em Nova York*”.

“*Uma mulher?*”, repeti vagamente.

A Srta. Baker confirmou com um aceno de cabeça.

“*Ela poderia ter a decência de não ligar para ele na hora do jantar. Você não acha?*”

Quase antes de eu ter entendido o significado da frase, ouvi um vestido tremulando e botas de couro rangendo, e Tom e Daisy estavam de volta à mesa.

“*Era inevitável!*”, gritou Daisy com alegria tensa.

Ela se sentou, olhou de relance para a Srta. Baker e depois para mim, e continuou: “*Eu olhei para fora por um minuto, é muito romântico ao ar livre. Há um pássaro no gramado que eu acho que*

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

deve ser um rouxinol que veio com um dos barcos da Cunard ou da White Star Line. Ele não para de cantar”
E sua voz cantou: “*Não é romântico, Tom?*”

“*Muito romântico*”, disse ele, e depois miseravelmente para mim: “*Se ainda estiver claro depois do jantar, quero levá-lo para os estábulos*”.

O telefone tocou lá dentro, assustadoramente, e enquanto Daisy balançava a cabeça decisivamente para Tom, o assunto dos estábulos, e na verdade todos os assuntos, desapareceram no ar. Entre os fragmentos quebrados dos últimos cinco minutos à mesa, lembro-me das velas sendo acesas novamente, inutilmente, e estava consciente de querer observar todos, mas ainda assim evitar ser visto por eles. Eu não conseguia adivinhar o que Daisy e Tom estavam pensando, mas duvido que até mesmo a Srta. Baker, que parecia ter dominado um certo ceticismo duro, fosse capaz de colocar completamente fora de si a urgência metálica estridente deste quinto convidado. Para um certo temperamento, a situação poderia ter

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

parecido intrigante – o meu próprio instinto era telefonar imediatamente para a polícia.

Os cavalos, desnecessário dizer, não foram mencionados novamente. Tom e a Srta. Baker, com vários pés de crepúsculo entre eles, voltaram para a biblioteca, como se estivessem de vigília ao lado de um corpo perfeitamente tangível, enquanto, tentando parecer agradavelmente interessado e um pouco surdo, eu seguia Daisy em volta de uma corrente de varandas de ligação para o alpendre da frente. Em sua profunda escuridão, sentamos lado a lado em um sofá de vime.

Daisy tomou seu rosto nas mãos como se estivesse sentindo sua bela forma, e seus olhos se moveram gradualmente para fora até o crepúsculo de veludo. Eu vi que as emoções turbulentas a possuíam, então perguntei o que achei que seriam algumas perguntas sedativas sobre sua filhinha.

“Nós dois não nos conhecemos muito bem, Nick”, disse ela de repente. *“Mesmo que sejamos primos. Você não veio ao meu casamento”*.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Eu não tinha voltado da guerra”.

“É verdade.” Ela hesitou. *“Bem, eu passei por tempos difíceis, Nick, e agora sou um tanto cínica quanto a tudo.”*

Evidentemente, ela tinha motivos para isso. Esperei, mas ela não disse mais nada, e depois de um momento voltei um pouco inseguro ao assunto de sua filha.

“Suponho que ela fala, e come, e tudo mais”.

“Ah, sim”. Ela olhou para mim ausente. *“Ouça, Nick; deixe-me contar o que eu disse quando ela nasceu. Você gostaria de ouvir?”*

“Muito”.

“Vai lhe mostrar como me senti em relação às coisas. Bem, ela tinha menos de uma hora de vida e Tom estava sabe Deus onde. Acordei do éter com um sentimento de abandono total e perguntei imediatamente à enfermeira se era menino ou menina. Ela me disse

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

que era uma menina, e então eu virei a cabeça para longe e chorei. ‘Tudo bem’, eu disse, ‘Estou feliz por ser uma menina. Espero que ela seja uma tola – essa é a melhor coisa que uma garota pode ser neste mundo, uma linda e pequena tola’.”

“*Você vê que eu acho tudo terrível de qualquer jeito*”, ela continuou convencida. “*Todo mundo pensa assim – até as pessoas mais avançadas. E eu sei. Já estive em todos os lugares, vi tudo e fiz de tudo.*” Seus olhos brilharam em torno dela de uma forma desafiadora, como os de Tom, e ela riu com um escárnio emocionante. “*Sofisticada – Deus, eu sou sofisticada!*”

No instante em que sua voz se rompeu, deixando de chamar minha atenção e minha crença, eu senti a insinceridade básica do que ela havia dito. Isso me deixou inquieto, como se toda a noite tivesse sido um truque de algum tipo para exigir de mim uma emoção contributiva. Esperei e, com certeza, em um momento ela me olhou com um sorriso absoluto em seu belo rosto, como se ela tivesse afirmado sua pertença a uma so-

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

cidade secreta bastante distinta, à qual ela e Tom pertenciam.

No lado de dentro, a sala carmesim florescia com a luz. Tom e a Srta. Baker estavam sentados em ambas as extremidades do longo sofá, e ela lia a Saturday Night Post em voz alta para ele – as palavras, murmuradas e não flexionadas, corriam juntas em uma melodia calmante. A luz das lamparinas, brilhante nas botas dele e fosca no amarelo de folhas de outono do cabelo dela, tremeluzia ao longo do papel enquanto ela virava uma página com uma palpitação de músculos esbeltos em seus braços.

Quando entramos, ela nos manteve em silêncio por um momento com uma mão levantada.

“*A ser continuado*”, disse ela, jogando a revista sobre a mesa, “*em nossa próxima edição*”.

Seu corpo se impôs com um movimento inquieto de seu joelho, e ela se levantou.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Dez horas”, observou ela, aparentemente encontrando o tempo no teto. “*Hora de esta boa garota ir para a cama*”.

“*Jordan vai jogar no torneio amanhã*”, explicou Daisy, “*em Westchester*”.

“*Ah – você é a Jordan Baker*”.

Agora eu sabia por que seu rosto era familiar – sua agradável expressão de desprezo havia olhado para mim a partir de muitas fotos de rotogravura da vida esportiva em Asheville, Hot Springs e Palm Beach. Eu também tinha ouvido alguma história sobre ela, uma história crítica e desagradável, a qual eu havia esquecido há muito tempo.

“*Boa noite*”, disse ela suavemente. “*Acorde-me às oito, por favor?*”.

“*Isso se você acordar*”.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Eu vou. Boa noite, Sr. Carraway. Nos vemos em breve?”

“Claro que sim”, confirmou Daisy. “Na verdade, eu acho que vou arranjar um casamento. Venha com frequência, Nick, e eu vou... juntar vocês. Você sabe, trancar vocês acidentalmente em um dos armários, jogar vocês no mar, esse tipo de coisa...”

“Boa noite”, disse a Srta. Backer das escadas. “Não ouvi nada do que disse”.

“Ela é uma garota ótima”, disse Tom logo depois. “Eles não deveriam deixá-la solta pelo país desse jeito”.

“Quem não deveria?”, Daisy perguntou.

“A família dela”.

“A família dela é uma tia de mil anos de idade. Além disso, o Nick vai cuidar dela, não vai, Nick? Ela vai passar vários fins de semana aqui neste verão. Eu

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

acho que uma influência doméstica vai ser ótima para ela”.

Daisy e Tom se olharam em silêncio por um momento.

“Ela é de Nova York?”, perguntei rapidamente.

“De Louisville. Passamos nossa infância inocente juntas lá. Nossa infância inocente...”

“E você e o Nick? Tiveram uma conversa de coração para coração na varanda?”, Tom perguntou de repente.

“Será?” Ela olhou para mim. *“Não consigo me lembrar, mas acho que conversamos sobre a raça nórdica. Sim, tenho certeza que sim. Ela tomou conta de nós e de repente...”*

“Não acredite em tudo o que você ouve, Nick”, ele me aconselhou.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Eu disse levemente que não tinha ouvido nada, e alguns minutos depois levantei-me para ir para casa. Eles vieram comigo até a porta e ficaram lado a lado em um alegre quadrado de luz. Quando liguei o motor, Daisy me chamou de forma categórica: *“Espere!”*

“Esqueci de perguntar uma coisa, e é importante. Ouvimos dizer que você estava noivo de uma garota do Oeste.”

“É verdade”, corroborou Tom gentilmente. *“Ouvimos dizer que você estava noivo.”*

“É uma calúnia. Sou muito pobre.”

“Mas nós ouvimos”, insistiu Daisy, me surpreendendo ao se abrir de novo de uma forma floral. *“Ouvimos isso de três pessoas, então deve ser verdade.”*

É claro que eu sabia ao que se referiam, mas eu não estava nem sequer vagamente comprometido. O fato de que as fofocas espalharam que

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

eu era comprometido era uma das razões pelas quais eu tinha vindo para o Leste. Você não pode deixar de sair por causa de boatos e, por outro lado, eu não tinha intenção de ser obrigado a casar por conta de uma fofoca.

O interesse deles me tocou um pouco e os tornou menos remotamente ricos – mas, mesmo assim, eu fiquei confuso e um pouco enjoado quando me afastei. Parecia-me que o que Daisy tinha que fazer era sair correndo de casa, criança nos braços – mas aparentemente tais intenções não lhe passavam pela cabeça. Quanto a Tom, o fato de ele “*ter uma mulher em Nova York*” foi realmente menos surpreendente do que ele ter ficado deprimido por causa de um livro. Algo o fazia mordiscar à beira de ideias obsoletas como se seu robusto egoísmo físico não alimentasse mais seu coração peremptório.

Já era verão profundo nos telhados das casas e em frente a oficinas de beira de estrada, onde novas bombas de gasolina vermelhas se apoiavam em pequenas piscinas de luz, e quando cheguei à

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

minha propriedade em West Egg, coloquei o carro debaixo do toldo e fiquei um tempo sentado em um rolo de grama abandonado no pátio. O vento tinha parado, deixando para trás uma noite forte e brilhante, com asas batendo nas árvores e um persistente som de órgão enquanto o fole cheio da terra enchia os sapos de vida. A silhueta de um gato em movimento ondulava através do luar e, virando minha cabeça para observá-lo, vi que eu não estava sozinho – uma figura havia surgido da sombra da mansão do meu vizinho a 50 metros de distância e estava de pé com as mãos nos bolsos, olhando o céu prateado de estrelas. Algo em seus movimentos relaxados e a posição segura de seus pés sobre o gramado sugeria que era o próprio Sr. Gatsby que saía para determinar qual era a sua parte de nossos céus locais.

Decidi chamá-lo. A Srta. Baker o havia mencionado no jantar, e isso serviria para uma introdução. Mas eu não o chamei, pois ele deu uma súbita insinuação de que estava satisfeito por estar sozinho – ele esticou os braços em direção à água escura de uma forma curiosa e, mesmo

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

longe dele, eu poderia jurar que ele estava tremendo. Eu olhava involuntariamente para o mar – e não distinguia nada exceto uma única luz verde, que ia e vinha a cada minuto, que poderia muito bem ser o fim de uma doca. Quando procurei mais uma vez por Gatsby, ele tinha desaparecido, e eu estava novamente sozinho na escuridão inquietante.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

II

Entre West Egg e Nova York, a rodovia e a ferrovia se juntam e continuam próximas por cerca de um quarto de milha, como se quisessem evitar uma determinada área desolada de terra. Esse é um vale de cinzas – uma fazenda fantástica onde as cinzas crescem como trigo, formando cumes e montanhas e jardins grotescos; onde as cinzas assumem a forma de casas e chaminés e fumaça e, finalmente, em um esforço transcendental, homens de cinzas, que se movem vagamente e se desfazendo pelo ar pulverulento. Ocasionalmente uma fila de vagões cinzentos segue o caminho em um trilho invisível, emitindo um ruído fantasmagórico, e para; logo os homens cinzentos se aglomeram com pás de chumbo, criando uma nuvem impenetrável e escondendo suas operações obscuras da visão de qualquer um.

Para além da terra cinza e os espasmos da poeira sombria que flutuava sem fim ao redor das pessoas, era possível perceber, depois de um momento, os olhos do Doutor T. J. Eckleburg. Os olhos do Doutor T. J. Eckleburg são azuis e gigantes – suas retinas com um metro de altura. Eles

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

não estão em nenhum rosto mas, ao contrário, em um enorme par de óculos amarelos apoiados em um nariz inexistente. Evidentemente um oculista engraçadinho os colocou lá para fortalecer seu negócio entre os moradores do Queens, mas então entrou em cegueira eterna, ou esqueceu deles e foi para outro lugar. Seus olhos, porém, obscurecidos pela falta de pintura, debaixo do sol e da chuva, estavam empoleirados acima do depósito de lixo.

O vale de cinzas é limitado de um dos lados por um riacho imundo e, quando a ponte levadiça é levantada para permitir a passagem das barcaças, os passageiros dos trens que aguardam podem ficar olhando para a cena sombria por até meia hora. Mas há sempre uma pausa de pelo menos um minuto, e foi por causa dessa pausa que conheci pela primeira vez a amante de Tom Buchanan.

O fato de ele ter uma amante era mencionado em todos os lugares em que se sabia quem ele era. Seus conhecidos ressentiam o fato de ele

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

frequentar cafés populares com ela e, a deixando na mesa, ficava passeando e conversando com qualquer um que ele conhecesse. Apesar de eu estar curioso para vê-la, eu não tinha vontade de conhecê-la – mas eu a conheci. Eu fui para Nova York com Tom de trem em uma determinada tarde, e quando fomos parados pela fuligem, ele se levantou em um pulo e, me segurando pelo braço, me forçou para fora do trem.

“Vamos descer”, ele insistiu. “Quero que conheça a minha garota.”

Acho que ele já tinha bebido bastante no almoço, e sua determinação de ter a minha companhia beirava a violência. A sua suposição arrogante era a de que eu não tinha nada melhor para fazer no domingo de tarde.

Eu o segui ao longo de uma cerca baixa e caiada da ferrovia, e voltamos uns cem metros por baixo dos olhares insistentes do Doutor Eckleburg. A única construção à vista era um bloco pequeno de tijolos amarelos à beira de um terreno baldio,

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

uma espécie de avenida principal compacta que não levava a lugar nenhum. Uma das três lojas do prédio estava disponível para alugar e a outra era um restaurante até o qual se via um rastro de cinzas e que ficava aberto durante a noite inteira; a terceira era uma oficina – Consertos. George B. Wilson. Vende-se e compra-se carros – onde eu entrei com o Tom.

A parte interior era vazia e pobre; o único carro visível eram os destroços de um Ford coberto de poeira em um canto escuro. Me ocorreu que essa oficina deveria ser um negócio de fachada, e que apartamentos luxuosos e românticos deveriam estar escondidos no andar de cima, mas então o proprietário apareceu pela porta de um escritório, enxugando as mãos em uma pilha de lixo. Ele era um homem loiro e sem ânimo, anêmico e levemente bonito. Quando nos viu, um fio de esperança brilhou em seus olhos azuis.

“*Oi Wilson, meu bom homem*”, disse Tom, batendo levemente em seus ombros. “*Como estão os negócios?*”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Não posso reclamar”, Wilson respondeu inseguro. “Quando que você vai finalmente vender seu carro para mim?”

“Semana que vem; meu homem está trabalhando nele agora”.

“Ele trabalha bem devagar, não?”

“Não, não é verdade”, disse Tom com frieza. “E se é assim que você se sente, talvez eu deva vender em outro lugar.”

“Não, não foi isso que eu quis dizer”, Wilson explicou rapidamente. “Só quis dizer que—”

Sua voz foi falhando e Tom olhava ansioso ao redor da oficina. Então ouvi passos nas escadas, e em um momento uma figura rechonchuda de mulher bloqueou a luz da porta do escritório. Ela tinha 30 e tantos anos, era vagamente robusta, mas tinha uma certa sensualidade que algumas mulheres têm. Seu rosto, que descansava sobre um vestido manchado de crepe-de-chine azul

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

escuro, não continha nenhuma faceta ou brilho de beleza, mas irradiava uma vitalidade imediatamente perceptível, como se os nervos de seu corpo estivessem em constante combustão lenta. Ela sorriu devagar e, andando pela frente do seu marido como se ele fosse um fantasma, cumprimentou Tom com um aperto de mão, olhando diretamente nos seus olhos. Então molhou seus lábios e, sem olhar para seu marido, disse em uma voz suave e tosca:

“Pegue algumas cadeiras, por que não, assim as pessoas podem se sentar”.

“Ah, claro”, Wilson concordou rapidamente, e entrou em uma pequena sala, mostrando imediatamente o cimento nas paredes do cômodo. Um pó branco cobria seu macacão escuro e seu cabelo pálido e qualquer outra coisa nas proximidades – exceto sua mulher, que já estava perto de Tom.

“Eu quero lhe ver”, disse Tom atentamente. *“Pegue o próximo trem”*.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Está bem”.

“Nos encontramos na banca de jornal no andar inferior”.

Ela acenou e se afastou assim que George Wilson veio com duas cadeiras do escritório.

Esperamos pela mulher na rua, longe da vista. Era alguns dias antes do feriado do dia 4 de Julho, e uma criança italiana estava colocando uma fileira de fogos de artifício ao longo do trilho.

“É um lugar terrível, não é”, disse Tom, trocando um olhar com o Doutor Eckleburg.

“Péssimo”.

“Faz bem para ela sair daqui”.

“O marido dela não reclama?”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“O Wilson? Ele acha que ela vai visitar a irmã dela em Nova York. Ele é tão burro que nem sabe que está vivo.”

E assim Tom Buchanan e sua garota iam juntos para Nova York – bom, não exatamente juntos, já que a Sra. Wilson ficava sentada discretamente em outro vagão. Tom fazia pelo menos isso pela sensibilidade dos moradores de East Egg que talvez estivessem no trem.

Ela havia trocado seu vestido por um de muselina marrom, que se esticou bastante sob seus quadris largos quando Tom a ajudou a subir na plataforma em Nova York. Na banca de jornais, ela comprou um exemplar da revista de fofocas *Town Tattle* e uma revista de filmes, e na farmácia da estação, um creme gelado e um pequeno frasco de perfume. No andar de cima, na saída com ecos solenes, ela deixou que quatro táxis passassem antes de escolher um novo, cor de lavanda com estofamento cinza, e nele deslizamos para fora da massa da estação em direção ao sol brilhante. Mas imediatamente ela se virou brus-

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

camente da janela e, inclinando-se para frente, bateu no vidro frontal.

“Eu quero um”, ela disse com sinceridade. “Quero um para o apartamento. É bom ter um – um cachorro”.

Nós olhamos para um homem cinzento que era bastante parecido com John D. Rockefeller. Em um cesto pendurado no seu pescoço, ele levava uma dúzia de filhotes pequenos de uma raça indeterminada.

“De que tipo são eles?”, a Sra. Wilson perguntou para o homem quando ele se aproximou da janela do táxi.

“De todos. Qual tipo a senhora gostaria, madame?”

“Eu queria um daqueles cachorros policiais, imagino que você não tenha um desses?”

O homem perscrutou a cesta com uma expressão de dúvida, colocou a sua mão e ergueu um

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

dos cachorros, inquieto, segurando-o pela parte de trás do pescoço.

“Isso não é um cão policial”, disse Tom.

“Não, não é exatamente um cão policial”, disse o homem com uma decepção audível em sua voz. *“Mas olhem o pelo. É o mesmo pelo. É um cachorro que nunca vai pegar uma gripe”*.

“Eu achei fofo”, disse a Sra. Wilson com entusiasmo. *“Quanto é?”*

“Esse cachorro?”, o homem perguntou enquanto admirava o animal. *“Esse cachorro custa dez dólares”*.

O airedale terrier – porque sem sombra de dúvidas o cachorro tinha um pouco de airedale, apesar de seus pés serem surpreendentemente brancos – trocou de mãos até terminar no colo da Sra. Wilson, onde ela acariciou os pelos à prova do clima com entusiasmo.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“É um menino ou uma menina?”, ela perguntou com delicadeza.

“O cachorro? É um menino”.

“É uma cadela”, disse Tom com firmeza. “Aqui está o seu dinheiro. Agora vá lá comprar mais dez cachorros com ele”.

Prosseguimos para a Quinta Avenida, quente e suave, quase idílica, na tarde quente de domingo. Eu não teria ficado surpreso em ver um rebanho de ovelhas brancas virando a esquina.

“Vamos lá”, eu disse. “Agora preciso deixar vocês e ir”.

“Não, não precisa”, me interrompeu Tom rapidamente. “A Myrtle vai ficar magoada se você não for conhecer o apartamento. Não é, Myrtle?”

“Vamos”, ela insistiu. “Vou telefonar para minha irmã, Catherine. As boas línguas dizem que ela é muito bonita.”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Eu gostaria, mas–”

Prosseguimos, cruzando o parque na direção de West Hundreds. Na rua 158 o táxi parou ao lado de um bloco de apartamentos. Lançando um olhar majestoso pela redondeza como quem volta para casa, a Sra. Wilson juntou o cachorro e as demais compras e foi ativa para dentro.

“Vou chamar os McKee”, ela anunciou enquanto subíamos de elevador. *“E, é claro, vou ligar para a minha irmã também.”*

O apartamento ficava na cobertura – uma sala de estar pequena, uma pequena sala de jantar, um quarto pequeno e um banheiro. A sala era coberta até as portas por um jogo de móveis cobertos de tapeçaria grandes demais para o cômodo, então se mover pela sala significava tropeçar continuamente em cenas de mulheres se balançando pelos jardins de Versailles. O único quadro era uma fotografia ampliada, aparentemente de uma galinha sentada em uma pedra embaçada. Olhando de longe, no entanto, a galinha se

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

transformou em um gorro, e o semblante de uma senhora idosa e robusta iluminou a sala. Vários exemplares antigos de *Town Tattle* estavam sobre a mesa, juntamente com um exemplar do livro *Simon Called Peter*, de Robert Keable, e algumas revistas de escândalos da Broadway. A Sra. Wilson se preocupou primeiro com o cachorro. Um ascensorista relutante foi buscar uma caixa cheia de palha e um pouco de leite, ao que acrescentou, por iniciativa própria, uma lata de biscoitos grandes e duros para cães – um dos quais se decompôs apaticamente no pires de leite durante toda a tarde. Enquanto isso, Tom tirou uma garrafa de uísque da porta trancada da escrivaninha.

Eu só fiquei bêbado duas vezes na minha vida, e a segunda vez foi naquela tarde; então tudo que aconteceu está coberto por uma névoa na minha lembrança, apesar do apartamento estar iluminado pelo sol até umas oito da noite. Sentada no colo de Tom, a Sra. Wilson telefonou para várias pessoas; então acabaram os cigarros e eu fui para a loja da esquina comprar alguns. Quando voltei, os dois tinham desaparecido, então sentei discre-

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

tamente em um canto da sala e li um capítulo de Simon Called Peter – que ou era um livro péssimo ou o uísque distorceu as palavras, porque o livro não fez nenhum sentido para mim.

Assim que Tom e Myrtle (depois da primeira bebida começamos a nos chamar pelos primeiros nomes) reapareceram, as visitas começaram a chegar pela porta do apartamento.

A irmã, Catherine, era uma moça esbelta e mundana de cerca de trinta anos, com um cabelo ruivo sólido e pegajoso e uma tez branca e leitosa. Suas sobrancelhas haviam sido tiradas e depois desenhadas novamente em um ângulo mais definido, mas os esforços da natureza para restaurar o antigo alinhamento davam um ar embaçado ao seu rosto. Quando ela se movia, ouvia-se um estalar incessante de inúmeras pulseiras de cerâmica balançando para cima e para baixo em seus braços. Ela entrou com tanta pressa e olhou para os móveis de forma tão possessiva que me perguntei se ela morava aqui. Mas quando lhe perguntei, ela riu imoderadamente,

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

repetiu minha pergunta em voz alta e disse que morava com uma amiga em um hotel.

O Sr. McKee era um homem pálido e feminino do apartamento de baixo. Ele tinha acabado de se barbear, como indicava uma mancha branca de espuma em sua bochecha, e cumprimentou todos na sala com muito respeito. Ele me informou que estava no “*meio artístico*” e, mais tarde, percebi que ele era fotógrafo e que havia feito a ampliação sombria da mãe da Sra. Wilson que pairava como um ectoplasma na parede. Sua esposa era estridente, lânguida, bonita e horrível. Ela me disse com orgulho que seu marido a havia fotografado cento e vinte e sete vezes desde que se casaram.

A Sra. Wilson havia mudado seu traje algum tempo antes e agora estava vestida com um elaborado vestido de chiffon creme, que fazia um farfalhar contínuo quando ela andava pela sala. Com a influência do vestido, sua personalidade também havia sofrido uma mudança. A intensa vitalidade que havia sido tão notável na garagem

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

se converteu em um orgulho impressionante. Seu riso, seus gestos e suas afirmações tornaram-se mais violentamente afetados a cada momento e, à medida que ela se expandia, a sala ficava menor ao seu redor, até que ela parecia estar girando em um pivô barulhento e rangente no ar esfumaçado.

“Minha querida”, disse ela à irmã com um grito agudo e melancólico, “a maioria das pessoas sempre vai enganá-la. Elas só pensam em dinheiro. Na semana passada, uma mulher veio aqui para examinar meus pés e, quando ela me deu a conta, daria para pensar que ela tinha tirado minha apendicite”.

“Qual era o nome dessa mulher?”, perguntou a Sra. McKee.

“Sra. Eberhardt. Ela anda por aí indo na casa das pessoas e examinando seus pés.”

“Gostei do seu vestido”, comentou a Sra. McKee, “acho que é adorável”.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

A Sra. Wilson rejeitou o elogio levantando a sobrancelha com um sinal de desdém.

“É apenas uma coisa velha e maluca”, disse ela. “Eu o uso às vezes quando não quero me importar com a aparência.”

“Mas fica maravilhoso em você, se é que me entende”, prosseguiu a Sra. McKee. “Se o Chester conseguisse fazer com que você ficasse nessa pose, acho que ele conseguiria fazer alguma coisa.”

Todos nós olhamos em silêncio para a Sra. Wilson, que tirou uma mecha de cabelo dos olhos e olhou para nós com um sorriso brilhante. O Sr. McKee a observou atentamente com a cabeça inclinada para um lado e depois moveu a mão para frente e para trás lentamente na frente do seu rosto.

“Eu deveria mudar a luz”, disse ele depois de um momento. “Eu gostaria de realçar a modelagem das feições. E eu tentaria pegar todo o cabelo da parte de trás.”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“*Eu não pensaria em mudar a luz*”, gritou a Sra. McKee. “*Acho que é—*”

Seu marido disse “*Shhh!*” e todos nós olhamos para a Sra. Wilson novamente, quando Tom Buchanan bocejou audivelmente e se levantou.

“*Vocês, McKee, precisam de algo para beber*”, disse ele. “*Pegue mais gelo e água mineral, Myrtle, antes que todo mundo acabe dormindo.*”

“*Eu pedi gelo para aquele garoto.*” Myrtle ergueu as sobrancelhas em desespero pela ineficiência das ordens inferiores. “*Essas pessoas! Você tem que ficar atrás deles o tempo todo.*”

Ela olhou para mim e riu sem sentido. Em seguida, ela se aproximou do cachorro, beijou-o com êxtase e foi para a cozinha, dando a entender que uma dúzia de chefs aguardavam lá pelas suas ordens.

“*Já fiz algumas coisas boas em Long Island*”, afirmou o Sr. McKee.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Tom olhou para ele sem expressão.

“Dois deles estão emoldurados no andar de baixo.”

“Dois o quê?”, perguntou Tom.

“Dois estudos. Um deles eu chamo de Montauk Point – As Gaivotas e o outro de Montauk Point – O Mar.”

Catherine, a irmã, sentou-se ao meu lado no sofá.

“Você também mora em Long Island?”, perguntou ela.

“Moro em West Egg.”

“É mesmo? Eu fui lá para uma festa há cerca de um mês. Na casa de um homem chamado Gatsby. Você o conhece?”

“Eu moro ao lado dele.”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Bem, dizem que ele é sobrinho ou primo do Kaiser Wilhelm. É daí que vem todo o seu dinheiro.”

“É mesmo?”

Ela assentiu com a cabeça.

“Tenho medo dele. Detestaria que ele tivesse algo contra mim.”

Essa informação fascinante sobre meu vizinho foi interrompida pelo fato de a Sra. McKee ter apontado repentinamente para Catherine:

“Chester, acho que você poderia fazer algo com ela”, disse ela, mas o Sr. McKee apenas acenou com a cabeça, entediado, e voltou sua atenção para Tom.

“Eu gostaria de trabalhar mais em Long Island, se pudesse conseguir uma entrada. Tudo o que eu peço é que eles me deem uma chance.”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“*Peça a Myrtle*”, disse Tom, gargalhando quando a Sra. Wilson entrou com uma bandeja. “*Ela lhe dará uma carta de apresentação, não é mesmo, Myrtle?*”

“*Dar o quê?*”, perguntou ela, assustada.

“*Você dará a McKee uma carta de apresentação para seu marido, para que ele possa fazer alguns estudos sobre ele.*” Seus lábios se moveram silenciosamente por um momento enquanto ele inventava: “*George B. Wilson na Bomba de Gasolina, ou algo assim*”.

Catherine se inclinou para perto de mim e sussurrou em meu ouvido:

“*Nenhum deles aguenta a pessoa com quem casaram.*”

“*Não?*”

“*Não aguentam.*” Ela olhou para Myrtle e depois para Tom. “*O que eu digo é: por que continu-*

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

ar vivendo com eles se não os aguentam mais? Se eu fosse eles, pediria o divórcio e me casaria um com o outro imediatamente.”

“Ela também não gosta do Wilson?”

A resposta para esta pergunta foi inesperada. Veio de Myrtle, que ouvira a pergunta, e foi violenta e obscena.

“Veja”, Catharine gritou triunfante. E em seguida baixou a voz. “Mas no fim, é por causa da esposa dele que eles ainda não casaram. Ela é católica, e eles não acreditam em divórcio”.

Daisy não era católica, e eu fiquei um pouco chocado com o nível de elaboração da mentira.

“Quando eles casarem”, Catherine continuou, “eles vão morar um pouco no Oeste para esperar a poeira baixar”.

“Seria mais discreto ir para a Europa”.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Oh, você gosta da Europa?”, ela exclamou surpresa. “Acabei de voltar de Monte Carlo.”

“É mesmo?”

“No ano passado. Fui com uma outra garota”.

“Bastante tempo?”

“Não, fomos até Monte Carlo e voltamos. Fomos por Marseilles. Tínhamos mais de mil e duzentos dólares quando começamos a viagem, mas perdemos tudo em dois dias em quartos privados. Tivemos muitos problemas para voltar, isso posso afirmar. Meu Deus, como odiei aquela cidade!”

O céu do final da tarde floresceu na janela por um momento como o mel azul do Mediterrâneo – então a voz estridente da Sra. McKee me chamou de volta ao cômodo.

“Eu também quase cometi um erro”, declarou ela vigorosamente. “Quase me casei com um pequeno judeu que estava me perseguindo há anos. Eu sabia

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

que ele era inferior a mim. Todos me diziam: ‘Lucille, aquele homem está muito abaixo de você!’ Mas, se eu não tivesse conhecido o Chester, ele teria me conquistado com certeza.”

“Sim, mas veja”, disse Myrtle Wilson, balançando a cabeça para cima e para baixo, “pelo menos você não se casou com ele”.

“Eu sei que não.”

“Bem, eu me casei com ele”, disse Myrtle, de modo ambíguo. “E essa é a diferença entre o seu caso e o meu.”

“Por que você se casou, Myrtle?”, perguntou Catherine. “Ninguém a forçou.”

Myrtle pensou.

“Eu casei com ele porque pensei que ele era um cavalheiro”, ela disse finalmente. “Achava que ele sabia algo sobre boas maneiras, mas ele não serve nem para lambar meu sapato.”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Você era louca por ele durante um tempo”, disse Catherine.

“Louca por ele!”, gritou Myrtle incrédula. “Quem disse que eu era louca por ele? Eu nunca fui mais louca por ele do que por aquele homem ali.”

Ela apontou repentinamente para mim, e todos lançaram olhares incriminadores na minha direção. Tentei mostrar com a minha expressão que eu não esperava nenhuma simpatia.

“Só fui louca quando me casei com ele. Percebi imediatamente que havia cometido um erro. Ele pegou emprestado o melhor terno de alguém para se casar e nem sequer me contou, e o homem veio atrás dele um dia quando ele estava fora: ‘Ah, este terno é seu?’, eu disse. ‘Esta é a primeira vez que ouço falar disso’. Mas o entreguei para o homem e depois me deitei e chorei a tarde toda.”

“Ela realmente precisa se afastar dele”, continuou Catherine para mim. “Eles estão morando naquela

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

oficina há onze anos. E Tom é o primeiro amante que ela teve.”

A garrafa de uísque – a segunda – agora era constantemente solicitada por todos os presentes, exceto por Catherine, que “*se sentia bastante bem sem beber nada*”. Tom chamou o zelador e mandou-o buscar alguns sanduíches famosos, que eram um jantar completo por si só. Eu queria sair e caminhar para o leste, em direção ao parque, em meio ao suave crepúsculo, mas cada vez que tentava sair, ficava enredado em alguma discussão selvagem e estridente que me puxava de volta, como se estivesse preso por cordas, para minha cadeira. No entanto, no alto da cidade, nossa linha de janelas iluminadas deve ter contribuído com uma parcela de segredo humano para algum observador casual que andava pelas ruas escuras, e eu também o vi, olhando para cima e imaginando. Eu estava dentro e fora, ao mesmo tempo encantado e repelido pela variedade inesgotável da vida.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Myrtle puxou sua cadeira para perto da minha e, de repente, seu hálito quente jorrou sobre mim a história de seu primeiro encontro com Tom.

“Foi naqueles dois assentos pequenos, um de frente para o outro, que sempre sobram no trem. Eu estava indo para Nova York para ver minha irmã e passar a noite. Ele estava de terno e sapatos de couro envernizado, e eu não conseguia tirar os olhos dele, mas toda vez que ele olhava para mim, eu tinha de fingir que estava olhando para o anúncio sobre sua cabeça. Quando entramos na estação, ele estava ao meu lado e a frente de sua camisa branca encostou no meu braço, então eu disse a ele que teria de chamar um policial, mas ele sabia que eu estava mentindo. Eu estava tão empolgada que, quando entrei em um táxi com ele, mal sabia que não estava entrando em um trem do metrô. Tudo o que eu pensava, repetidamente, era ‘Você não vai viver para sempre; você não vai viver para sempre’.”

Ela se virou para a Sra. McKee e a sala se encheu de seu riso artificial.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Minha querida”, disse ela, “vou lhe dar esse vestido assim que terminar de usá-lo. Tenho que comprar outro amanhã. Vou fazer uma lista de todas as coisas que tenho que comprar. Uma massagem e um penteado, e uma coleira para o cachorro, e um daqueles cinzeiros bonitinhos em que você toca uma mola, e uma coroa de flores com um laço de seda preta para o túmulo da mamãe, dessas que duram o verão inteiro. Preciso fazer uma lista para não me esquecer de todas as coisas que tenho que fazer.”

Eram nove horas – quase imediatamente depois olhei para o relógio e vi que eram dez. O Sr. McKee estava dormindo em uma cadeira com os punhos cerrados no colo, como uma fotografia de um homem de ação. Pegando meu lenço, limpei de sua bochecha a mancha de espuma seca que havia me incomodado durante toda a tarde.

O cachorrinho estava sentado na mesa, olhando com olhos cegos através da fumaça e, de vez em quando, gemendo fracamente. As pessoas desapareciam, reapareciam, faziam planos para ir a algum lugar e depois se perdiam, procuravam

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

umas às outras e se encontravam a poucos metros de distância. Algum tempo depois da meia-noite, Tom Buchanan e a Sra. Wilson ficaram frente a frente discutindo, com vozes apaixonadas, se a Sra. Wilson tinha algum direito de mencionar o nome de Daisy.

“Daisy! Daisy! Daisy!”, gritava a Sra. Wilson.
“Eu o direi sempre que quiser! Daisy! Dai—”

Com um movimento curto e hábil, Tom Buchanan lhe acertou com a mão aberta e quebrou seu nariz.

Em seguida, havia toalhas ensanguentadas no chão do banheiro, vozes de mulheres gritando e, no alto da confusão, um longo e quebrado lamento de dor. O Sr. McKee acordou de seu cochilo e se dirigiu atordoado para a porta. Depois de percorrer metade do caminho, ele se virou e olhou para a cena – sua esposa e Catherine repreendendo e consolando enquanto tropeçavam aqui e ali entre os móveis no espaço apertado com artigos de primeiros socorros, e a figura desesperada no

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

sofá, sangrando fluentemente e tentando espalhar uma cópia do Town Tattle sobre as cenas de tapeçaria de Versalhes. Então o Sr. McKee se virou e saiu pela porta. Peguei meu chapéu no lustre e o segui.

“*Venha almoçar um dia desses*”, sugeriu ele, enquanto descíamos de elevador.

“*Onde?*”

“*Em qualquer lugar.*”

“*Tire as mãos da alavanca*”, gritou o ascensorista.

“*Peço perdão*”, disse o Sr. McKee com dignidade, “*eu não sabia que estava tocando nela*”.

“*Claro*”, concordei, “*ficarei feliz*”.

... Eu estava ao lado de sua cama e ele estava sentado entre os lençóis, só de cueca, com um grande portfólio nas mãos.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“A Bela e a Fera... Solidão... Velho Cavalo de Mercaria... Ponte do Brooklyn...”

Então eu estava deitado, meio dormindo, no andar inferior gelado da Pennsylvania Station, olhando para o Tribune da manhã e esperando o trem das quatro horas.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

III

Havia música na casa do meu vizinho durante as noites de verão. Em seus jardins azuis, homens e moças iam e vinham como mariposas entre os sussurros, o champanhe e as estrelas. Na maré alta, à tarde, eu observava seus convidados mergulhando da torre de sua jangada ou tomando sol na areia quente de sua praia, enquanto seus dois barcos a motor cortavam as águas do estuário, puxando hidroaviões sobre cataratas de espuma. Nos fins de semana, seu Rolls-Royce se transformava em um ônibus, transportando grupos de e para a cidade entre as nove da manhã e a meia-noite, enquanto sua perua corria como um inseto amarelo em encontro dos trens. E, às segundas-feiras, oito empregados, incluindo um jardineiro extra, trabalhavam o dia inteiro com esfregões e escovas, martelos e tesouras de jardinagem, consertando os estragos das noites anteriores.

Todas as sextas-feiras, cinco caixas de laranjas e limões chegavam de um fruteiro de Nova York – todas as segundas-feiras, essas mesmas laranjas e limões saíam pela porta dos fundos em

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

uma pirâmide de metades sem polpa. Havia uma máquina na cozinha que podia extrair o suco de duzentas laranjas em meia hora se um pequeno botão fosse pressionado duzentas vezes pelo polegar de um mordomo.

Pelo menos uma vez a cada quinze dias, um grupo de fornecedores descia com centenas de metros de lona e luzes coloridas em quantidade suficiente para fazer uma árvore de Natal no enorme jardim de Gatsby. Nas mesas do buffet, enfeitadas com aperitivos reluzentes, presuntos assados com especiarias se amontoavam em meio a saladas com desenhos de arlequim, porcos e perus cozidos até atingirem um dourado escuro quase mágico. No salão principal, era montado um bar com um autêntico corrimão de latão, abastecido com gins, licores e cordiais esquecidos há tanto tempo que a maioria das convidadas era jovem demais para distinguir um do outro.

Por volta das sete horas, a orquestra tinha chegado, e nada de uma pequena orquestra de cinco músicos, mas de um amontado de oboés,

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

trombones, saxofones, violas, cornetas e flautins, e tambores baixos e altos. Os últimos banhistas chegaram da praia e se vestiram no andar de cima; os carros de Nova York estacionaram a cinco metros da entrada, e os salões e varandas ficavam cheios de cores primárias, cabelos penteados de maneiras novas e estranhas, e xales que vão além dos sonhos de Castela. O bar está a todo vapor, e rodadas flutuantes de coquetéis permeiam o jardim do lado de fora, até que o ar fique vivo com conversas e risadas, insinuações casuais e pessoas se conhecendo apenas para serem imediatamente esquecidas, além de encontros entusiasmados entre mulheres que nunca souberam os nomes umas das outras.

As luzes ficam mais brilhantes à medida que a Terra se afasta do sol, e agora a orquestra começa a tocar música de coquetel de altíssima qualidade, fazendo com que a ópera de vozes suba um tom. O riso fica mais fácil a cada minuto, derramado em abundância e interrompido por uma palavra alegre. Os grupos mudam cada vez com mais rapidez, aumentando com os recém-che-

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

gados, dissolvendo-se e se formando no mesmo instante; já existem as errantes, garotas confiantes que se misturam aqui e ali entre os grupos mais robustos e estáveis, tornam-se, por um momento agudo e alegre, o centro de um grupo e, em seguida, animadas com o triunfo, deslizam pelo mar de rostos, vozes e cores sob a luz que muda constantemente.

De repente, uma dessas ciganas, com um vestido tremeluzente e iridescente, pega um coquetel do ar, bebe-o para ganhar coragem e, movendo as mãos como Frisco, dança sozinha na plataforma de lona. Um silêncio momentâneo; o regente da orquestra varia seu ritmo para ela, e há uma explosão de conversas quando a notícia falsa de que ela é a substituta de Gilda Gray no musical Follies se espalha. A festa começou.

Acredito que, na primeira noite em que fui à casa de Gatsby, eu era um dos poucos presentes que realmente havia sido convidado. As pessoas não eram convidadas – elas iam até lá. Elas entraram em automóveis que as levaram até Long

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Island e, de alguma forma, acabaram chegando à porta de Gatsby. Uma vez lá, eram apresentadas por alguém que conhecia Gatsby e, depois disso, se comportavam de acordo com as regras de comportamento associadas a um parque de diversões. Às vezes, elas entravam e saíam sem ter conhecido Gatsby, vinham para a festa com uma simplicidade de coração que era seu próprio ingresso de admissão.

Mas eu havia sido convidado. Um motorista com um uniforme azul-escuro cruzou meu gramado na manhã daquele sábado com um bilhete surpreendentemente formal de seu empregador: a honra seria inteiramente de Gatsby, dizia, se eu comparecesse à sua “*pequena festa*” naquela noite. Ele já havia me visto várias vezes e tinha a intenção de me visitar muito antes, mas uma combinação peculiar de circunstâncias o impediu – assinado por Jay Gatsby, em uma escrita majestosa.

Vestido com roupas brancas de flanela, fui até seu gramado um pouco depois das sete e andei

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

um pouco desconfortável em meio a redemoinhos de pessoas que eu não conhecia – embora aqui e ali estivesse um rosto que eu já havia notado no trem. Fiquei imediatamente impressionado com o número de jovens ingleses espalhados; todos bem vestidos, todos parecendo um pouco famintos e conversando em voz baixa e séria com americanos sólidos e prósperos. Eu tinha certeza de que eles estavam vendendo alguma coisa: títulos, seguros ou automóveis. Eles estavam, pelo menos, agonizantemente cientes do dinheiro fácil que havia nas redondezas e convencidos de que esse dinheiro seria deles em troca de algumas palavras no tom certo.

Assim que cheguei, tentei encontrar meu anfitrião, mas as duas ou três pessoas a quem perguntei sobre seu paradeiro me olharam com tal espanto e negaram com tanta veemência qualquer conhecimento de seus movimentos, que me afastei em direção à mesa de coquetéis – o único lugar no jardim onde um homem poderia ficar sem parecer sem propósito e sozinho.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Eu estava prestes a ficar bêbado de puro constrangimento quando Jordan Baker saiu da casa e parou no alto dos degraus de mármore, inclinando-se um pouco para trás e olhando com um interesse desdenhoso para o jardim.

Bem-vindo ou não, achei necessário me apegar a alguém antes de começar a fazer comentários cordiais aos transeuntes.

“*Olá!*” gritei, avançando em direção a ela. Minha voz parecia estranhamente alta pelo jardim.

“*Pensei que você estaria aqui*”, respondeu ela, distraidamente, enquanto eu me aproximava. “*Lembrei que você morava na casa ao lado de-*”

Ela segurou minha mão de forma impessoal, como uma promessa de que cuidaria de mim em um minuto, e deu ouvidos a duas meninas com vestidos amarelos idênticos, que pararam no pé da escada.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Olá!”, elas gritaram juntas. “Sentimos muito por você não ter ganhado.”

Era uma referência ao torneio de golfe. Ela havia perdido na final na semana anterior.

“Você não sabe quem somos”, disse uma das garotas de amarelo, “mas nós a conhecemos aqui há cerca de um mês”.

“Você pintou o cabelo desde então”, comentou Jordan, mas as garotas tinham se afastado casualmente e o comentário dela foi dirigido à lua prematura, produzida como o jantar, sem dúvida, a partir da cesta de um fornecedor. Com o braço fino e dourado de Jordan apoiado no meu, descemos os degraus e passeamos pelo jardim. Uma bandeja de coquetéis flutuou até nós através do crepúsculo, e nos sentamos à mesa com as duas moças de amarelo e três homens, cada um deles apresentado como Sr. Mumble.

“Você vem para estas festas com frequência?”, perguntou Jordan para a garota ao seu lado.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“A última que vim foi quando nos conhecemos”, respondeu a garota, com uma voz confiante e atenta. “Você também, Lucille?”

Era o mesmo caso para Lucille.

“Eu gosto de vir”, disse Lucille. “Não importa o que faça, acabo sempre me divertindo. Quando estive aqui pela última vez, rasguei meu vestido em uma cadeira e ele me perguntou meu nome e endereço – em uma semana, recebi um pacote da Croirier com um vestido de festa novo.”

“Você ficou com o vestido?”, perguntou Jordan.

“Claro que sim. Eu ia usá-lo hoje à noite, mas ele era muito grande no busto e teve de ser alterado. É azul claro com contas de lavanda. Cento e sessenta e cinco dólares.”

“Há algo de engraçado em um sujeito que faz esse tipo de coisa”, disse a outra garota com entusiasmo. “Ele não quer ter problemas com ninguém.”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“*Quem não quer?*”, perguntei.

“*Gatsby. Me falaram que—*”

As duas garotas e Jordan se juntaram em confiança.

“*Alguém me disse que acham que ele já matou um homem*”.

Um arrepio passou por todos nós. Os três Srs. Mumble se inclinaram para frente e ouviram atentamente.

“*Não acho que seja isso*”, Lucille argumentou cética. “*Acho que tem mais a ver com ele ter sido um espião alemão durante a guerra*”.

Um dos homens confirmou com um movimento de cabeça.

“*Eu ouvi a mesma coisa de um homem que sabia tudo sobre ele, que cresceu com ele na Alemanha*”, ele nos assegurou.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Ah, não”, disse a primeira garota. “Não pode ser isso, porque ele estava no Exército Americano durante a guerra”. Quando nossa credulidade voltou para ela, ela se inclinou para frente com entusiasmo. “Olhem para ele quando ele acha que ninguém está olhando. Aposto que ele matou um homem.”

Ela estreitou os olhos e estremeceu. Lucille também se arrepiou. Todos nós nos viramos e olhamos em volta à procura de Gatsby. O fato de que pessoas que não sentiam necessidade de sussurrar por muita coisa sentiam necessidade de sussurrar para falar sobre Gatsby era um testemunho da especulação romântica que ele inspirava.

O primeiro jantar – haveria outro depois da meia-noite – estava sendo servido, e Jordan me convidou para me juntar ao seu próprio grupo, que estava espalhado em torno de uma mesa do outro lado do jardim. Havia três casais casados e o acompanhante de Jordan, um universitário persistente, dado a insinuações violentas e, obviamente com a impressão de que, mais cedo ou

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

mais tarde, Jordan cederia a ele em maior ou menor grau. Em vez de se separar, esse grupo havia preservado uma homogeneidade digna e assumido a função de representar a nobreza séria do interior – East Egg sendo condescendente com West Egg e cuidadosamente em guarda contra sua alegria espectroscópica.

“*Vamos embora*”, sussurrou Jordan, depois de uma meia hora um tanto desperdiçada e inadequada; “*isso está educado demais para mim*”.

Levantamos, e ela explicou a todos que iríamos procurar o anfitrião: eu nunca o havia conhecido, ela disse, e isto estava me deixando agitado. O universitário acenou de um jeito cínico e melancólico.

O bar, onde passamos primeiro, estava cheio, mas Gatsby não estava lá. Ela não o viu do topo das escadas, e ele não estava na varanda. Tentamos a sorte passando por uma porta com aparência oponente, entrando em uma biblioteca gótica de pé-direito alto, com painéis de carvalho inglês

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

esculpido, e provavelmente transportada de uma ruína estrangeira.

Um homem corpulento, de meia-idade, com enormes óculos de olhos de coruja, estava sentado um pouco bêbado na beirada de uma grande mesa, olhando com concentração instável para as prateleiras de livros. Quando entramos, ele se virou com entusiasmo e examinou Jordan da cabeça aos pés.

“O que você acha?”, ele perguntou impetuosamente.

“Sobre o quê?”

Ele acenou com a mão em direção às estantes de livros.

“Sobre isso. Na verdade, você não precisa se preocupar em saber. Eu já me certifiquei. Eles são reais.”

“Os livros?”

Ele assentiu com um movimento da cabeça.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Absurdamente reais – com páginas e tudo. Eu achei que seriam de um bom papelão durável. Mas, na verdade, são absurdamente reais. Páginas e – aqui! Vou mostrar.”

Tomando nosso ceticismo como certo, ele correu até as estantes e voltou com o primeiro volume das Palestras de Stoddard.

“Veja!”, ele afirmou triunfante. *“É um item autêntico de material impresso. Me enganou. Esse cara é um Belasco sem tirar nem pôr. É um triunfo. Que rigor! Que realismo! Também soube quando parar – não cortou as páginas. Mas o que você iria querer? O que você esperaria?”*

Ele arrancou o livro de mim e o recolocou apressadamente em sua prateleira, murmurando que, se um tijolo fosse removido, toda a biblioteca poderia desabar.

“Vocês vieram com quem?”, ele perguntou. *“Ou vocês simplesmente vieram? Eu fui trazido. A maioria das pessoas veio com alguém.”*

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Jordan olhou para ele atentamente, alegremente, sem responder.

“Fui trazido por uma mulher chamada Roosevelt”, continuou ele. “A Sra. Claud Roosevelt. Vocês a conhecem? Eu a conheci em algum lugar ontem à noite. Estou bêbado há cerca de uma semana e achei que sentar em uma biblioteca poderia me deixar sóbrio.”

“Funcionou?”

“Um pouco, eu acho. Ainda não sei dizer. Estou aqui há apenas uma hora. Eu lhe contei sobre os livros? Eles são reais. São mesmo.”

“Você nos contou.”

Nós o cumprimentamos gravemente e voltamos para a área externa.

Agora as pessoas dançavam na tenda do jardim; homens idosos empurrando moças para trás em círculos eternos e sem graça, casais superiores se abraçando de forma tortuosa e elegante,

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

mantendo-se nos cantos – e um grande número de moças solteiras dançando individualmente ou aliviando a orquestra por um momento do fardo do banjo e da percussão. À meia-noite, a alegria havia aumentado. Um célebre tenor cantou em italiano e um notório contralto cantou jazz e, entre as apresentações, as pessoas faziam “*acrobacias*” por todo o jardim, enquanto gargalhadas alegres e vazias subiam em direção ao céu de verão. Um par de atrizes gêmeas, que se revelaram ser as garotas de amarelo, fizeram uma apresentação fantasiadas de bebê, e champanhe foi servido em copos maiores do que pequenas tigelas. A lua estava mais alta no céu, e flutuando no estuário havia um triângulo de escamas prateadas, tremendo um pouco ao som dos banjos do gramado.

Eu ainda estava com Jordan Baker. Estávamos sentados em uma mesa com um homem mais ou menos da minha idade e uma garotinha bagunceira que, à menor provocação, dava risadas incontrolláveis. Eu estava me divertindo agora. Tinha tomado duas taças de champanhe e a cena

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

havia se transformado diante de meus olhos em algo significativo, elementar e profundo.

Em uma pausa no entretenimento, o homem olhou para mim e sorriu.

“Seu rosto me é familiar”, disse ele educadamente. “Você não estava na Primeira Divisão durante a guerra?”

“Sim, claro. Eu estava na Vigésima Oitava Infantaria.”

“Eu estava na Décima Sexta até junho de 1918. Eu sabia que já tínhamos nos visto em algum lugar.”

Conversamos por um momento sobre alguns vilarejos úmidos e cinzentos da França. Evidentemente, ele morava nas redondezas, pois me disse que tinha acabado de comprar um hidroavião e que iria testá-lo pela manhã.

“Quer ir comigo, meu caro? Só por perto da costa, ao longo do estuário”.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Que horas?”

“O horário que for mais adequado para você.”

Estava prestes a perguntar a ele o seu nome quando Jordan olhou ao redor e sorriu.

“Está se divertindo agora?”, ela perguntou.

“Sim, muito mais”. Então virei para meu novo conhecido. “Esta é uma festa incomum para mim. Eu ainda nem vi o anfitrião. Eu moro logo ali –”, eu disse apontando para a sebe invisível à distância, “e esse tal de Gatsby mandou o motorista com um convite para mim”.

Por um momento, ele olhou para mim como se não tivesse entendido.

“Eu sou o Gatsby”, disse de repente.

“O quê!”, exclamei. “Ah, peço perdão”.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Eu pensei que você sabia, meu caro. Sinto que não sou um bom anfitrião.”

Ele sorriu de forma compreensiva – muito mais do que compreensiva. Era um daqueles raros sorrisos com uma qualidade de eterna segurança, que você talvez encontre quatro ou cinco vezes na vida. Ele encarava – ou parecia encarar – todo o mundo eterno por um instante e depois se concentrava em você com uma opinião irresistível a seu favor. Ele o entendia exatamente como você queria ser entendido, acreditava em você como você gostaria de acreditar em si mesmo e garantia que tinha exatamente a impressão que você esperava transmitir no seu melhor momento. Exatamente nesse ponto, o sorriso desapareceu – e eu estava olhando para um jovem elegante e rude, com um ou dois anos a mais de trinta, cuja elaborada formalidade na fala não chegava a ser absurda. Algum tempo antes de ele se apresentar, tive a forte impressão de que ele estava escolhendo suas palavras com cuidado.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Quase no momento em que o Sr. Gatsby se identificou, um mordomo correu em sua direção com a informação de que Chicago estava ligando para ele. Ele se desculpou com uma pequena reverência dirigida a cada um de nós.

“Se quiser algo é só pedir, meu caro”, ele me incitou. *“Com licença. Me juntarei a você mais tarde”*.

Quando ele partiu, me virei imediatamente para Jordan – constrangido a lhe assegurar minha surpresa. Eu esperava que o Sr. Gatsby fosse uma pessoa florida e corpulenta de meia-idade.

“Quem é ele?”, eu perguntei. *“Você sabe?”*

“Ele é apenas um homem chamado Gatsby.”

“Mas de onde ele é, quero dizer? O que ele faz?”

“Agora você entrou no assunto”, ela respondeu com um sorrisinho. *“Bem, ele me disse que já foi um homem de Oxford”*.

[voltar para o índice](#)

O G R A N D E G A T S B Y
F. S C O T T F I T Z G E R A L D

GAZETA DO POVO

Um fundo sombrio começou a tomar forma atrás dele, mas quando ela fez a próxima observação, ele desapareceu.

“No entanto, eu não acredito nisso”.

“Por que não?”

“Não sei”, insistiu ela, “só acho que ele não estudou lá”.

Algo em seu tom me fez lembrar o da outra garota, *“Acho que ele matou um homem”*, e teve o efeito de estimular minha curiosidade. Eu teria aceitado, sem questionar, a informação de que Gatsby veio dos pântanos da Louisiana ou do Lower East Side de Nova York. Isso era compreensível. Mas sair do nada e comprar um palácio no estuário de Long Island era algo que os jovens simplesmente não faziam – pelo menos, na minha inexperiência provinciana, eu acreditava que não faziam.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“De qualquer forma, ele dá festas grandes”, disse Jordan, mudando de assunto com uma aversão urbana ao concreto. “E eu gosto de festas grandes. Elas são tão íntimas. Em festas pequenas não há privacidade”.

Houve o estrondo de um bumbo, e a voz do líder da orquestra soou repentinamente acima da ecolalia do jardim.

“Senhoras e senhores”, ele gritou. “A pedido do Sr. Gatsby, vamos tocar para vocês o último trabalho do Sr. Vladimir Tostoff, que atraiu tanta atenção no Carnegie Hall em maio passado. Quem leu os jornais sabe que foi uma grande sensação.” Ele sorriu com condescendência jovial e acrescentou: *“Uma sensação em tanto!”* E todos riram.

“A obra é conhecida”, concluiu ele com entusiasmo, “como Vladimir Tostoff’s Jazz History of the World!”

A natureza da composição do Sr. Tostoff me escapou, porque assim que começou, meus olhos

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

se voltaram para Gatsby, que estava sozinho nos degraus de mármore e olhava de um grupo para outro com olhos de aprovação. Sua pele bronzeada desenhava o seu rosto de forma atraente e seu cabelo curto parecia ser aparado diariamente. Eu não conseguia ver nada de sinistro nele. Eu me perguntava se o fato de ele não estar bebendo ajudava a distanciá-lo dos convidados, pois me parecia que ele ficava mais correto à medida que a hilaridade coletiva aumentava. Quando a Jazz History of the World terminou, algumas moças estavam colocando suas cabeças nos ombros dos homens de uma maneira alegre, como filhotes de cachorro, algumas estavam desmaiando para trás, brincando nos braços dos homens, até mesmo em grupos, sabendo que alguém iria segurar suas quedas – mas ninguém se jogou em cima de Gatsby, e nenhum french bob tocou o ombro de Gatsby, e nenhum quarteto de cantores foi formado tendo Gatsby como um membro.

“Com licença.”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

O mordomo de Gatsby estava de repente ao nosso lado.

“*Srta. Baker?*”, perguntou ele. “*Com licença, mas o Sr. Gatsby gostaria de falar com a senhorita a sós.*”

“*Comigo?*”, ela perguntou surpresa.

“*Sim, madame.*”

Ela se levantou lentamente, erguendo as sobrancelhas para mim com espanto, e seguiu o mordomo em direção à casa. Notei que ela usava seu vestido de festa, e todos os seus vestidos, como se fossem roupas esportivas – havia uma alegria em seus movimentos como se ela tivesse aprendido a andar em campos de golfe em manhãs limpas e frescas.

Eu estava sozinho e já eram quase duas horas. Havia algum tempo, sons confusos e intrigantes vinham de uma sala comprida, com muitas janelas, que davam para o terraço. Evitando o universitário de Jordan, que agora estava envolvido

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

em uma conversa obstétrica com duas coristas, e que me implorou para me juntar a ele, entrei.

A grande sala estava cheia de pessoas. Uma das moças de amarelo estava tocando piano e, ao seu lado, uma jovem alta e ruiva, que participava de um famoso coral, cantava. Ela havia bebido uma grande quantidade de champanhe e, durante a canção, decidiu, de forma inepta, que tudo era muito, muito triste – ela não estava apenas cantando, estava chorando também. Sempre que havia uma pausa na música, ela a preenchia com soluços ofegantes e quebrados, e então retomava a letra em um soprano trêmulo. As lágrimas escorriam por suas bochechas – não livremente, entretanto, pois quando entravam em contato com seus cílios bem maquiados, assumiam uma cor escura e seguiam o resto do caminho em lentos riachos negros. Uma sugestão bem-humorada foi feita para que ela cantasse as notas em seu rosto, o que a levou a levantar as mãos, afundar em uma cadeira e cair em um sono profundo e vínico.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Ela brigou com um homem que diz ser seu marido”, explicou uma garota ao meu lado.

Olhei em volta. A maioria das mulheres restantes estava agora brigando com homens que diziam ser seus maridos. Até mesmo o grupo de Jordan, o quarteto de East Egg, estava dividido pela discórdia. Um dos homens estava conversando com uma intensidade curiosa com uma jovem atriz, e sua esposa, depois de tentar rir da situação de uma maneira digna e indiferente, desandou completamente e recorreu a ataques pelos flancos – em intervalos, ela aparecia de repente ao lado dele como um diamante furioso e sibilava: “*Você prometeu!*” em seu ouvido.

A relutância em voltar para casa não se limitava aos homens rebeldes. No momento, o salão estava ocupado por dois homens deploravelmente sóbrios e suas esposas altamente indignadas. As esposas estavam se solidarizando uma com a outra em vozes levemente elevadas.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Sempre que ele vê que estou me divertindo, ele quer ir para casa”.

“Nunca ouvi nada tão egoísta em minha vida.”

“Somos sempre os primeiros a sair.”

“Nós também.”

“Bem, somos quase os últimos da noite”, disse um dos homens, envergonhado. “A orquestra saiu há meia hora”.

Apesar de as esposas concordarem que tal malevolência estava além da credibilidade, a disputa terminou em uma breve luta, e ambas as esposas foram levadas, aos chutes, para dentro da noite.

Enquanto eu aguardava meu chapéu no corredor, a porta da biblioteca se abriu e Jordan Baker e Gatsby saíram juntos. Ele estava dizendo uma última palavra para ela, mas a ansiedade em seus modos se transformou abruptamente em forma-

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

lidade quando várias pessoas se aproximaram dele para se despedir.

O grupo de Jordan estava chamando-a impacientemente da varanda, mas ela se deteve por um momento para falar comigo.

“Acabei de ouvir a coisa mais incrível”, ela sussurrou para mim. *“Quanto tempo ficamos lá dentro?”*

“Cerca de uma hora.”

“Foi... simplesmente incrível”, ela repetiu de forma abstrata. *“Mas jurei que não contaria nada e aqui estou, tentando você.”* Ela bocejou graciosamente em meu rosto. *“Por favor, venha me ver... Lista telefônica... Sob o nome de Sra. Sigourney Howard... Minha tia...”* Ela estava se apressando enquanto falava – sua mão marrom acenava com uma saudação alegre enquanto ela se misturava ao seu grupo na porta.

Um tanto envergonhado por ter ficado até tão tarde em minha primeira aparição, juntei-me

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

aos últimos convidados de Gatsby, que estavam reunidos em torno dele. Eu queria explicar que o havia procurado no início da noite e pedir desculpas por não tê-lo reconhecido no jardim.

“Não mencione isso”, ele me pediu ansiosamente. *“Não pense mais nisso, meu caro.”* A expressão familiar não tinha mais familiaridade do que a mão que tocou meu ombro de forma tranquilizadora. *“E não se esqueça de que vamos subir no hidroavião amanhã de manhã, às nove horas.”*

Então o mordomo, por trás de seu ombro:

“Philadelphia está no telefone, senhor”.

“Está certo, só um minuto. Diga que já estarei lá... Boa noite.”

“Boa noite”.

“Boa noite”. Ele sorriu – e de repente parecia existir um significado agradável em estar entre os últimos a ir embora, como se fosse isso que

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

ele desejasse este tempo todo. “*Boa noite, meu caro... boa noite*”.

Mas, ao descer os degraus, vi que a noite ainda não havia terminado. A 15 metros da porta, uma dúzia de faróis iluminava uma cena bizarra e tumultuada. Na vala ao lado da estrada, com o lado direito para cima, mas violentamente desprovido de uma roda, repousava um cupê novo que havia saído da garagem de Gatsby apenas dois minutos antes. A saliência acentuada de um muro foi responsável pelo desprendimento da roda, que agora estava recebendo considerável atenção de meia dúzia de motoristas curiosos. No entanto, como eles haviam deixado seus carros bloqueando a estrada, um barulho áspero e discordante vindo dos que estavam atrás já era ouvido há algum tempo e aumentava a já violenta confusão da cena.

Um homem em um sobretudo longo havia saído dos destroços e agora estava parado no meio da estrada, olhando do carro para o pneu e do

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

pneu para os observadores de uma forma agradável e intrigada.

“*Veja!*”, explicou ele. “*Foi parar na vala*”.

O fato era infinitamente surpreendente para ele, e eu reconheci primeiro a qualidade incomum do espanto, e depois o homem – era o protetor da biblioteca de Gatsby.

“*Como foi que isso aconteceu?*”

Ele encolheu os ombros.

“*Não sei nada sobre mecânica*”, disse ele decidido.

“*Mas como isso aconteceu? Você se chocou contra a parede?*”

“*Não me pergunte*”, disse o Olhos de Coruja, tentando se safar da situação. “*Sei muito pouco sobre dirigir – quase nada. Aconteceu, e isso é tudo o que sei.*”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Bem, se você é um motorista ruim, não deveria tentar dirigir à noite.”

“Mas eu não estava nem tentando”, explicou ele indignado, “eu nem estava tentando”.

Os espectadores ficaram em silêncio.

“Você quer cometer suicídio?”

“Você tem sorte de ter sido apenas uma roda! Um motorista ruim e nem estava tentando!”

“Vocês não entendem”, explicou o criminoso. “Eu não estava dirigindo. Havia outro homem no carro.”

O choque que se seguiu a essa declaração encontrou voz em um *“Ah-h-h!”* sustentado quando a porta do cupê se abriu lentamente. A multidão – que agora era uma multidão – recuou involuntariamente e, quando a porta se abriu, houve uma pausa fantasmagórica. Então, muito gradualmente, parte por parte, um indivíduo pá-

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

lido e pendente saiu dos destroços, tateando no chão com um grande e incerto passo de dança.

Cego pelo brilho dos faróis e confuso pelo gemido incessante das buzinas, a aparição ficou balançando por um momento antes de perceber o homem de sobretudo.

“Qual é o problema?”, perguntou ele calmamente. “Ficamos sem gasolina?”

“Veja!”

Meia dúzia de dedos apontaram para a roda amputada – ele a encarou por um momento e depois olhou para cima, como se suspeitasse que ela tivesse caído do céu.

“Ela se soltou”, alguém explicou.

Ele assentiu com a cabeça.

“A princípio, não percebi que havíamos parado.”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Uma pausa. Então, tomando um fôlego longo e endireitando os ombros, ele comentou com uma voz determinada:

“Será que alguém pode me dizer onde há um posto de gasolina?”

Pelo menos uma dúzia de homens, alguns deles em situação um pouco melhor do que a dele, explicaram-lhe que a roda e o carro não estavam mais unidos por nenhum vínculo físico.

“Dê ré”, sugeriu ele depois de um momento.
“Coloque-o em marcha à ré.”

“Mas a roda está solta!”

Ele hesitou.

“Não há mal nenhum em tentar”, disse ele.

O barulho das buzinas atingiu um crescendo e eu dei meia-volta e atravessei o gramado em direção à minha casa. Olhei para trás uma vez. A

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

lua estava brilhando sobre a casa de Gatsby, fazendo com que a noite ficasse tão bonita quanto antes, e sobrevivendo às risadas e ao som de seu jardim ainda brilhante. Um vazio repentino parecia fluir agora das janelas e das grandes portas, conferindo um isolamento completo à figura do anfitrião, que estava na varanda, com a mão levantada em um gesto formal de despedida.

Lendo o que escrevi até agora, vejo que dei a impressão de que os eventos de três noites com várias semanas de intervalo foram tudo o que me absorveu. Pelo contrário, foram apenas eventos casuais em um verão lotado e, até muito mais tarde, me absorveram infinitamente menos do que meus assuntos pessoais.

Na maior parte do tempo, eu trabalhava. De manhã cedo, o sol lançava minha sombra para o oeste enquanto eu corria pelos abismos brancos da parte baixa de Nova York até o Probitry Trust. Eu conhecia os outros funcionários e jovens vendedores de títulos pelo primeiro nome e almoçava com eles em restaurantes escuros e

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

lotados, comendo salsichas de porco, purê de batatas e café. Cheguei a ter um breve caso com uma moça que morava em Jersey City e trabalhava no departamento de contabilidade, mas o irmão dela começou a me olhar torto, então, quando ela saiu de férias em julho, deixei que tudo acabasse discretamente.

Normalmente, eu jantava no Yale Club – por algum motivo, esse era o evento mais sombrio do meu dia – e depois subia para a biblioteca e estudava investimentos e títulos por uma hora completa. Geralmente havia alguns desordeiros por perto, mas eles nunca entravam na biblioteca, então era um bom lugar para trabalhar. Depois disso, se a noite estivesse tranquila, eu passeava pela Madison Avenue, passando pelo antigo Murray Hill Hotel e pela 33rd Street até a Pennsylvania Station.

Comecei a gostar de Nova York, de sua sensação atrevida e aventureira à noite, e da satisfação que o constante piscar de homens, mulheres e máquinas proporciona aos olhos inquietos. Gostava

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

de caminhar pela Quinta Avenida e escolher mulheres românticas no meio da multidão e imaginar que em poucos minutos eu entraria em suas vidas, e ninguém jamais saberia ou desaprovava. Às vezes, em minha mente, eu as seguia até seus apartamentos nas esquinas de ruas escondidas, e elas se viravam e sorriam de volta para mim antes de sumirem por uma porta na escuridão quente. No crepúsculo encantado da metrópole, às vezes eu sentia uma solidão assombrosa e a sentia em outras pessoas – jovens balconistas pobres que ficavam parados em frente às janelas esperando a hora de jantar em um restaurante solitário – jovens balconistas no crepúsculo, desperdiçando os momentos mais pungentes da noite e da vida.

Novamente, às oito horas, quando as cinco faixas das ruas escuras da década de 40 estavam repletas de táxis pulsantes, com destino ao bairro dos teatros, senti um aperto no coração. As pessoas se inclinavam juntas nos táxis enquanto esperavam, e as vozes cantavam, e havia risadas de piadas não ouvidas, e cigarros acesos faziam círculos ininteligíveis em seu interior. Imaginan-

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

do que eu também estava me apressando em direção à alegria e compartilhando sua excitação íntima, desejei-lhes boa sorte.

Por um tempo, perdi Jordan Baker de vista e, em meados do verão, eu a encontrei novamente. No início, senti-me lisonjeado por sair com ela, porque ela era campeã de golfe e todos sabiam seu nome. Depois, foi algo mais. Na verdade, eu não estava apaixonado, mas sentia uma espécie de curiosidade terna. O rosto altivo e entediado que ela mostrava ao mundo escondia algo – a maioria dos afetos esconde algo no final, mesmo que não o faça no início – e um dia descobri o que era. Quando estávamos em uma festa em Warwick, ela deixou um carro emprestado na chuva com a capota abaixada e mentiu sobre isso – e, de repente, lembrei-me da história sobre ela que havia esquecido naquela noite na casa de Daisy. Em seu primeiro grande torneio de golfe, houve uma discussão que quase chegou aos jornais – uma sugestão de que ela havia tirado sua bola de uma posição ruim na rodada semifinal. A coisa se aproximou das proporções de um escândalo –

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

e depois desapareceu. Um caddie se retratou de sua declaração e a única outra testemunha admitiu que poderia ter se enganado. O incidente e o nome permaneceram juntos em minha mente.

Jordan Baker instintivamente evitava homens inteligentes e astutos, e agora eu via que isso acontecia porque ela se sentia mais segura em um plano em que qualquer divergência de um código seria considerada impossível. Ela era incuravelmente desonesta. Não suportava ficar em desvantagem e, devido a essa falta de vontade, suponho que tenha começado a lidar com subterfúgios quando era muito jovem para manter aquele sorriso frio e insolente voltado para o mundo e, ainda assim, satisfazer as exigências de seu corpo duro e alegre.

Para mim, isso não fazia diferença. A desonestidade em uma mulher é algo que nunca se culpa profundamente – eu senti pena casualmente e depois esqueci. Foi nessa mesma festa em uma casa que tivemos uma conversa curiosa sobre dirigir um carro. Tudo começou porque ela passou

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

tão perto de alguns trabalhadores que nosso para-choque bateu no botão do casaco de um deles.

“*Você é uma péssima motorista*”, protestei. “*Você deve ser mais cuidadosa ou então não dirigir.*”

“*Eu sou cuidadosa.*”

“*Não, você não é.*”

“*Bem, outras pessoas são*”, disse ela levemente.

“*E o que isso tem a ver com o assunto?*”

“*Elas ficarão fora do meu caminho*”, insistiu ela. “*São necessários dois para causar um acidente.*”

“*Suponha que você encontre alguém tão descuidado quanto você.*”

“*Espero que isso nunca aconteça*”, respondeu ela. “*Odeio pessoas descuidadas. É por isso que gosto de você.*”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Seus olhos cinzentos e cansados de sol olhavam diretamente para frente, mas ela havia deliberadamente mudado nossas relações e, por um momento, pensei que a amava. Mas tenho pensamento lento e sou cheio de regras internas que funcionam como freios para os meus desejos, e eu sabia que tinha primeiro que me livrar definitivamente daquela confusão em casa. Eu estava escrevendo cartas uma vez por semana e assinando-as: “*Com amor, Nick*”, e tudo o que eu conseguia pensar era em como, quando aquela garota jogava tênis, um leve suor aparecia em seu lábio superior. No entanto, havia um vago entendimento que deveria ser rompido com muito tato antes que eu ficasse livre.

Todo mundo suspeita ter pelo menos uma das virtudes cardeais, e essa é a minha: Sou uma das poucas pessoas honestas que já conheci.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

IV

Na manhã de domingo, enquanto os sinos das igrejas tocavam nos vilarejos ao longo da costa, todo mundo (e seus amantes) voltaram à casa de Gatsby e cintilaram hilariamente em seu gramado.

“Ele é um contrabandista”, disseram as moças, movendo-se entre seus coquetéis e suas flores. “Certa vez, ele matou um homem que descobriu que era sobrinho de Von Hindenburg e primo em segundo grau do demônio. Pegue um rosé para mim, querida, e despeje a última gota nesse copo de cristal”.

Certa vez, escrevi nos espaços vazios de uma tabela de horários os nomes das pessoas que foram à casa de Gatsby naquele verão. É um papel antigo agora, desintegrando-se nas dobras e intitulado *“Este horário está em vigor em 5 de julho de 1922”*. Mas ainda posso ler os nomes cinzentos, e eles lhe darão uma impressão melhor do que minhas generalidades sobre aqueles que aceitaram a hospitalidade de Gatsby e lhe prestaram o sutil tributo de não saber nada sobre ele.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

De East Egg, então, eram os Chester Becker e os Leeches, e um homem chamado Bunsen, que conheci em Yale, e o Dr. Webster Civet, que se afogou no verão passado no Maine. E os Hornbeam e os Willie Voltaire, e todo um clã chamado Blackbuck, que sempre se reunia em um canto e torcia o nariz como cabras para quem quer que se aproximasse. E os Ismays e os Chrysties (ou melhor, Hubert Auerbach e a esposa do Sr. Chrystie), e Edgar Beaver, cujo cabelo, dizem, ficou branco como algodão em uma tarde de inverno sem nenhum motivo aparente.

Clarence Endive era de East Egg, se bem me lembro. Ele veio apenas uma vez, com uma calça branca, e brigou com um vagabundo chamado ETTY no jardim. De outras partes da ilha, vieram os Cheadle e os O. R. P. Schraeder, os Stonewall Jackson Abrams da Geórgia, os Fishguard e os Ripley Snell. Snell esteve lá três dias antes de ir para a penitenciária, tão bêbado na estrada de cascalho que o automóvel da Sra. Ulysses Swett passou por cima de sua mão direita. Os Dan-
cie também foram, e S. B. Whitebait, que já ti-

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

nha mais de sessenta anos, Maurice A. Flink, os Hammerhead, Beluga, o importador de tabaco, e as garotas de Beluga.

De West Egg vieram os Pole e os Mulready e Cecil Roebuck e Cecil Schoen e Gulick, o senador estadual, e Newton Orchid, que controlava a Films Par Excellence, e Eckhaust e Clyde Cohen e Don S. Schwartz (o filho) e Arthur McCarty, todos ligados ao cinema de uma forma ou de outra. E os Catlip, os Bemberg e G. Earl Muldoon, irmão daquele Muldoon que depois estrangulou sua esposa. Da Fontano, o promotor, foi até lá, e Ed Legros e James B. (“*Rot-Gut*”) Ferret e os De Jong e Ernest Lilly – eles vieram para jogar, e quando Ferret foi até o jardim, isso significou que ele estava limpo e que a Associated Traction teria que flutuar lucrativamente no dia seguinte.

Um homem chamado Klipspringer estava lá com tanta frequência que ficou conhecido como “*o pensionista*” – duvido que ele tivesse outra casa. Entre os teatrólogos, havia Gus Waize, Horace O’Donavan, Lester Myer, George Duckweed

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

e Francis Bull. Também vinham de Nova York os Chromes, os Backhyssons, os Dennickers, Russel Betty, os Corrigan, os Kelleher, os Dewar, os Scully, S. W. Belcher, os Smirke, os jovens Quinn, já divorciados, e Henry L. Palmetto, que se matou ao pular na frente de um trem do metrô na Times Square.

Benny McClenahan chegava sempre com quatro garotas. Elas nunca eram exatamente as mesmas em termos físicos, mas eram tão idênticas umas às outras que inevitavelmente parecia que já haviam estado ali antes. Esqueci seus nomes – Jaqueline, acho, ou então Consuela, Gloria, Judy ou June, e seus sobrenomes eram nomes melódiosos de flores e meses ou os mais severos dos grandes capitalistas americanos, de quem confessariam ser primas se fossem pressionadas.

Além de tudo isso, lembro-me de que Faustina O'Brien foi lá pelo menos uma vez, as garotas Baedeker e o jovem Brewer, que teve o nariz atingido por um tiro na guerra, o Sr. Albrucksburger e a Srta. P. Jewett, que já foi chefe da Le-

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

gião Americana, e a Srta. Claudia Hip, com um homem que tinha a fama de ser seu chofer, e um príncipe de alguma coisa, a quem chamávamos de Duke, e cujo nome, se é que eu sabia, já esqueci.

Todas essas pessoas foram à casa de Gatsby no verão.

Às nove horas, em uma manhã do final de julho, o lindo carro de Gatsby subiu a estrada rochosa até a minha porta e emitiu uma melodia solene com sua buzina de três bicos.

Era a primeira vez que ele me procurava, embora eu tivesse ido a duas de suas festas, voado em seu hidroavião e, a seu convite insistente, usado sua praia particular com frequência.

“Bom dia, meu caro. Você vai almoçar comigo hoje e pensei em irmos juntos.”

Ele estava se equilibrando no painel do carro com aquela desenvoltura de movimentos que é tão peculiarmente americana – que vem, su-

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

ponho, com a ausência de trabalho pesado na juventude e, mais ainda, com a graça sem forma de nossos jogos nervosos e esporádicos. Essa qualidade estava continuamente rompendo sua maneira meticulosa na forma de inquietação. Ele nunca estava completamente quieto; sempre havia um pé batendo em algum lugar ou o abrir e fechar impaciente de uma mão.

Ele me viu olhando com admiração para seu carro.

“*É bonito, não é, meu caro?*” Ele saltou para me dar uma visão melhor. “*Você nunca o viu antes?*”

Eu já tinha visto. Todo mundo já tinha visto. Era de uma rica cor creme, brilhante com níquel, inchado aqui e ali em seu comprimento monstruoso com compartimentos triunfantes para chapéus, jantar e ferramentas, e com um labirinto de para-brisas que espelhavam uma dúzia de sóis. Sentados atrás de muitas camadas de vidro em uma espécie de jardim de inverno de couro verde, começamos a andar pela cidade.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Eu havia conversado com ele talvez meia dúzia de vezes no último mês e descobri, para minha decepção, que ele tinha pouco a dizer. Portanto, minha primeira impressão de que ele era uma pessoa de alguma consequência indefinida, havia se desvanecido gradualmente e ele havia se tornado simplesmente o proprietário de uma elaborada casa de férias ao lado da minha.

E então veio aquela viagem desconcertante. Não havíamos chegado ao vilarejo de West Egg quando Gatsby começou a deixar suas frases elegantes inacabadas e a dar tapinhas indecisos no joelho de seu terno cor de caramelo.

“Olha só, meu caro”, ele começou surpreendentemente, “qual é a sua opinião sobre mim, afinal de contas?”

Um pouco abatido, comecei com as evasivas generalizadas que essa pergunta merece.

“Bem, vou lhe contar algo sobre minha vida”, ele interrompeu. “Não quero que você tenha uma ideia

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

errada de mim com todas essas histórias que se ouve por aí.”

Então ele estava ciente das acusações bizarras que marcavam as conversas em seus corredores.

“Eu lhe direi a verdade de Deus.” Sua mão direita de repente ordenou que a retribuição divina ficasse a postos. *“Sou filho de algumas pessoas ricas do Meio Oeste – todas já falecidas. Fui criado nos Estados Unidos, mas fui educado em Oxford, porque todos os meus ancestrais estudaram lá por muitos anos. É uma tradição familiar”*.

Ele olhou para mim de lado – e eu soube por que Jordan Baker achava que ele estava mentindo. Ele apressou a frase *“educado em Oxford”*, ou a engoliu, ou se engasgou com ela, como se isso o tivesse incomodado antes. E com essa dúvida, toda a sua declaração caiu por terra, e eu me perguntei se não havia algo um pouco sinistro nele, afinal.

“Que parte do Meio Oeste?” perguntei casualmente.

[voltar para o índice](#)

O G R A N D E G A T S B Y
F. S C O T T F I T Z G E R A L D

GAZETA DO POVO

“São Francisco.”

“Entendo.”

“Minha família morreu e eu ganhei um bom dinheiro.”

Sua voz era solene, como se a lembrança da súbita extinção de um clã ainda o assombrasse. Por um momento, suspeitei que ele estivesse me enganando, mas um olhar para ele me convenceu do contrário.

“Depois disso, vivi como um jovem rajá em todas as capitais da Europa – Paris, Veneza, Roma – colecionando joias, principalmente rubis, caçando animais de grande porte, pintando um pouco, apenas coisas para mim, e tentando esquecer algo muito triste que havia acontecido comigo há muito tempo.”

Com um esforço, consegui conter meu riso incrédulo. As próprias frases estavam tão desgastadas que não evocavam nenhuma imagem, exceto a de um “*personagem*” de turbante exalando

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

poeira por todos os poros enquanto perseguia um tigre pelo Bois de Boulogne.

“Então veio a guerra, meu velho. Foi um grande alívio, e eu me esforcei muito para morrer, mas parecia ter uma vida encantada. Aceitei uma comissão como primeiro-tenente quando ela começou. Na Floresta de Argonne, levei os restos do meu batalhão de metralhadoras tão longe que havia um espaço de meia milha de cada lado onde a infantaria não podia avançar. Ficamos lá dois dias e duas noites, cento e trinta homens com dezesseis canhões Lewis, e quando a infantaria finalmente chegou, encontrou as insígnias de três divisões alemãs entre as pilhas de mortos. Fui promovido a major, e todos os governos aliados me deram uma condecoração – até mesmo Montenegro, a pequena Montenegro no Mar Adriático!”

Pequena Montenegro! Ele levantou as palavras e acenou com a cabeça para elas – com seu sorriso. O sorriso compreendia a história conturbada de Montenegro e simpatizava com as corajosas lutas do povo montenegrino. Ele apreciou totalmente a cadeia de circunstâncias nacionais que

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

provocou esse tributo do coraçãozinho caloroso de Montenegro. Minha incredulidade agora estava submersa em fascínio; era como folhear apressadamente uma dúzia de revistas.

Ele colocou a mão no bolso e um pedaço de metal, pendurado em uma fita, caiu em minha mão.

“Essa é a de Montenegro.”

Para minha surpresa, a coisa tinha uma aparência autêntica. *“Orderi di Danilo”*, dizia a legenda circular, *“Montenegro, Nicolas Rex”*.

“Olhe do outro lado”.

“Major Jay Gatsby”, li, *“Por Valor Extraordinário”*.

“Aqui está outra coisa que sempre carrego. Uma lembrança dos tempos de Oxford. Foi tirada no Trinity Quad – o homem à minha esquerda é agora o Conde de Doncaster.”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Era uma fotografia de meia dúzia de jovens com blazers, vagando em um arco através do qual se podia ver uma série de torres. Ali estava Gatsby, parecendo um pouco, não muito, mais jovem – com um taco de críquete na mão.

Então era tudo verdade. Eu vi peles de tigres flamejando em seu palácio no Grande Canal; eu o vi abrindo um baú de rubis para aliviar, com suas profundezas iluminadas de carmesim, as dores de seu coração partido.

“Vou lhe fazer um grande pedido hoje”, disse ele, guardando os souvenirs com satisfação, “então achei que você deveria saber algo sobre mim. Não queria que pensasse que sou apenas um desconhecido. Sabe, geralmente me encontro entre estranhos porque ando por aí tentando esquecer as coisas tristes que me aconteceram”. Ele hesitou. “Você vai ouvir sobre isso esta tarde”.

“No almoço?”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Não, de tarde. Descobri por acaso que você vai levar a Srta. Baker para tomar chá”.

“Quer dizer que você está apaixonado pela Srta. Baker?”

“Não, meu caro, não estou. Mas a Srta. Baker gentilmente consentiu em falar com você sobre esse assunto”.

Eu não tinha a menor ideia do qual “*assunto*” era esse, mas estava mais irritado do que interessado. Eu não havia convidado Jordan para tomar chá a fim de conversar sobre o Sr. Jay Gatsby. Eu tinha certeza de que o pedido seria algo totalmente fantástico e, por um momento, lamentei ter pisado em seu gramado superpovoado.

Ele não disse mais nada. Sua retidão foi crescendo à medida que nos aproximávamos da cidade. Passamos por Port Roosevelt, onde pudemos vislumbrar navios oceânicos com cintos vermelhos, e aceleramos ao longo de um gueto de paralelepípedos repleto de salões escuros e indeseja-

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

dos dos desbotados anos 1900. Em seguida, o vale de cinzas se abriu em ambos os lados e vi a Sra. Wilson se esforçando na bomba da garagem com uma vitalidade ofegante enquanto passávamos.

Com os para-lamas abertos como asas, voamos por metade de Astoria – apenas metade, pois quando nos contorcemos entre os pilares do elevado, ouvi o familiar “*jug-jug-spat!*” de uma motocicleta, e um policial frenético passou ao nosso lado.

“*Tudo bem, meu caro*”, disse Gatsby. Diminuímos a velocidade. Tirando um cartão branco de sua carteira, ele o acenou diante dos olhos do homem.

“*Tudo certo*”, concordou o policial, inclinando o boné. “*Até a próxima, Sr. Gatsby. Desculpe-me!*”

“*O que foi isso?*” perguntei. “*A foto de Oxford?*”

“*Consegui fazer um favor ao comissário uma vez, e ele me envia um cartão de Natal todo ano.*”

[voltar para o índice](#)

O G R A N D E G A T S B Y
F. S C O T T F I T Z G E R A L D

GAZETA DO POVO

Sobre a grande ponte, com a luz do sol através das vigas fazendo uma cintilação constante sobre os carros em movimento, com a cidade se erguendo do outro lado do rio em montes brancos e torrões de açúcar, todos construídos com um desejo de dinheiro não obtido de fábrica. A cidade vista da ponte Queensboro é sempre a cidade vista pela primeira vez, em sua primeira promessa selvagem de todo o mistério e beleza do mundo.

Um homem morto passou por nós em um carro fúnebre repleto de flores, seguido por duas carruagens com persianas fechadas e por carruagens mais alegres para amigos. Os amigos nos olhavam com os olhos trágicos e os lábios curtos do sudeste da Europa, e fiquei feliz que a visão do esplêndido carro de Gatsby estivesse incluída em suas férias sombrias. Ao cruzarmos a Blackwell's Island, uma limusine passou por nós, dirigida por um motorista branco, na qual estavam sentados três negros elegantes, dois rapazes e uma moça. Eu ri alto quando as gemas de seus olhos se voltaram para nós em uma rivalidade ativa.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Tudo pode acontecer agora que deslizamos sobre esta ponte”, pensei; “tudo mesmo...”

Até mesmo Gatsby poderia acontecer, sem nenhuma surpresa em particular.

Um meio-dia estrondoso. Em um porão bem ventilado da Forty-Second Street, encontrei Gatsby para almoçar. Afastando o brilho da rua lá fora, meus olhos o viram obscuramente na ante-sala, conversando com outro homem.

“Sr. Carraway, este é meu amigo, Sr. Wolfshiem.”

Um judeu pequeno e de nariz achatado ergueu sua grande cabeça e me olhou com dois fios finos de cabelo que se projetavam de cada narina. Depois de um momento, descobri seus olhos minúsculos na meia escuridão.

“–Então eu dei uma olhada nele”, disse o Sr. Wolfshiem, apertando minha mão com seriedade, “e o que você acha que eu fiz?”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“O quê?”, perguntei educadamente.

Mas era evidente que ele não estava se dirigindo a mim, pois largou minha mão e se virou para Gatsby com seu nariz expressivo.

“*Entreguei o dinheiro a Katspaugh e disse: ‘Muito bem, Katspaugh, não lhe pague um centavo até que ele feche a boca’.* Ele a fechou ali mesmo.”

Gatsby pegou cada um de nós pelo braço e avançou para o restaurante, quando o Sr. Wolfshiem engoliu uma nova frase que estava começando e caiu em uma abstração sonâmbula.

“*Highball?*”, perguntou o garçom-chefe.

“*Este é um bom restaurante*”, disse o Sr. Wolfshiem, olhando para as ninfas presbiterianas no teto. “*Mas eu gosto mais do outro lado da rua!*”

“*Sim, highballs*”, concordou Gatsby, e depois para o Sr. Wolfshiem: “*Está muito quente lá*”.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Quente e pequeno – sim”, disse o Sr. Wolfshiem, “mas cheio de lembranças”.

“De que lugar vocês estão falando?”, perguntei.

“O velho Metrópole.”

“O velho Metrópole”, pensou o Sr. Wolfshiem com tristeza. “Cheio de rostos mortos e desaparecidos. Cheio de amigos que se foram para sempre. Não vou me esquecer enquanto viver da noite em que Rosy Rosenthal foi baleado lá. Éramos seis na mesa, e Rosy havia comido e bebido muito a noite toda. Quando já era quase de manhã, o garçom veio até ele com um olhar estranho e disse que alguém queria falar com ele lá fora. ‘Tudo bem’, disse Rosy, e começou a se levantar, e eu o puxei para a cadeira”.

“Deixe que os desgraçados entrem aqui se quiserem, Rosy, mas não saia desta sala”.

“Eram quatro horas da manhã e, se tivéssemos levantado as cortinas, teríamos visto a luz do dia.”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“*Ele foi embora?*”, perguntei inocentemente.

“*Claro que foi.*” O nariz do Sr. Wolfshiem piscou para mim com indignação. “*Ele deu a volta na porta e disse: ‘Não deixe aquele garçom levar meu café!’ Então ele foi para a calçada, e eles atiraram três vezes em sua barriga cheia e foram embora.*”

“*Quatro deles foram eletrocutados*”, eu disse, lembrando.

“*Cinco, com Becker.*” Suas narinas se voltaram para mim de forma interessada. “*Sei que está procurando uma oportunidade de negócios.*”

A justaposição dessas duas observações foi surpreendente. Gatsby respondeu por mim:

“*Oh, não*”, exclamou ele, “*não é ele*”.

“*Não?*” O Sr. Wolfshiem pareceu desapontado.

“*Este é apenas um amigo. Eu lhe disse que falaríamos sobre isso em outra ocasião.*”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Peço perdão”, disse o Sr. Wolfshiem, “eu achei que você era outra pessoa”.

Um picadinho suculento chegou, e o Sr. Wolfshiem, esquecendo-se da atmosfera mais sentimental do velho Metrópole, começou a comer com uma delicadeza feroz. Enquanto isso, seus olhos percorriam lentamente toda a sala – ele completava o arco virando-se para inspecionar as pessoas logo atrás. Acho que, se não fosse pela minha presença, ele teria dado uma olhada rápida em baixo de nossa mesa.

“Olhe aqui, meu caro”, disse Gatsby, inclinando-se para mim, “receio que eu o tenha deixado um pouco irritado esta manhã no carro”.

O sorriso voltou a aparecer, mas dessa vez eu resisti.

“Não gosto de mistérios”, respondi, “e não entendo por que você não quer ser franco e me dizer o que quer. Por que tudo isso tem que passar pela Srta. Baker?”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Oh, não é nada dissimulado”, ele me garantiu. “A Srta. Baker é uma grande esportista, você sabe, e ela nunca faria nada que não fosse correto.”

De repente, ele olhou para o relógio, deu um pulo e saiu correndo da sala, deixando-me com o Sr. Wolfshiem à mesa.

“Ele tem que ir ao telefone”, disse o Sr. Wolfshiem, seguindo-o com os olhos. “É um bom sujeito, não é? Bonito de se ver e um perfeito cavalheiro.”

“Sim.”

“Ele é um homem de Oggsford.”

“Ah!”

“Ele estudou na Universidade de Oggsford, na Inglaterra. Você conhece a Universidade de Oggsford?”

“Já ouvi falar.”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“É uma das universidades mais famosas do mundo.”

“Você conhece Gatsby há muito tempo?”, perguntei.

“Há vários anos”, respondeu ele com satisfação. “Tive o prazer de conhecê-lo logo após a guerra. Mas eu sabia que havia descoberto um homem de boa criação depois de conversar com ele por uma hora. Eu disse a mim mesmo: ‘Esse é o tipo de homem que você gostaria de levar para casa e apresentar à sua mãe e irmã’.” Ele fez uma pausa. *“Vejo que está olhando para os botões do meu punho.”*

Eu não estava olhando para eles, mas agora estava. Eles eram compostos de peças de marfim estranhamente familiares.

“Os melhores exemplares de molares humanos”, ele me informou.

“Bem!” Eu os inspecionei. *“Essa é uma ideia muito interessante.”*

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“*Sim.*” Ele arregaçou as mangas do paletó. “*Sim, Gatsby é muito cuidadoso com as mulheres. Ele jamais olharia para a esposa de um amigo.*”

Quando o sujeito dessa confiança instintiva voltou à mesa e se sentou, o Sr. Wolfshiem bebeu seu café em um gole só e se levantou.

“*Gostei muito do almoço*”, disse ele, “*e vou fugir de vocês dois jovens antes que eu perca a chance de ser bem-vindo*”.

“*Não se apresse, Meyer*”, disse Gatsby, sem entusiasmo. O Sr. Wolfshiem levantou a mão em uma espécie de bênção.

“*Você é muito educado, mas eu pertença a outra geração*”, anunciou ele solenemente. “*Fiquem aqui e discutam seus esportes, suas jovens senhoras e seus-*” Ele forneceu um substantivo imaginário com outro aceno de mão. “*Quanto a mim, tenho cinquenta anos e não vou mais me impor a vocês.*”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Quando ele apertou as mãos e se afastou, seu nariz trágico estava tremendo. Eu me perguntava se havia dito algo que o ofendesse.

“Ele fica muito sentimental às vezes”, explicou Gatsby. “Este é um de seus dias sentimentais. Ele é um personagem e tanto em Nova York – um habitante da Broadway.”

“Quem é ele, afinal de contas, um ator?”

“Não”.

“Um dentista?”

“Meyer Wolfshiem? Não, é um apostador”. Gatsby hesitou, então acrescentou, frio: “Foi ele quem acertou a World’s Series em 1919”.

“Acertou a World’s Series?”, repeti.

A ideia me deixou atônito. Eu me lembrava, é claro, que a World’s Series havia sido fraudada em 1919, mas se eu tivesse pensado nisso, teria

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

pensado como algo que simplesmente aconteceu, o fim de uma cadeia inevitável. Nunca me ocorreu que um homem pudesse começar a brincar com a fé de cinquenta milhões de pessoas – com a determinação de um ladrão que explode um cofre.

“*E como ele fez isso?*”, perguntei depois de um minuto.

“*Ele viu a oportunidade*”.

“*Por que ele não foi preso?*”

“*Não conseguiram pegar ele, meu caro. É um homem inteligente.*”

Insisti em pagar a conta. Quando o garçom trouxe o troco, avistei Tom Buchanan do outro lado da sala lotada.

“*Venha comigo por um minuto*”, eu disse, “*tenho que cumprimentar alguém*”.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Quando nos viu, Tom deu um pulo e deu meia dúzia de passos em nossa direção.

“*Onde você esteve?*”, ele perguntou ansiosamente. “*Daisy está furiosa que você não ligou.*”

“*Este é o Sr. Gatsby, Sr. Buchanan.*”

Eles apertaram as mãos brevemente, e um olhar tenso e desconhecido de constrangimento surgiu no rosto de Gatsby.

“*Como você tem passado, afinal?*”, perguntou Tom a mim. “*Como foi que você chegou até aqui para comer?*”

“*Estive almoçando com o Sr. Gatsby.*”

Eu me virei para o Sr. Gatsby, mas ele não estava mais lá.

Em um dia de outubro de mil novecentos e dezessete—

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

(disse Jordan Baker naquela tarde, sentada bem reta em uma cadeira reta no jardim de chá do Hotel Plaza).

– Eu andava de um lugar para outro, metade nas calçadas e metade nos gramados. Eu ficava mais feliz nos gramados porque estava usando sapatos da Inglaterra com solas de borracha que mordiam o solo macio. Eu também estava usando uma saia xadrez nova que balançava um pouco com o vento e, sempre que isso acontecia, as faixas vermelhas, brancas e azuis na frente de todas as casas se esticavam rigidamente e diziam tut-tut-tut-tut, em tom de desaprovação.

A maior das faixas e o maior dos gramados pertenciam à casa de Daisy Fay. Ela tinha apenas dezoito anos, dois anos mais velha do que eu, e era de longe a mais popular de todas as moças de Louisville. Ela se vestia de branco, tinha um pequeno carro branco e, durante todo o dia, o telefone tocava em sua casa e jovens oficiais animados de Camp Taylor exigiam o privilégio de

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

monopolizá-la naquela noite. “*De qualquer forma, por uma hora!*”

Quando cheguei em frente à casa dela naquela manhã, seu carro branco estava ao lado do meio-fio, e ela estava sentada nele com um tenente que eu nunca tinha visto antes. Eles estavam tão absortos um no outro que ela não me viu até que eu estivesse a um metro e meio de distância.

“*Oi, Jordan*”, ela me chamou de surpresa. “*Venha aqui, por favor*”.

Fiquei lisonjeada por ela querer falar comigo, porque, de todas as meninas mais velhas, era ela quem eu mais admirava. Ela me perguntou se eu estava indo para a Cruz Vermelha para fazer curativos. Eu estava. Bem, então, eu diria a eles que ela não poderia ir naquele dia? O soldado olhou para Daisy enquanto ela falava, de uma forma que toda jovem quer ser olhada em algum momento, e por parecer romântico para mim, lembro-me do incidente desde então. Seu nome era Jay Gatsby, e eu não o vi novamente

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

por mais de quatro anos – mesmo depois de tê-lo conhecido em Long Island, não percebi que era o mesmo homem.

Isso foi em mil novecentos e dezessete. No ano seguinte, eu já tinha alguns namorados e comecei a jogar em torneios, por isso não via Daisy com muita frequência. Ela saía com um público um pouco mais velho – quando saía com alguém. Boatos malucos estavam circulando sobre ela – como sua mãe a havia encontrado fazendo as malas em uma noite de inverno para ir a Nova York e se despedir de um soldado que estava indo para o exterior. Ela foi efetivamente impedida, mas ficou sem falar com sua família por várias semanas. Depois disso, ela não saiu mais com os soldados, mas apenas com alguns jovens da cidade, de pés chatos e sem visão, que não conseguiram entrar no exército.

No outono seguinte, ela estava novamente alegre, alegre como sempre. Ela teve um *début* após o armistício e, em fevereiro, estava presumivelmente noiva de um homem de Nova Orleans.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Em junho, ela se casou com Tom Buchanan, de Chicago, com mais pompa e circunstância do que Louisville jamais conheceu. Ele veio com cem pessoas em quatro carros particulares, alugou um andar inteiro do Muhlbach Hotel e, na véspera do casamento, deu a ela um colar de pérolas avaliado em trezentos e cinquenta mil dólares.

Eu fui a dama de honra. Entrei em seu quarto meia hora antes do jantar na noite anterior ao casamento e a encontrei deitada na cama, tão linda quanto a noite de junho, com seu vestido florido – e tão bêbada quanto um macaco. Ela tinha uma garrafa de Sauterne em uma mão e uma carta na outra.

“Me dê parabéns”, murmurou ela. “Nunca tomei um drinque antes, mas como estou gostando.”

“Qual é o problema, Daisy?”

Eu estava assustada, posso lhe dizer; nunca tinha visto uma garota daquele jeito antes.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Aqui, querida”. Ela remexeu em uma cesta de lixo que estava sobre a cama e tirou o colar de pérolas. *“Leve-as para o andar de baixo e devolva-as a quem quer que elas pertençam. Diga a todos que a Daisy mudou de ideia! Diga ‘A Daisy mudou de ideia!’”*

Ela começou a chorar – chorava e chorava. Saí correndo e encontrei a empregada de sua mãe, trancamos a porta e a colocamos em um banho frio. Ela não largava a carta. Ela a levou para a banheira com ela e a espremeu em uma bola molhada, e só me deixou deixá-la na saboneteira quando viu que estava se despedaçando como neve.

Mas não disse mais nada. Demos a ela um pouco de amônia, colocamos gelo na testa e a prendemos de volta ao vestido, e meia hora depois, quando saímos do quarto, as pérolas estavam em seu pescoço e o incidente havia terminado. No dia seguinte, às cinco horas, ela se casou com Tom Buchanan sem nem um tremor e partiu em uma viagem de três meses para os mares do sul.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Eu os vi em Santa Bárbara quando voltaram, e achei que nunca tinha visto uma moça tão louca por seu marido. Se ele saísse do quarto por um minuto, ela olhava em volta, inquieta, e dizia: “*O Tom foi para onde?*” e ficava com a expressão mais perdida até vê-lo entrar pela porta. Ela costumava se sentar na areia com a cabeça dele no colo a cada hora, esfregando os dedos sobre os olhos dele e olhando para ele com um prazer insondável. Era comovente vê-los juntos – isso fazia você rir de uma forma abafada e fascinada. Isso foi em agosto. Uma semana depois que saí de Santa Bárbara, Tom bateu em uma carroça na estrada de Ventura em uma noite e arrancou uma roda dianteira do carro. A moça que estava com ele também foi parar nos jornais, porque seu braço quebrou no acidente – ela era uma das camareiras do Santa Barbara Hotel.

Em abril do ano seguinte, Daisy teve sua filha e eles foram para a França por um ano. Eu os vi em uma primavera em Cannes, e mais tarde em Deauville, e depois eles voltaram para Chicago para se estabelecer. Daisy era popular

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

em Chicago, como você sabe. Eles andavam com uma multidão acelerada, todos eles jovens, ricos e selvagens, mas ela saiu com uma reputação absolutamente perfeita. Talvez pelo fato de ela não beber. É uma grande vantagem não beber entre pessoas que bebem muito. Você pode segurar sua língua e, além disso, pode cronometrar qualquer pequena irregularidade sua de modo que todos os outros fiquem tão cegos que não vejam ou não se importem. Talvez Daisy nunca tenha se interessado por amor – e ainda assim há algo em sua voz...

Bem, há cerca de seis semanas, ela ouviu o nome Gatsby pela primeira vez em anos. Foi quando perguntei para você – você se lembra? – se você conhecia Gatsby em West Egg. Depois que você foi para casa, ela entrou em meu quarto e me acordou, e disse: “*Que Gatsby?*”. Quando eu o descrevi – eu estava meio dormindo – ela disse com uma voz estranha que devia ser o homem que ela conhecia. Foi só então que relacionei esse Gatsby com o soldado em seu carro branco.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Quando Jordan Baker terminou de contar tudo isso, tínhamos deixado o Plaza por meia hora e estávamos dirigindo pelo Central Park. O sol já havia se posto atrás dos altos apartamentos das estrelas de cinema do oeste dos anos 50, e as vozes claras das crianças, já reunidas como grilos na grama, subiam através do crepúsculo quente:

O xeique das Arábias sou eu.

O seu amor é todo meu.

À noite, quando for deitar

A sua tenda vou rastejar

“*Que coincidência estranha*”, eu disse.

“*Mas não é uma coincidência*”.

“*Como assim?*”

“*Gatsby comprou a casa para ficar de frente para Daisy na baía*”.

Então não era só para as estrelas que ele ficou olhando naquela noite de junho. É como se agora

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

ele estivesse vivo para mim, subitamente liberado do ventre de seu esplendor sem propósito.

“Ele quer saber”, continuou Jordan, “se você pode convidar Daisy para ir à sua casa algum dia de tarde e depois deixá-lo dar uma passada”.

A modéstia da exigência me abalou. Ele havia esperado cinco anos e comprado uma mansão onde distribuía a luz das estrelas para mariposas casuais – tudo isso para que pudesse *“dar uma passada”* em uma tarde qualquer no jardim de um estranho.

“Eu precisava saber tudo isso para que ele pudesse pedir uma coisa tão pequena?”

“Ele está com medo, ele esperou tanto tempo. Achou que você poderia ficar ofendido. Veja bem, ele é um homem comum por trás de tudo.”

Algo me preocupou.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Por que ele não pediu que você arranjasse o encontro?”

“Ele quer que Daisy veja a casa dele”, ela explicou. “E a sua casa fica bem do lado”.

“Ah!”

“Acho que ele esperava que ela aparecesse em uma de suas festas em uma noite qualquer”, continuou Jordan, “mas ela nunca foi. Então ele começou a perguntar casualmente para algumas pessoas se eles a conheciam, e eu fui a primeira pessoa que ele encontrou que disse que sim. Foi aquela noite que ele pediu para conversar comigo na festa, e você precisava ouvir o jeito elaborado com que ele chegou no assunto. É claro, eu imediatamente sugeri um almoço em Nova York – e eu achei que ele ia enlouquecer! ‘Não quero nada fora do caminho!’, ele ficou repetindo. ‘Quero ver ela aqui do lado!’”.

“Quando disse que você era um amigo pessoal de Tom, ele começou a abandonar a ideia por completo. Ele não sabe muito sobre Tom, apesar de ter dito que

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

leu um jornal de Chicago durante anos para talvez encontrar o nome de Daisy” .

Já estava escuro e, quando passamos por baixo de uma pequena ponte, coloquei meu braço em volta do ombro dourado de Jordan, puxei-a para mim e a convidei para jantar. De repente, eu não estava mais pensando em Daisy e Gatsby, mas nessa pessoa limpa, dura e limitada, que lidava com o ceticismo universal e que se recostava alegremente dentro do círculo do meu braço. Uma frase começou a soar em meus ouvidos com uma espécie de excitação inebriante: *“Só existem os perseguidos, os perseguidores, os ocupados e os cansados.”*

“E Daisy deveria ter algo empolgante em sua vida”, murmurou Jordan para mim.

“Ela quer ver Gatsby?”

“Ela não deve saber de nada disso. Gatsby não quer que ela saiba. Você só precisa convidá-la para o chá.”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Passamos por uma barreira de árvores escuras e, em seguida, a fachada da Fifty-Ninth Street, um bloco de delicada luz pálida, irradiava na direção do parque. Ao contrário de Gatsby e Tom Buchanan, eu não tinha nenhuma garota cujo rosto desencarnado flutuasse ao longo das cornijas escuras e dos letreiros ofuscantes, e por isso puxei a garota para junto de mim, apertando meus braços. Sua boca magra e desdenhosa sorriu, e então eu a puxei novamente para mais perto, mas dessa vez do meu rosto.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

V

Quando voltei para casa em West Egg naquela noite, tive medo, por um momento, de que minha casa estivesse pegando fogo. Era duas horas e todo o canto da península estava iluminado por uma luz irreal que caía sobre os arbustos e fazia brilhos finos e alongados nos fios da estrada. Ao virar uma esquina, vi que a causa era a casa de Gatsby, iluminada do porão à torre.

Em um primeiro momento, pensei que fosse outra festa, uma brincadeira selvagem que havia se transformado em jogos de “*esconde-esconde*” ou “*sardinhas na caixa*”, com toda a casa aberta para a brincadeira. Mas não havia barulho nenhum. Apenas o vento nas árvores, que soprava os fios e fazia com que as luzes se apagassem e se acendessem novamente, como se a casa tivesse piscado na escuridão. Enquanto meu táxi se afastava, vi Gatsby caminhando em minha direção pelo gramado.

“*Sua casa parece a Feira Mundial*”, eu disse.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Parece?” Ele virou os olhos para ela distraidamente. “Estava olhando alguns dos quartos. Vamos para Coney Island, meu caro. No meu carro.”

“Já está muito tarde.”

“Bem, então que tal darmos um mergulho na piscina? Eu não a usei durante todo o verão.”

“Tenho de ir para a cama.”

“Tudo bem.”

Ele esperou, olhando para mim com uma ansiedade reprimida.

“Conversei com a Srta. Baker”, disse eu depois de um momento. “Vou ligar para Daisy amanhã e convidá-la para tomar chá aqui.”

“Ah, tudo bem”, disse ele despreocupadamente. “Não quero lhe dar trabalho algum.”

“Que dia seria adequado para você?”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“*Que dia seria adequado para você?*”, ele me corrigiu rapidamente. “*Não quero lhe causar nenhum problema, entende?*”

“*Que tal depois de amanhã?*”

Ele pensou por um momento. Então, disse relutante: “*Eu quero cortar a grama*”, disse.

Nós dois olhamos para a grama – havia uma linha muito explícita onde o meu gramado mal cuidado terminava e o dele, bem cuidado e aparado, começava. Eu suspeitei que ele estivesse falando da minha grama.

“*E mais um detalhe*”, ele disse inseguro e hesitante.

“*Você prefere adiar por alguns dias?*”, perguntei.

“*Não, não é isso. Pelo menos—*”. Ele então ensaiou uma série de começos. “*Porque, eu pensei... porque, veja bem, meu caro... você não ganha muito, não é?*”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Não, não muito”.

Isso pareceu confirmar suas suspeitas e ele continuou mais confiante.

“Eu imaginei que não, se você perdoar o meu – veja, eu tenho um pequeno negócio paralelo, em uma outra área, se é que você me entende. E eu pensei que, se você não está ganhando muito – você está vendendo títulos, não é, meu caro?”

“Tentando vender”.

“Bem, isso pode ser interessante para você. Não tomaria muito do seu tempo e você pode conseguir juntar um bom dinheiro. Mas é algo um pouco confidencial.”

Percebo agora que, em circunstâncias diferentes, essa conversa poderia ter sido uma das crises de minha vida. Mas, como a oferta era obviamente e indelicadamente em troca de um serviço a ser prestado, não tive escolha a não ser interrompê-lo ali mesmo.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Estou com as mãos cheias”, eu disse. “Fico muito agradecido, mas não posso trabalhar mais.”

“Você não teria que fazer nenhum negócio com Wolfshiem.” Evidentemente, ele pensou que eu estava me esquivando do contato mencionado no almoço, mas eu lhe assegurei que ele estava errado. Ele esperou mais um pouco, esperando que eu iniciasse uma conversa, mas eu estava absorto demais para responder, então ele foi para casa de má vontade.

A noite me deixou tonto e feliz; acho que entrei em um sono profundo assim que entrei pela porta da frente. Portanto, não sei se Gatsby foi ou não a Coney Island, ou por quantas horas ele *“olhou os cômodos”* enquanto sua casa brilhava ostensivamente. Liguei para Daisy do escritório na manhã seguinte e a convidei para tomar chá.

“Não traga o Tom”, eu a adverti.

“O quê?”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Não traga o Tom.”

“Quem é Tom?”, perguntou ela inocentemente.

Estava chovendo muito no dia combinado. Às onze horas, um homem de capa de chuva, arrastando um cortador de grama, bateu à minha porta e disse que o Sr. Gatsby o havia enviado para cortar minha grama. Isso me fez lembrar que eu havia esquecido de dizer à minha finlandesa para voltar, então dirigi até West Egg Village para procurá-la entre as vielas encharcadas e caiadas de branco e para comprar algumas xícaras, limões e flores.

As flores eram desnecessárias, pois às duas horas uma quantidade grande o suficiente delas para encher uma estufa chegou, vinda da casa de Gatsby, assim como inúmeros recipientes para contê-las. Uma hora mais tarde, a porta da frente se abriu nervosamente e Gatsby, em um terno de flanela branca, camisa prateada e gravata dourada, entrou apressado. Ele estava pálido e havia sinais escuros de insônia sob seus olhos.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“*Está tudo bem?*”, perguntou ele imediatamente.

“*A grama parece boa, se é isso que você quer dizer.*”

“*Que grama?*”, ele perguntou sem entender.

“*Ah, a grama do quintal.*” Ele olhou para a grama pela janela, mas, a julgar por sua expressão, não acredito que tenha visto nada.

“*Parece muito bom*”, comentou vagamente. “*Um dos jornais disse que a chuva pararia por volta das quatro horas. Acho que foi o The Journal. Você tem tudo o que precisa em termos de chá?*”

Eu o levei até a despensa, onde ele olhou com certa reprovação para a finlandesa. Juntos, examinamos os doze bolos de limão da delicatessen.

“*Será que eles servem?*” perguntei.

“*É claro, é claro! Eles são ótimos!*”, e ele acrescentou em tom oco: “*... meu caro*”.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

A chuva enfraqueceu por volta das três e meia e se transformou em uma névoa úmida, através da qual gotas finas ocasionais nadavam como orvalho. Gatsby olhava com olhos vagos para um exemplar da Economia, de Clay, observando os passos da finlandesa, que sacudiam o chão da cozinha, e olhando de vez em quando para as janelas embaçadas, como se uma série de acontecimentos invisíveis, mas alarmantes, estivesse ocorrendo lá fora. Finalmente, ele se levantou e me informou, com voz incerta, que estava indo para casa.

“Por que?”

“Ninguém está vindo para o chá. Já é tarde demais!” Ele olhou para o relógio como se houvesse alguma demanda urgente de seu tempo em outro lugar. *“Não posso esperar o dia todo.”*

“Não seja tolo; faltam apenas dois minutos para as quatro.”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Ele se sentou miseravelmente, como se eu o tivesse empurrado, e ao mesmo tempo ouviu-se o som de um motor entrando na minha pista. Nós dois nos levantamos e, um pouco perturbado, fui até o quintal.

Sob os lilases nus e gotejantes, um grande carro aberto estava subindo a estrada. Ele parou. O rosto de Daisy, inclinado para o lado sob um chapéu de três pontas cor de lavanda, olhou para mim com um sorriso radiante e extasiado.

“É aqui mesmo que você mora, meu querido?”

A ondulação estimulante de sua voz era um tônico selvagem na chuva. Tive que acompanhar o som dela por um momento, para cima e para baixo, apenas com meu ouvido, antes de ouvir qualquer palavra. Uma mecha úmida de cabelo parecia uma pincelada de tinta azul em sua bochecha, e sua mão estava molhada com gotas brilhantes quando a peguei para ajudá-la a sair do carro.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“*Você está apaixonado por mim*”, disse ela baixinho em meu ouvido, “*ou por que eu tive que vir sozinha?*”

“*Esse é o segredo do Castelo Rackrent. Diga ao seu motorista para ir para bem longe e só voltar depois de uma hora.*”

“*Volte em uma hora, Ferdie.*” Então, em um murmúrio grave: “*O nome dele é Ferdie.*”

“*A gasolina afeta o nariz dele?*”

“*Acho que não*”, disse ela inocentemente. “*Por quê?*”

Nós entramos. Para minha grande surpresa, a sala de estar estava vazia.

“*Bem, isso é engraçado*”, exclamei.

“*O que é engraçado?*”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Ela virou a cabeça ao ouvir uma batida leve e digna na porta da frente. Eu saí e a abri. Gatsby, pálido como a morte, com as mãos enfiadas como pesos nos bolsos do paletó, estava parado em uma poça d'água, olhando tragicamente em meus olhos.

Com as mãos ainda nos bolsos do casaco, ele passou por mim no corredor, virou-se brusca-mente como se estivesse em um fio e desapareceu na sala de estar. Não foi nem um pouco engraçado. Ciente das batidas fortes de meu próprio coração, fechei a porta contra a chuva crescente.

Durante meio minuto não houve nenhum som. Então, da sala de estar, ouvi uma espécie de murmúrio sufocado e parte de uma risada, seguida pela voz de Daisy em um tom claramente artificial:

“Estou muito feliz em vê-lo novamente.”

Uma pausa, que durou horripelantemente. Eu não tinha nada para fazer no corredor, então fui para a sala.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Gatsby, com as mãos ainda nos bolsos, estava reclinado contra a lareira, em uma falsificação forçada de perfeita tranquilidade, até mesmo de tédio. Sua cabeça estava tão inclinada para trás que descansava contra o mostrador de um relógio em cima da lareira extinta e, dessa posição, seus olhos perturbados olhavam para Daisy, que estava sentada, assustada, mas graciosa, na beirada de uma cadeira rígida.

“*Já nos conhecemos antes*”, murmurou Gatsby. Seus olhos olharam momentaneamente para mim e seus lábios se separaram em uma tentativa abortada de rir. Por sorte, o relógio aproveitou esse momento para inclinar-se perigosamente com a pressão de sua cabeça, quando ele se virou e o pegou com dedos trêmulos, colocando-o de volta no lugar. Em seguida, sentou-se rigidamente, com o cotovelo apoiado no braço do sofá e o queixo apoiado na mão.

“*Desculpe-me pelo relógio*”, disse ele.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Meu próprio rosto agora tinha assumido a cor de uma profunda queimadura tropical. Eu não conseguia pensar em um único lugar-comum dentre os milhares que havia em minha cabeça.

“É um relógio antigo”, disse-lhes idiotamente.

Acho que todos nós acreditamos por um momento que ele havia se quebrado em pedaços no chão.

“Faz muitos anos que não nos encontramos”, disse Daisy, com a voz tão objetiva quanto possível.

“Cinco anos em novembro.”

A qualidade automática da resposta de Gatsby nos fez retroceder pelo menos mais um minuto. Eu já os tinha levantado com a sugestão desesperada de que me ajudassem a fazer chá na cozinha quando a finlandesa o trouxe em uma bandeja.

Em meio à bem-vinda confusão de xícaras e bolos, uma certa decência física se estabeleceu.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Gatsby se acomodou em uma sombra e, enquanto Daisy e eu conversávamos, olhava conscientemente de um para o outro com olhos tensos e infelizes. No entanto, como a calma não era um fim em si mesma, pedi licença no primeiro momento possível e me levantei.

“Para onde você está indo?”, perguntou Gatsby imediatamente alarmado.

“Eu voltarei.”

“Preciso falar com você sobre algo antes de ir.”

Ele me seguiu até a cozinha, fechou a porta e sussurrou: *“Oh, Deus!”* de uma forma miserável.

“Qual é o problema?”

“Isso é um erro terrível”, disse ele, balançando a cabeça de um lado para o outro, *“um erro terrível, terrível”*.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“*Você está apenas envergonhado, só isso*”, e felizmente acrescentei: “*Daisy também está envergonhada*”.

“*Ela está envergonhada?*”, repetiu ele, incrédulo.

“*Tanto quanto você.*”

“*Não fale tão alto.*”

“*Você está agindo como um garotinho*”, eu disse com impaciência. “*Não só isso, mas você é grosseiro. A Daisy está sentada lá sozinha.*”

Ele levantou a mão para impedir minhas palavras, olhou para mim com uma reprovação inescrutável e, abrindo a porta com cautela, voltou para o outro cômodo.

Saí pelos fundos – exatamente como Gatsby havia feito quando deu sua volta nervosa pela casa meia hora antes – e corri para uma enorme árvore preta com nós, cujas folhas maciças formavam um tecido contra a chuva. Chovia muito

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

mais uma vez, e meu gramado irregular, bem aparado pelo jardineiro de Gatsby, estava repleto de pequenos pântanos lamacentos e pântanos pré-históricos. Não havia nada para se olhar debaixo da árvore, exceto a enorme casa de Gatsby, então fiquei olhando para ela, como Kant para o campanário de sua igreja, por meia hora. Um cervejeiro a havia construído no início da moda do “*período*”, uma década antes, e havia uma história de que ele havia concordado em pagar cinco anos de impostos sobre todos os chalés vizinhos se os proprietários deixassem seus telhados com palha. Talvez a recusa deles tenha tirado o ânimo de seu plano de fundar uma família – ele entrou em declínio imediato. Seus filhos venderam sua casa com a coroa negra ainda na porta. Os americanos, embora dispostos, e até mesmo ansiosos, para serem servos, sempre foram inflexíveis a serem camponeses.

Depois de meia hora, o sol voltou a brilhar, e o carro do dono da mercearia passou pela garagem de Gatsby com a matéria-prima para o jantar de seus empregados – eu tinha certeza de que

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

ele não comeria nem uma colherada. Uma criada começou a abrir as janelas superiores de sua casa, apareceu momentaneamente em cada uma delas e, inclinando-se da grande baía central, cuspiu meditativamente para o jardim. Estava na hora de eu voltar. Enquanto a chuva continuava, se parecia com o murmúrio das vozes dos dois, aumentando e inchando um pouco de vez em quando com rajadas de emoção. Mas, de novo no silêncio, senti que o silêncio também havia caído dentro da casa.

Entrei – depois de fazer todo o barulho possível na cozinha, a não ser empurrar o fogão – mas acho que eles não ouviram nada. Eles estavam sentados nas duas extremidades do sofá, olhando um para o outro como se alguma pergunta tivesse sido feita ou estivesse no ar, e todo vestígio de constrangimento havia desaparecido. O rosto de Daisy estava manchado de lágrimas e, quando entrei, ela deu um pulo e começou a limpá-lo com o lenço diante de um espelho. Mas houve uma mudança em Gatsby que foi simplesmente desconcertante. Ele literalmente brilhava; sem

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

uma palavra ou um gesto de exultação, um novo bem-estar irradiava dele e enchia a pequena sala.

“*Ah, olá, meu caro*”, ele disse, como se não me visse há anos. Pensei por algum momento que me daria a mão.

“*Parou de chover.*”

“*Mesmo?*” Quando ele percebeu sobre o que eu estava falando, que o sol estava brilhando pela casa, ele sorriu como um homem do tempo, como um patrono extasiado da luz recorrente, e repetiu a notícia para Daisy. “*O que você acha disso? Parou de chover.*”

“*Fico feliz, Jay.*” Sua garganta, cheia de uma beleza dolorosa e pesarosa, falava apenas de sua alegria inesperada.

“*Quero que você e Daisy venham até a minha casa*”, disse ele, “*gostaria de mostrar a casa a ela*”.

“*Tem certeza de que quer que eu vá?*”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Com certeza, meu caro.”

Daisy subiu para lavar o rosto – pensei, tarde demais, na humilhação que seriam as minhas toalhas – enquanto Gatsby e eu esperávamos no gramado.

“Minha casa está bonita, não está?”, perguntou ele. *“Veja como toda a frente dela capta a luz.”*

Concordei que era esplêndida.

“É.” Seus olhos a examinaram, cada porta em arco e torre quadrada. *“Levei apenas três anos para ganhar o dinheiro para comprá-la.”*

“Pensei que tivesse herdado seu dinheiro.”

“Sim, meu caro”, disse ele automaticamente, *“mas perdi a maior parte dele no grande pânico – o pânico da guerra.”*

Acho que ele mal sabia o que estava dizendo, pois quando lhe perguntei qual era o seu negócio,

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

ele respondeu: *“Isso é problema meu”*, antes de perceber que essa não era uma resposta apropriada.

“Ah, já trabalhei em várias coisas”, ele se corrigiu. *“Estive no negócio de drogas e depois no negócio de petróleo. Mas não estou em nenhum deles agora.”* Ele olhou para mim com mais atenção. *“Quer dizer que você esteve pensando na proposta da outra noite?”*

Antes que eu pudesse responder, Daisy saiu da casa e duas fileiras de botões de latão em seu vestido brilharam à luz do sol.

“Aquele lugar enorme ali?”, ela gritou apontando.

“Você gostou?”

“Eu amei, mas não entendo como pode morar ali sozinho.”

“Sempre recebo pessoas interessantes, dia e noite. Pessoas que fazem coisas interessantes. Pessoas famosas”.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Em vez de pegar o atalho ao longo do estuário, descemos até a estrada e entramos pelo grande pórtico. Com murmúrios encantadores, Daisy admirava este ou aquele aspecto da silhueta feudal contra o céu, admirava os jardins, o odor cintilante dos junquinhos e o odor espumoso das flores de espinheiro e ameixa e o odor dourado pálido da cordão-de-cardeal. Era estranho chegar aos degraus de mármore e não encontrar nenhuma agitação de vestidos brilhantes entrando e saindo pela porta, e não ouvir nenhum som além de vozes de pássaros nas árvores.

E lá dentro, enquanto passeávamos pelas salas de música da Maria Antonieta e pelos Salões da Restauração, senti que havia convidados escondidos atrás de cada sofá e mesa, sob ordens de ficarem em silêncio até que tivéssemos passado por eles. Quando Gatsby fechou a porta da Biblioteca da Faculdade Merton, eu poderia jurar que ouvi o homem de olhos de coruja soltar uma gargalhada fantasmagórica.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Subimos as escadas, passamos por quartos de época envoltos em seda rosa e lavanda e cheios de flores novas, por vestiários e salas de bilhar e banheiros com banheiras de imersão – entrando em uma sala onde um homem desgrenhado, de pijama, fazia exercícios hepáticos no chão. Era o Sr. Klipspringer, o “*pensionista*”. Eu o havia visto perambulando faminto pela praia naquela manhã. Finalmente chegamos ao apartamento de Gatsby, com um quarto e um banheiro, e um escritório, onde nos sentamos e bebemos um copo de Chartreuse que ele pegou de um armário na parede.

Gatsby não parou de olhar para Daisy por nenhum instante, e acho que ele reavaliava tudo em sua casa de acordo com a resposta que recebia dos olhares tão amados de Daisy. Às vezes, também, ele olhava para suas posses de forma atordoada, como se, na presença real e surpreendente dela, nada disso fosse mais real. Certa vez, ele quase caiu de um lance de escada.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

O quarto dele era o mais simples de todos – exceto pela cômoda, que era adornada com um conjunto de toailete de ouro puro e sem brilho. Daisy pegou a escova de cabelo com prazer e alisou o cabelo, e Gatsby se sentou, cobriu os olhos e começou a rir.

“É a coisa mais engraçada, meu caro”, disse ele hilariamente. *“Eu não consigo – quando tento –”*

Ele havia passado visivelmente por dois estados e estava entrando em um terceiro. Depois de seu constrangimento e de sua alegria irracional, ele foi consumido pelo espanto com a presença dela. Ele era consumido pela ideia há tanto tempo, sonhou com ela até o fim, esperou com os dentes cerrados, por assim dizer, em um nível de intensidade inconcebível. Agora, na reação, ele estava se esgotando como um relógio com corda excessiva.

Recuperando-se em um minuto, ele abriu para nós dois enormes armários que guardavam seus

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

ternos, roupões, gravatas e camisas, empilhados como tijolos em pilhas de uma dúzia de altura.

“Tenho um homem na Inglaterra que compra roupas para mim. Ele envia uma seleção de coisas no início de cada estação, primavera e outono.”

Ele pegou uma pilha de camisas e começou a jogá-las, uma a uma, diante de nós, camisas de linho puro, seda grossa e flanela fina, que perderam suas dobras ao caírem e cobriram a mesa em uma desordem de muitas cores. Enquanto admirávamos, ele trazia mais e a pilha macia e rica aumentava – camisas com listras, bolinhas e xadrezes em coral, verde-maçã, lavanda e laranja claro, com monogramas em azul indiano. De repente, com um som tenso, Daisy inclinou a cabeça para dentro das camisas e começou a chorar de forma agitada.

“São camisas tão bonitas”, soluçou ela, com a voz abafada pelas dobras grossas. “Isso me deixa triste porque nunca vi camisas tão bonitas antes.”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Depois de termos visto a casa, deveríamos ver o terreno, a piscina, o hidroavião e as flores de verão – mas do lado de fora da janela de Gatsby começou a chover novamente, então ficamos em fila olhando para a superfície ondulada do estuário.

“Se não fosse pela neblina, conseguiríamos ver sua casa do outro lado da baía”, disse Gatsby. “Sempre tem uma luz verde que fica acesa a noite toda na ponta da sua doca.”

Daisy passou o braço pelo dele abruptamente, mas ele parecia absorto no que acabara de dizer. Talvez tenha lhe ocorrido que o significado colossal daquela luz havia desaparecido para sempre. Em comparação com a grande distância que o separava de Daisy, a luz parecia muito próxima a ela, quase a tocando. Parecia tão próxima quanto uma estrela da lua. Agora era novamente uma luz verde em uma doca. Sua contagem de objetos encantados havia diminuído em um.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Comecei a andar pela sala, examinando vários objetos indefinidos na meia escuridão. Uma grande fotografia de um homem idoso em trajes de iatista, pendurada na parede sobre sua mesa, me atraiu.

“Quem é esse?”

“Este? É o Sr. Dan Cody, meu caro.”

O nome soou ligeiramente familiar.

“Ele está morto agora. Ele costumava ser meu melhor amigo há muitos anos.”

Havia uma pequena foto de Gatsby, também em trajes de iatista, sobre a escrivaninha – Gatsby com a cabeça jogada para trás desafiadoramente – tirada aparentemente quando ele tinha cerca de dezoito anos.

“Eu adoro”, exclamou Daisy. “Uma lancha! Você nunca me disse que tinha uma lancha – ou um iate.”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Veja isso”, disse Gatsby rapidamente. “Aqui está um monte de recortes sobre você.”

Eles ficaram lado a lado examinando a pasta. Eu ia pedir para ver os rubis quando o telefone tocou, e Gatsby pegou o fone.

“Sim... Bem, não posso falar agora... Não posso falar agora, meu caro... Eu disse uma cidade pequena... Ele deve saber o que é uma cidade pequena... Bem, ele não tem utilidade para nós se acha que Detroit é uma cidade pequena...”

Ele desligou.

“Venha aqui rápido!”, gritou Daisy na janela.

A chuva ainda estava caindo, mas a escuridão havia se dissipado no oeste, e havia uma onda rosa e dourada de nuvens espumosas acima do mar.

“Olhe para isso”, sussurrou ela, e depois de um momento: “Eu gostaria de pegar uma dessas nuvens

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

cor-de-rosa, colocar você dentro dela e ficar passeando com você por aí”.

Tentei ir embora, mas eles não quiseram saber; talvez minha presença tenha feito com que eles se sentissem mais satisfatoriamente sozinhos.

“*Já sei o que vamos fazer*”, disse Gatsby, “*vamos pedir para Klipspringer tocar piano*”.

Ele saiu da sala chamando “*Ewing!*” e retornou em poucos minutos acompanhado por um jovem envergonhado e um pouco desgastado, com óculos de aros de concha e cabelos loiros escassos. Ele agora estava decentemente vestido com uma “*camisa esportiva*”, aberta no pescoço, tênis e calças de um tom nebuloso.

“*Interrompemos seu exercício?*”, perguntou Daisy educadamente.

“*Eu estava dormindo*”, exclamou o Sr. Klipspringer, em um espasmo de constrangimento. “*Ou seja, eu estava dormindo. Então me levantei...*”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“*Klipspringer toca piano*”, disse Gatsby, interrompendo-o. “*Você não toca, Ewing, meu caro?*”

“*Eu não toco bem. Não toco quase nada. Estou sem prática...*”

“*Vamos descer as escadas*”, interrompeu Gatsby. Ele acionou um interruptor. As janelas cinzentas desapareceram e a casa ficou cheia de luz.

Na sala de música, Gatsby acendeu uma lâmpada solitária ao lado do piano. Ele acendeu o cigarro de Daisy com um fósforo trêmulo e sentou-se com ela em um sofá do outro lado da sala, onde não havia nenhuma luz, exceto a que o piso reluzente trazia do corredor.

Quando Klipspringer tocou *The Love Nest*, ele se virou no banco e procurou Gatsby na escuridão.

“*Estou sem prática, veja. Eu disse que não sabia tocar. Estou sem prática...*”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“*Não fale tanto, meu velho*”, ordenou Gatsby. “*To-que!*”

De manhã

De noite

nos divertimos–

Lá fora, o vento estava forte e havia um leve fluxo de trovões ao longo do estuário. Todas as luzes estavam acesas em West Egg agora; os trens elétricos, carregados de homens, voltavam de Nova York para casa através da chuva. Era a hora de uma profunda mudança humana, e a empolgação estava se espalhando pelo ar.

Uma coisa é certa e nada é mais certo

Os ricos ficam mais ricos e aos pobres restam os filhos.

Nesse meio tempo, nesse meio tempo...

Quando me aproximei para me despedir, vi que a expressão de perplexidade havia voltado

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

ao rosto de Gatsby, como se lhe tivesse ocorrido uma leve dúvida quanto à qualidade de sua felicidade atual. Quase cinco anos! Deve ter havido momentos, mesmo naquela tarde, em que Daisy ficou aquém de seus sonhos – não por culpa dela, mas devido à colossal vitalidade de sua ilusão. A ilusão tinha ido além dela própria, além de tudo. Ele se dedicou a ela com uma paixão criativa, aumentando-a o tempo todo, enfeitando-a com todas as penas brilhantes que surgiam em seu caminho. Nenhuma quantidade de fogo ou frescor pode desafiar o que um homem pode armazenar em seu coração fantasmagórico.

Enquanto eu o observava, ele se ajustou um pouco, visivelmente. Sua mão segurou a dela e, quando ela disse algo baixinho em seu ouvido, ele se virou para ela com uma onda de emoção. Acho que aquela voz o prendeu mais, com seu calor flutuante e febril, porque não podia ser sonhada demais – aquela voz era uma canção imortal.

Eles haviam se esquecido de mim, mas Daisy olhou para cima e estendeu a mão; Gatsby não

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

me conhecia agora. Olhei mais uma vez para eles e eles olharam de volta, remotamente, possuídos por uma vida intensa. Então saí da sala e descii os degraus de mármore em direção à chuva, deixando-os ali juntos.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

VVI

Nessa época, um jovem e ambicioso repórter de Nova York chegou à porta de Gatsby em uma manhã e perguntou se ele tinha algo a dizer.

“*Algo a dizer sobre o quê?*”, perguntou Gatsby educadamente.

“*Por que – qualquer declaração.*”

Descobriu-se, após cinco minutos de confusão, que o homem havia ouvido o nome de Gatsby em seu escritório em uma conexão que ele não quis revelar ou não entendeu completamente. Aquele era seu dia de folga e, com uma iniciativa louvável, ele saiu correndo “*para ver*” se conseguia algo.

Foi um tiro ao acaso, mas o instinto do repórter estava certo. A notoriedade de Gatsby, espalhada pelas centenas de pessoas que aceitavam sua hospitalidade e, portanto, tornaram-se autoridades em seu passado, foi aumentando durante todo o verão, até que ele ficou perto de se tornar notícia. Lendas contemporâneas, como a

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

do “*oleoduto subterrâneo para o Canadá*”, foram ligadas a ele, e havia uma história persistente de que ele não morava em uma casa, mas em um barco que parecia uma casa e que era movido secretamente para cima e para baixo pela costa de Long Island. Mas não é fácil dizer por que essas invenções eram uma fonte de satisfação para James Gatz, da Dakota do Norte.

James Gatz – isso mesmo. Afinal, esse era de fato, ou ao menos legalmente, seu nome. Ele o tinha mudado aos dezessete anos, o momento específico que serviu de testemunha para o começo da sua carreira – quando ele viu o iate de Dan Cody baixar a âncora numa calmaria suspeita no Lago Superior. Foi James Gatz que estava perambulando pela praia naquela tarde com uma camisa verde rasgada e uma calça de lona, mas já era Jay Gatsby que pegou um barco a remo emprestado, foi até o iate Tuolomee e informou a Cody que um vento poderia pegá-lo e afundá-lo em meia hora.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Suponho que ele já tinha pensado no nome há muito tempo, mesmo naquela época. Seus pais eram fazendeiros sem sucesso e sem recursos – a imaginação de Gatsby nunca os aceitara como seus pais. A verdade é que Jay Gatsby, de West Egg, Long Island, surgiu de sua concepção platoniana de si mesmo. Ele era um filho de Deus – uma frase que, se significa alguma coisa, significa exatamente isso – e deveria estar a serviço de Seu Pai, a serviço de uma beleza vasta, vulgar e meretrícia. Assim, ele inventou exatamente o tipo de Jay Gatsby que um garoto de dezessete anos provavelmente inventaria, e ele foi fiel a essa concepção até o fim.

Há mais de um ano, ele vinha abrindo caminho ao longo da costa sul do Lago Superior como catador de moluscos e pescador de salmão ou em qualquer outra função que lhe trouxesse comida e cama. Seu corpo marrom e endurecido vivia naturalmente o trabalho meio feroz e meio preguiçoso dos dias de calor. Ele conheceu as mulheres desde cedo e, como elas o mimavam, passou a desprezá-las: às jovens virgens, porque eram

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

ignorantes; às outras, porque eram histéricas em relação a coisas que, em seu egocentrismo avassalador, ele achava que eram garantidas.

Mas seu coração estava em um tumulto constante e turbulento. Os conceitos mais grotescos e fantásticos o assombravam na cama à noite. Um universo de inefável beleza se desenrolava em seu cérebro enquanto o relógio marcava o tempo no lavatório e a lua encharcava com uma luz úmida as roupas emaranhadas no chão. A cada noite, ele aumentava o padrão de suas fantasias até que a sonolência se fechasse em alguma cena vívida com um abraço alheio. Por um tempo, esses devaneios deram vazão à sua imaginação; eram uma sugestão satisfatória da irrealidade da realidade, uma promessa de que a rocha do mundo estava firmemente alicerçada em uma asa de fada.

Um instinto em relação à sua glória futura o levou, alguns meses antes, à pequena faculdade luterana de St. Olaf, no sul de Minnesota. Ele permaneceu lá por duas semanas, desanimado com a indiferença feroz em relação aos tambores de

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

seu destino, ao do próprio destino, e desprezando o trabalho de zelador com o qual deveria pagar sua estadia. Em seguida, voltou para o Lago Superior e ainda estava procurando algo para fazer no dia em que o iate de Dan Cody ancorou nas águas rasas ao longo da costa.

Cody tinha cinquenta anos na época, um produto dos campos de prata de Nevada, do Yukon, de todas as corridas por metal desde os anos 75. As transações de cobre de Montana que o tornaram milionário muitas vezes o deixaram fisicamente robusto, mas à beira da fraqueza e, suspeitando disso, um número infinito de mulheres tentou separá-lo de seu dinheiro. Os desdobramentos desagradáveis de quando Ella Kaye, a mulher da imprensa, jogou Madame de Maintenon ao seu ponto fraco e o jogou com o iate para o mar, eram propriedade comum do jornalismo inflado de 1902. Ele estava navegando por praias hospitaleiras quando cruzou com o destino de James Gatz na baía Little Girl.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Para o jovem Gatz, apoiado em seus remos e olhando para o convés gradeado, aquele iate representava toda a beleza e o glamour do mundo. Suponho que ele sorriu para Cody – provavelmente havia descoberto que as pessoas gostavam dele quando ele sorria. De qualquer forma, Cody lhe fez algumas perguntas (uma delas lhe deu o novo nome) e descobriu que ele era rápido e extravagantemente ambicioso. Alguns dias depois, ele o levou a Duluth e comprou um casaco azul, seis pares de calças brancas e um boné de iatismo. E quando o Tuolomee partiu para as Índias Ocidentais e a Costa da Barbárie, Gatsby partiu junto.

Ele foi empregado em uma vaga capacidade pessoal – enquanto permaneceu com Cody, ele fazia um rodízio entre as posições de mordomo, imediato, capitão, secretário e até mesmo carcereiro, pois o Dan Cody sóbrio sabia as coisas extravagantes que Dan Cody bêbado viria a fazer em breve, e ele se preparava para essas contingências depositando cada vez mais confiança em Gatsby. O acordo durou cinco anos, durante os quais

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

o barco deu três voltas ao redor do continente. Poderia ter durado indefinidamente, exceto pelo fato de que Ella Kaye subiu a bordo uma noite em Boston e, uma semana depois, Dan Cody morreu de forma inóspita.

Lembro-me do retrato dele no quarto de Gatsby, um homem grisalho e florido com um rosto duro e vazio – o pioneiro debochado que, durante uma fase da vida americana, trouxe de volta à costa leste a violência selvagem dos bordéis e salões da fronteira. Foi indiretamente devido a Cody que Gatsby bebia tão pouco. Às vezes, durante as festas extravagantes, as mulheres costumavam esfregar champanhe em seu cabelo; para si mesmo, ele adquiriu o hábito de deixar a bebida de lado.

E foi de Cody que ele herdou dinheiro – um legado de vinte e cinco mil dólares. Ele nunca o recebeu. Nunca entendeu o dispositivo legal que foi usado contra ele, mas o que restou do dinheiro foi intacto para Ella Kaye. Ele ficou com sua educação singularmente apropriada; o contor-

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

no vago de Jay Gatsby havia se transformado na substancialidade de um homem.

Ele me contou tudo isso muito mais tarde, mas escrevi neste momento com a ideia de desmentir os primeiros rumores, nem um pouco verdadeiros, sobre seus antecedentes. Além do mais, ele me contou tudo isso em um momento de confusão, quando eu havia chegado ao ponto de acreditar ao mesmo tempo em tudo e nada sobre ele. Assim, aproveitei essa pequena pausa, enquanto Gatsby, por assim dizer, recuperava o fôlego, para eliminar esse conjunto de concepções errôneas.

Foi uma pausa, também, na minha associação com seus assuntos. Durante várias semanas, não o vi nem ouvi sua voz ao telefone – passei a maior parte do tempo em Nova York, passeando com Jordan e tentando me enturmar com sua tia senil –, mas finalmente fui até a casa dele em uma tarde de domingo. Eu não estava lá havia dois minutos quando alguém trouxe Tom Buchanan para tomar um drinque. Fiquei assustado, natu-

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

almente, mas o que realmente me surpreendeu foi o fato de isso nunca ter acontecido antes.

Era um grupo de três pessoas a cavalo – Tom, um homem chamado Sloane e uma bela mulher em um traje de montaria marrom, que já estivera ali antes.

“Estou encantado em vê-los”, disse Gatsby, de pé na varanda. *“Estou muito encantado com vocês terem aparecido.”*

Como se eles se importassem!

“Sintam-se à vontade. Peguem um cigarro ou um charuto.” Ele andou rapidamente pela sala, tocando sinos. *“Terei alguma bebida para vocês em apenas um minuto.”*

Ele estava profundamente afetado pelo fato de Tom estar ali. Mas, de qualquer forma, ele se sentiria desconfortável até que lhes desse algo, percebendo, de uma forma vaga, que era só isso que eles queriam. O Sr. Sloane não queria nada. Uma

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

limonada? Não, obrigado. Um pouco de champagne? Nada, obrigado... Sinto muito...

“Fizeram um bom passeio?”

“As estradas por aqui são muito boas.”

“Suponho que os automóveis...”

“Sim.”

Movido por um impulso irresistível, Gatsby voltou-se para Tom, que lhe foi apresentado como um estranho.

“Eu acredito que nos conhecemos antes, Sr. Buchanan”.

“Ah, sim”, disse Tom levemente educado, mas obviamente sem se lembrar. *“Claro que sim. Me lembro muito bem”*.

“Duas semanas atrás”.

“Ah, é verdade. Você estava com o nosso Nick”.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“*Eu conheço sua esposa*”, continuou Gatsby, com um tom quase agressivo.

“*É mesmo?*”

Tom se virou para mim.

“*Você mora aqui perto, Nick?*”

“*Aqui do lado*”.

“*É mesmo?*”

O Sr. Sloane não entrou na conversa, mas recostou-se arrogantemente na cadeira; a mulher também não disse nada – até que, inesperadamente, depois de dois drinques, ela ficou muito cordial.

“*Viremos todos à sua próxima festa, Sr. Gatsby*”, ela sugeriu. “*O que você acha?*”

“*Certamente; ficarei muito feliz em recebê-los.*”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“*Seria muito gentil*”, disse o Sr. Sloane, sem gratidão. “*Bem, acho que já está na minha hora de ir para casa.*”

“*Por favor, não se apressem*”, Gatsby lhes pediu. Agora ele já tinha controle de si mesmo e queria conhecer Tom melhor. “*Por que vocês não ficam para o jantar? Eu não ficaria surpreso se outras pessoas de Nova York aparecessem.*”

“*Vocês que vêm jantar comigo*”, disse a senhora com entusiasmo. “*Vocês dois.*”

Isso me incluía. O Sr. Sloane se levantou.

“*Venha*”, disse ele – mas somente para ela.

“*Estou falando sério*”, ela insistiu. “*Eu adoraria receber vocês. Temos muito espaço.*”

Gatsby olhou para mim com ar de interrogação. Ele queria ir e não percebia que o Sr. Sloane já havia determinado que ele não deveria ir.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Receio que não seja possível”, eu disse.

“Bem, você vem”, ela insistiu, concentrando-se em Gatsby.

O Sr. Sloane murmurou algo perto de seu ouvido.

“Não vamos nos atrasar se formos agora”, ela insistiu em voz alta.

“Eu não tenho um cavalo”, disse Gatsby. “Eu costumava cavalgar no exército, mas nunca comprei um cavalo. Terei de segui-la em meu carro. Deem-me licença por um minuto”.

O restante de nós foi para a varanda, onde Sloane e a senhora começaram uma conversa apaixonada à parte.

“Meu Deus, acho que o homem está chegando”, disse Tom. “Ele não sabe que ela não quer que ele vá?”

“Ela diz que quer.”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Ela vai oferecer um grande jantar e ele não vai conhecer ninguém lá.” Ele franziu a testa. *“Eu me pergunto onde diabos ele conheceu Daisy. Por Deus, posso ser antiquado em minhas ideias, mas as mulheres estão soltas demais hoje em dia para o meu gosto. Elas conhecem todo tipo de louco.”*

De repente, o Sr. Sloane e a dama desceram as escadas e montaram em seus cavalos.

“Vamos”, disse o Sr. Sloane a Tom, *“estamos atrasados. Temos que ir.”* E depois para mim: *“Diga a ele que não podemos esperar, está bem?”*

Tom e eu apertamos as mãos, os outros trocaram um aceno de cabeça frio e trotaram rapidamente pela estrada, desaparecendo sob a folhagem de agosto, exatamente quando Gatsby, com chapéu e casaco leve na mão, saiu pela porta da frente.

Tom estava evidentemente incomodado com o fato de Daisy andar sozinha por aí, pois no sábado à noite ele foi com ela à festa de Gatsby. Talvez

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

sua presença tenha dado à noite uma característica peculiar de opressão – ela se destaca em minha memória das outras festas de Gatsby naquele verão. Eram as mesmas pessoas, ou pelo menos o mesmo tipo de pessoas, a mesma profusão de champanhe, a mesma agitação colorida e agitada, mas senti um ar desagradável, uma aspereza penetrante que não existia antes. Ou talvez eu tenha apenas me acostumado, aceitado West Egg como um mundo completo em si mesmo, com seus próprios padrões e suas próprias grandes figuras, que não se compara a nada porque não tem consciência de ser assim, e agora eu estava olhando para ele novamente, através dos olhos de Daisy. É invariavelmente triste olhar para coisas nas quais você já esgotou seu próprio poder de calibração com novos olhos.

Eles chegaram ao crepúsculo e, enquanto passeávamos entre as centenas de pessoas resplandecentes, a voz de Daisy falhava em sua garganta.

“Essas coisas me excitam tanto”, ela sussurrou.
“Se quiser me beijar em algum momento da noite,

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Nick, é só me avisar. Terei prazer em providenciar isso para você. Basta mencionar meu nome. Ou apresente um cartão verde. Estou distribuindo cartões—”

“Olhe ao redor”, sugeriu Gatsby.

“Estou olhando. Estou me divertin—”

“Você deve estar reconhecendo muitas pessoas das quais já ouviu falar.”

Os olhos arrogantes de Tom escrutinaram a multidão.

“Nós não saímos muito”, ele disse; “na verdade, estava mesmo pensando que não conheço absolutamente ninguém aqui”.

“Talvez você conheça aquela dama”. Gatsby mostrou uma mulher linda, quase uma orquídea humana, sentada sob uma árvore de ameixa branca. Tom e Daisy ficaram olhando, com aquela sensação peculiarmente irreal que acompanha

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

o reconhecimento de uma celebridade até então fantasmagórica dos filmes.

“*Ela é adorável*”, disse Daisy.

“*O homem curvado sobre ela é seu diretor.*”

Ele os levou cerimoniosamente de grupo em grupo:

“*A Sra. Buchanan... e o Sr. Buchanan...*” Após um instante de hesitação, ele acrescentou: “*o jogador de polo*”.

“*Ah, não*”, objetou Tom rapidamente, “*eu não*”.

Mas evidentemente o som disso agradou Gatsby, pois Tom continuou sendo “*o jogador de polo*” pelo resto da noite.

“*Nunca conheci tantas celebridades*”, exclamou Daisy. “*Gostei daquele homem – qual era o nome dele? – com o nariz meio azulado.*”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Gatsby o identificou, acrescentando que era um produtor de pequeno porte.

“Bom, gostei dele mesmo assim”.

“Eu preferiria não ser o jogador de polo”, disse Tom suplicante. “Eu preferiria passar despercebido por todas essas pessoas famosas”.

Daisy e Gatsby dançaram. Lembro-me de ter ficado surpreso com seu gracioso e conservador foxtrot – nunca o tinha visto dançar antes. Em seguida, eles foram até minha casa e ficaram sentados nos degraus por meia hora, enquanto, a pedido dela, eu permanecia vigilante no jardim. *“Para o caso de haver um incêndio ou uma inundação”, explicou ela, “ou qualquer ato de Deus”.*

Tom apareceu de seu esquecimento quando estávamos sentados para jantar juntos. *“Você se importa se eu comer com algumas pessoas aqui?”*, disse ele. *“Um sujeito está fazendo umas coisas engraçadas.”*

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Vá em frente”, respondeu Daisy gentilmente, “e se quiser anotar algum endereço, aqui está meu pequeno lápis dourado.” Ela olhou em volta depois de um momento e me disse que a garota era “comum, mas bonita”, e eu sabia que, exceto pela meia hora em que ficou sozinha com Gatsby, ela não estava se divertindo.

Estávamos em uma mesa particularmente embriagada. Isso foi culpa minha – Gatsby havia sido chamado ao telefone e eu havia me sentado com essas mesmas pessoas apenas duas semanas antes. Mas o que havia me divertido na época se tornou séptico no ar agora.

“Como se sente, Srta. Baedeker?”

A garota em questão estava tentando, sem sucesso, encostar-se ao meu ombro. Diante dessa pergunta, ela se sentou e abriu os olhos.

“O quê?”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Uma mulher enorme e letárgica, que estava insistindo para que Daisy jogasse golfe com ela no clube no dia seguinte, intercedeu em favor da moça:

“Oh, ela está bem agora. Quando ela toma cinco ou seis coquetéis, sempre começa a gritar daquele jeito. Eu lhe digo que ela deveria deixar isso de lado.”

“Eu deixo isso de lado”, a acusada afirmou de forma vaga.

“Ouvimos você gritando, então eu disse ao Doc Civet aqui: ‘Tem alguém precisando de sua ajuda, doutor’.”

“Ela está muito agradecida, tenho certeza”, disse outro amigo, sem gratidão, *“mas você molhou o vestido dela quando enfiou a cabeça dela na piscina”*.

“Tudo o que eu odeio é ficar com a cabeça enfiada em uma piscina”, murmurou a Srta. Baedeker. *“Quase me afogaram uma vez em Nova Jersey.”*

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Então você deveria deixar isso para lá”, rebateu o Dr. Civet.

“Fale por você!”, gritou a Srta. Baedeker violentamente. “Sua mão fica tremendo. Eu não deixaria o senhor me operar!”

Foi assim. Quase a última coisa de que me lembro foi de estar com Daisy observando o diretor de cinema e sua estrela. Eles ainda estavam embaixo da árvore de ameixa branca e seus rostos estavam se tocando, exceto por um pálido e fino raio de luar entre eles. Ocorreu-me que ele havia se inclinado muito lentamente em direção a ela durante toda a noite para alcançar essa proximidade e, mesmo enquanto eu observava, eu o vi se inclinar um último grau e beijar sua bochecha.

“Eu gosto dela”, disse Daisy, “acho que ela é adorável”.

Mas o resto a ofendeu – e sem dúvida porque não se tratava de um gesto, mas de uma emoção. Ela estava horrorizada com West Egg, esse

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“*lugar*” sem precedentes que a Broadway havia gerado em uma vila de pescadores de Long Island – horrorizada com seu vigor bruto que se irritava com os velhos eufemismos e com o destino intrusivo demais que conduzia seus habitantes por um atalho do nada para o nada. Ela viu algo terrível na própria simplicidade que não conseguiu entender.

Sentei-me nos degraus da frente com eles enquanto esperavam o carro. Estava escuro; apenas a porta iluminada enviava três metros quadrados de luz para a suave e negra manhã. Às vezes, uma sombra se movia contra a persiana de uma sala acima, dando lugar a outra sombra, uma procissão indefinida de sombras, que se esfregavam e se retocavam em um vidro invisível.

“*Quem é esse Gatsby, afinal de contas?*”, perguntou Tom de repente. “*Algum contrabandista grande?*”

“*Onde você ouviu isso?*” perguntei.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Eu não ouvi. Imaginei isso. Muitos desses novos ricos são apenas grandes contrabandistas, você sabe.”

“Não o Gatsby”, eu disse rapidamente.

Ele ficou em silêncio por um momento. Os seixos da estrada rangiam sob seus pés.

“Bem, ele certamente deve ter se esforçado muito para montar essa coleção de animais.”

Uma brisa agitou a névoa cinza da gola de pele de Daisy.

“Pelo menos eles são mais interessantes do que as pessoas que conhecemos”, disse ela com um esforço.

“Você não parecia tão interessada.”

“Bem, eu estava.”

Tom riu e se virou para mim.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Você viu a cara da Daisy quando aquela garota lhe pediu para colocá-la em uma ducha fria?”

Daisy começou a cantar com a música em um sussurro rouco e rítmico, dando a cada palavra um significado que ela nunca tivera antes e nunca mais teria. Quando a melodia se elevava, sua voz se separava docemente, acompanhando-a, de um jeito específico das vozes de contralto, e cada mudança deixava no ar um pouco de sua calorosa magia humana.

“Muitas pessoas vêm sem serem convidadas”, disse ela de repente. “Aquele garoto não foi convidado. Eles simplesmente forçam a entrada e ele é educado demais para se opor.”

“Eu gostaria de saber quem ele é e o que faz”, insistiu Tom. “E acho que vou fazer questão de descobrir.”

“Posso lhe dizer agora mesmo”, respondeu ela. “Ele era dono de algumas farmácias, muitas farmácias. Ele mesmo as construiu.”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

A morosa limusine chegou.

“Boa noite, Nick”, disse Daisy.

Seu olhar me deixou e procurou o topo iluminado dos degraus, onde “*Three O’Clock in the Morning*”, uma valsinha elegante e triste daquele ano, estava saindo pela porta aberta. Afinal de contas, na própria casualidade da festa de Gatsby, havia possibilidades românticas totalmente ausentes de seu mundo. O que era aquilo na música que parecia estar chamando-a de volta para dentro? O que aconteceria agora nas horas escuras e incalculáveis? Talvez chegasse algum convidado inacreditável, uma pessoa infinitamente rara e admirável, uma jovem autenticamente radiante que, com um novo olhar para Gatsby, um momento de encontro mágico, apagaria aqueles cinco anos de devoção inabalável.

Fiquei até tarde naquela noite. Gatsby pediu-me que esperasse até que ele estivesse livre, e eu fiquei no jardim até que o inevitável grupo da natação chegasse, gelado e exaltado, da praia

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

negra, até que as luzes dos quartos de hóspedes estivessem apagadas. Quando ele finalmente desceu os degraus, a pele bronzeada estava esticada de forma incomum em seu rosto, e seus olhos estavam brilhantes e cansados.

“*Ela não gostou*”, disse ele imediatamente.

“*Claro que gostou.*”

“*Ela não gostou*”, ele insistiu. “*Ela não se divertiu.*”

Ele ficou em silêncio, e eu adivinhei sua depressão indescritível.

“*Eu me sinto distante dela*”, disse ele. “*É difícil fazê-la entender.*”

“*Você está falando sobre a festa?*”

“*A festa?*” Ele ignorou todas as festas que deu com um estalar de dedos. “*Meu caro, as festas não têm importância nenhuma*”.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Ele não queria nada menos de Daisy do que que ela fosse até Tom e dissesse: “*Eu nunca ameí você*”. Depois que ela tivesse apagado quatro anos com essa frase, eles poderiam decidir sobre as medidas mais práticas a serem tomadas. Uma delas era que, depois que ela estivesse livre, eles deveriam voltar para Louisville e se casar na casa dela – como se fosse há cinco anos.

“*E ela não entende*”, disse ele. “*Ela costumava ser capaz de entender. Ficávamos sentados por horas...*”

Ele se interrompeu e começou a andar para cima e para baixo em um caminho desolado de cascas de frutas, favores descartados e flores esmagadas.

“*Eu não pediria muito a ela*”, arrisquei. “*Você não pode repetir o passado.*”

“*Não se pode repetir o passado?*”, disse ele, incrédulo. “*É claro que você pode!*”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Ele olhou ao seu redor descontroladamente, como se o passado estivesse à espreita na sombra de sua casa, apenas fora do alcance de sua mão.

“*Vou consertar tudo, deixar exatamente como era antes*”, disse ele, balançando a cabeça com determinação. “*Ela verá.*”

Ele falava muito sobre o passado, e eu percebi que ele queria recuperar alguma coisa, talvez alguma ideia de si mesmo que havia sido usada para amar Daisy. Sua vida tinha sido confusa e desordenada desde então, mas se ele pudesse voltar a um certo ponto de partida e revisar tudo lentamente, poderia descobrir o que era essa coisa...

Em uma noite de outono, cinco anos antes, eles estavam caminhando pela rua quando as folhas estavam caindo e chegaram a um lugar onde não havia árvores e a calçada estava brilhando com o luar. Eles pararam nesse local e se viraram um para o outro. Era uma noite fresca, com aquela emoção misteriosa que surge nas duas mudanças do ano. As luzes silenciosas das casas estavam

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

se apagando na escuridão e havia uma agitação entre as estrelas. Pelo canto do olho, Gatsby viu que os blocos das calçadas realmente formavam uma escada que levava a um lugar secreto acima das árvores – ele poderia subir até lá, se subisse sozinho, e uma vez lá, poderia sugar o sulco da vida, engolir o incomparável leite da maravilha.

Seu coração bateu mais rápido quando o rosto branco de Daisy se aproximou do seu. Ele sabia que, quando beijasse essa garota e casasse para sempre suas visões indescritíveis com o hálito perecível dela, sua mente nunca mais se moveria como a mente de Deus. Então ele esperou, ouvindo por mais um momento o diapásão que havia sido tocado em uma estrela. Então ele a beijou. Ao toque de seus lábios, ela desabrochou para ele como uma flor e a encarnação estava completa.

Em tudo o que ele disse, mesmo em seu sentimentalismo terrível, lembrei-me de algo – um ritmo indescritível, um fragmento de palavras perdidas, que eu havia ouvido em algum lugar há muito tempo. Por um momento, uma frase ten-

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

tou tomar forma em minha boca e meus lábios se entreabriram como os de um homem mudo, como se houvesse mais esforço neles do que um fio de ar assustado. Mas eles não emitiram nenhum som, e o que eu quase havia lembrado ficou incomunicável para sempre.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

WVI

Foi quando a curiosidade sobre Gatsby estava no auge que as luzes de sua casa não se acenderam em uma noite de sábado – e, tão obscuramente quanto havia começado, sua carreira como Trimalchio havia terminado. Só aos poucos fui percebendo que os automóveis que entravam em sua garagem com expectativa ficavam apenas um minuto e depois se afastavam mal-humorados. Perguntando-me se ele estava doente, fui até lá para descobrir – um mordomo desconhecido com um rosto de vilão me olhou desconfiado da porta.

“O Sr. Gatsby está doente?”

“Não.” Após uma pausa, ele acrescentou *“senhor”* de forma dilatatória e relutante.

“Faz tempo que não o vejo por aqui e fiquei bastante preocupado. Diga a ele que o Sr. Carraway veio aqui.”

“Quem?”, ele exigiu rudemente.

“Carraway.”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Carraway. Tudo bem, eu lhe direi.”

Ele bateu a porta abruptamente.

A finlandesa me informou que Gatsby havia dispensado todos os empregados de sua casa havia uma semana e os substituiu por meia dúzia de outros, que nunca iam ao vilarejo de West Egg para serem subornados pelos comerciantes, mas encomendaram suprimentos moderados pelo telefone. O rapaz da mercearia relatou que a cozinha parecia um chiqueiro, e a opinião geral no vilarejo era de que os novos empregados não eram profissionais de fato.

No dia seguinte, Gatsby me ligou.

“Está indo embora?” perguntei.

“Não, meu caro.”

“Ouvi dizer que você demitiu todos os seus empregados.”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Eu queria pessoas que não fofocassem. Daisy tem vindo aqui com frequência – à tarde.”

Então, toda a caravana caiu como um castelo de cartas diante da desaprovação dos olhos dela.

“Essas são algumas pessoas que o Wolfshiem queria ajudar. São todos irmãos e irmãs. Eles costumavam administrar um pequeno hotel.”

“Entendo”.

Ele estava ligando a pedido de Daisy – será que eu poderia ir almoçar na casa dela amanhã? A Srta. Baker estaria lá. Meia hora depois, a própria Daisy telefonou e pareceu aliviada ao saber que eu iria. Algo estava acontecendo. No entanto, eu não conseguia acreditar que eles escolheriam essa ocasião para uma cena – especialmente para a cena bastante angustiante que Gatsby havia delineado no jardim.

O dia seguinte estava quente, quase o último, certamente o mais quente, do verão. Quando meu

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

trem saiu do túnel para a luz do sol, apenas os apitos quentes da Companhia Nacional de Biscoitos quebraram o silêncio fervente do meio-dia. Os assentos de palha do vagão pairavam à beira da combustão; a mulher ao meu lado transpirava delicadamente por um tempo em sua camisa branca e, depois, com o jornal umedecido sob seus dedos, caiu desesperadamente no calor profundo com um grito desolado. Sua carteira de bolso caiu no chão.

“*Oh, meu Deus!*”, ela ofegou.

Eu a peguei com uma curvatura cansada e a devolvi a ela, segurando-a à distância de um braço e pela ponta extrema dos cantos para indicar que eu não tinha nenhum objetivo com isso – mas todos os que estavam por perto, inclusive a mulher, suspeitaram de mim mesmo assim.

“*Quente!*”, disse o condutor para rostos conhecidos. “*Que clima!... Quente!... Quente!... Quente!... Quente!... Está quente o suficiente para você? Está quente? Está... ?*”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Minha passagem de ida e volta voltou para mim com uma mancha escura de sua mão. Que alguém se importasse, nesse calor, com os lábios corados de quem ele beijava, com a cabeça que molhava o bolso do pijama sobre seu coração!

Pelo corredor da casa dos Buchanan soprava um vento fraco, trazendo o som da campainha do telefone até Gatsby e para mim, enquanto esperávamos na porta.

“O patrão?”, rugiu o mordomo no bocal. “Sinto muito, senhora, mas não podemos chamá-lo – está muito quente para ser incomodado ao meio-dia!”

O que ele realmente disse foi: “Sim... Sim... Vou ver”.

Ele deixou o receptor de lado e veio em nossa direção, brilhando levemente, para pegar nossos chapéus rígidos de palha.

“A madame espera no salão!”, ele gritou, indicando desnecessariamente a direção. Nesse calor, cada gesto extra era uma afronta à vida comum.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

A sala, bem sombreada por toldos, era escura e fresca. Daisy e Jordan estavam deitadas em um enorme sofá, como ídolos prateados que pesavam seus próprios vestidos brancos contra a brisa cantante dos ventiladores.

“Não podemos nos mexer”, disseram juntas.

Os dedos de Jordan, brancos como pó sobre seu bronzeado, descansaram por um momento nos meus.

“E o Sr. Thomas Buchanan, o atleta?” perguntei.

Simultaneamente, ouvi sua voz, áspera, abafada e rouca, no telefone do corredor.

Gatsby estava de pé no centro do tapete carmesim e olhava em volta com olhos fascinados. Daisy o observou e riu, sua risada doce e excitante; uma pequena rajada de pó subiu de seu peito para o ar.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Corre o boato”, sussurrou Jordan, “de que aquela a garota do Tom está ao telefone”.

Ficamos em silêncio. A voz no corredor se elevou com irritação: “Muito bem, então, não vou lhe vender o carro de jeito nenhum... Não tenho nenhuma obrigação com você... E quanto a você me incomodar com isso na hora do almoço, não vou tolerar isso de jeito nenhum!”

“Ele deve estar com a mão no gancho”, disse Daisy com cinismo.

“Não, não está”, assegurei a ela. “É um negócio de boa-fé. Eu já sabia sobre isso.”

Tom abriu a porta, bloqueou o espaço por um momento com seu corpo grande e entrou correndo na sala.

“Sr. Gatsby!” Ele estendeu sua mão larga e plana com uma antipatia bem escondida. “Estou feliz em vê-lo, senhor... Nick...”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Faça uma bebida gelada”, pediu Daisy.

Assim que ele saiu da sala, ela levantou, foi até Gatsby e lhe segurou no rosto, dando-lhe um beijo na boca.

“Você sabe que te amo”, ela sussurrou.

“Você está esquecendo que uma dama está presente”, disse Jordan.

Daisy olhou ao redor, procurando.

“Você pode beijar o Nick”.

“Que garota vulgar!”

“Não me importo!”, choramingou Daisy, começando a encher a lareira. Então se lembrou do calor e se sentou no sofá, culpada, no momento em que uma babá vinda de um banho recente, conduzindo uma garotinha, entrou na sala.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“*Mi-nha a-ma-da*”, ela cantou, estendendo os braços. “*Venha para a mãe que tanto te ama*”.

A criança, entregue pela babá, correu para o outro lado da sala e se enroscou timidamente no vestido da mãe.

“*Que linda preciosidade! Será que a mamãe sujou seu cabelo loiro com pó de arroz? Levante-se agora e pergunte: como você tá*”.

Gatsby e eu, por nossa vez, nos inclinamos e pegamos a pequena mão relutante. Depois disso, ele ficou olhando surpreso para a criança. Acho que ele nunca havia realmente acreditado em sua existência antes.

“*Eu me vesti antes do almoço*”, disse a criança, voltando-se ansiosamente para Daisy.

“*É porque sua mãe queria exibi-la*”. Seu rosto se inclinou para a única ruga do pequeno pescoço branco. “*Meu sonho, você. Meu pequeno e absoluto sonho.*”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Sim”, admitiu a criança calmamente. “A tia Jordan também está usando um vestido branco.”

“O que você acha dos amigos da mamãe?” Daisy a virou de modo que ela ficasse de frente para Gatsby. “Você acha que são bonitos?”

“Onde está o papai?”

“Ela não se parece com o pai dela”, explicou Daisy. “Ela se parece comigo. Ela tem o meu cabelo e o formato do meu rosto.”

Daisy se sentou novamente no sofá. A babá deu um passo à frente e estendeu a mão.

“Venha, Pammy.”

“Adeus, querida!”

Com um olhar relutante para trás, a criança bem disciplinada segurou a mão da babá e foi puxada para fora da porta, assim que Tom voltou,

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

precedendo quatro rickys de gin que estavam cheios de gelo.

Gatsby pegou seu drinque.

“Eles com certeza têm uma ótima aparência”, disse ele, com visível tensão.

Bebemos em goles longos e ávidos.

“Li em algum lugar que o sol está ficando mais quente a cada ano”, disse Tom gentilmente. *“Parece que em breve a Terra vai cair no sol – ou, espere um pouco – é exatamente o oposto – o sol está ficando mais frio a cada ano.”*

“Venha aqui para fora”, sugeriu ele a Gatsby, *“gostaria que você desse uma olhada no lugar”*.

Fui com eles até a varanda. No estuário verde, estagnado pelo calor, uma pequena vela se arrastava lentamente em direção ao mar mais fresco. Os olhos de Gatsby a seguiram momen-

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

taneamente; ele levantou a mão e apontou para o outro lado da baía.

“Estou bem na sua frente.”

“Está, é verdade.”

Nossos olhos se ergueram sobre os canteiros de rosas e o gramado quente e os resíduos de ervas daninhas dos dias calorentos da costa. Lentamente, as asas brancas do barco se moveram contra o limite azul e frio do céu. À frente, o oceano recortado e as abundantes ilhas abençoadas.

“Isso sim que é esporte”, disse Tom, acenando com a cabeça. “Gostaria de ficar lá fora com ele por cerca de uma hora.”

Almoçamos na sala de jantar, que também estava escurecida por causa do calor, e bebemos a alegria nervosa com cerveja gelada.

“O que faremos esta tarde?”, choramingou Daisy, “e no dia seguinte, e nos próximos trinta anos?”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Não seja mórbida”, disse Jordan. “A vida começa de novo quando o outono fica mais fresco.”

“Mas está tão quente”, insistiu Daisy, à beira das lágrimas, “e tudo está tão confuso. Vamos todos para a cidade!”

Sua voz lutou contra o calor, batendo contra ele, moldando sua falta de sentido em formas.

“Já ouvi falar de pessoas que transformaram estábulos em garagens”, Tom estava dizendo a Gatsby, “mas eu sou o primeiro homem que já transformou uma garagem em um estábulo”.

“Quem quer ir para a cidade?”, insistiu Daisy. Os olhos de Gatsby flutuaram em sua direção. *“Ah”*, gritou ela, *“você parece tão fresco”*.

Seus olhos se encontraram e eles ficaram olhando um para o outro, sozinhos no espaço. Com um esforço, ela olhou para a mesa.

“Você sempre parece tão fresco”, repetiu.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Ela havia lhe dito que o amava, e Tom Buchanan percebeu. Ele ficou surpreso. Sua boca se abriu um pouco e ele olhou para Gatsby e depois de volta para Daisy como se tivesse acabado de reconhecê-la como alguém que ele conhecia há muito tempo.

“Você se parece com a propaganda de um homem”, continuou ela inocentemente. *“Você conhece a propaganda de um homem...”*

“Tudo bem”, interrompeu Tom rapidamente, *“estou perfeitamente disposto a ir à cidade. Vamos lá, vamos todos para a cidade.”*

Ele se levantou, seus olhos ainda brilhando entre Gatsby e sua esposa. Ninguém se mexeu.

“Vamos lá!” Seu temperamento ficou um pouco abalado. *“Qual é o problema, afinal de contas? Se estamos indo para a cidade, vamos começar.”*

Sua mão, tremendo com seu esforço de autocontrole, levou aos lábios o último gole de seu

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

copo de cerveja. A voz de Daisy nos fez levantar e sair para a estrada de cascalho em chamas.

“Vamos simplesmente ir?”, objetou ela. *“Assim? Não vamos deixar ninguém fumar um cigarro primeiro?”*

“Todo mundo fumou durante todo o almoço.”

“Oh, vamos nos divertir”, ela lhe implorou. *“Está muito quente para fazer barulho.”*

Ele não respondeu.

“Faça do seu jeito”, disse ela. *“Vamos, Jordan.”*

Elas subiram para se arrumar, enquanto nós três ficamos ali, arrastando os nossos pés pelos seixos quentes. Uma curva prateada da lua já pairava no céu a oeste. Gatsby começou a falar, mudou de ideia, mas não antes de Tom se virar e encará-lo com expectativa.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Os seus estábulos ficam aqui?”, perguntou Gatsby com um esforço.

“Cerca de um quarto de milha estrada abaixo.”

“Ah”.

Uma pausa.

“Não vejo por que ir para a cidade”, disse Tom com selvageria. “As mulheres têm essas ideias na cabeça...”

“Vamos levar alguma coisa para beber?”, perguntou Daisy de uma janela superior.

“Vou pegar um uísque”, respondeu Tom. Ele entrou.

Gatsby virou-se para mim com rigidez:

“Não posso dizer nada na casa dele, meu caro.”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“*Ela tem uma voz indiscreta*”, observei. “*É cheia de...*” Eu hesitei.

“*Sua voz é cheia de dinheiro*”, disse ele de repente.

Era isso. Eu nunca havia entendido antes. Estava cheia de dinheiro – esse era o encanto inesgotável que subia e descia nela, o seu tilintar, a sua canção dos címbalos... No alto de um palácio branco, a filha do rei, a garota de ouro...

Tom saiu da casa embrulhando uma garrafa de um litro em uma toalha, seguido por Daisy e Jordan usando chapéus pequenos e apertados de tecido metálico e carregando capas leves nos braços.

“*Vamos todos em meu carro?*”, sugeriu Gatsby. Ele sentiu o couro verde e quente do assento. “*Eu deveria tê-lo deixado na sombra.*”

“*Ele tem um câmbio padrão?*”, perguntou Tom.

“*Sim.*”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Bem, pegue o meu coupé e deixe-me dirigir o seu carro até a cidade.”

A sugestão foi desagradável para Gatsby.

“Acho que não há muita gasolina”, objetou ele.

“Há gasolina suficiente”, disse Tom, irritado. Ele olhou para o medidor. *“E se acabar, posso parar em uma farmácia. Você pode comprar qualquer coisa em farmácias hoje em dia.”*

Esse comentário aparentemente sem sentido foi seguido por uma pausa. Daisy olhou para Tom franzindo a testa, e uma expressão indefinível, ao mesmo tempo definitivamente desconhecida e vagamente reconhecível, como se eu tivesse apenas ouvido sua descrição em palavras, passou pelo rosto de Gatsby.

“Vamos, Daisy”, disse Tom, pressionando-a com sua mão em direção ao carro de Gatsby. *“Eu a levarei neste carro de circo.”*

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Ele abriu a porta, mas ela saiu de debaixo do seu braço.

“Você leva Nick e Jordan. Nós o seguiremos no coupé.”

Ela se aproximou de Gatsby, tocando seu casaco com a mão. Jordan, Tom e eu entramos no banco da frente do carro de Gatsby, Tom empurrou as marchas desconhecidas timidamente e partimos em direção ao calor opressivo, deixando-os fora de vista.

“Você viu isso?”, perguntou Tom.

“Vi o quê?”

Ele olhou para mim com atenção, percebendo que Jordan e eu devíamos saber de tudo.

“Você acha que sou muito burro, não é?”, sugeri. *“Talvez eu seja, mas tenho quase uma segunda visão, às vezes, que me diz o que fazer. Talvez você não acredite nisso, mas a ciência...”*

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Ele fez uma pausa. A contingência imediata o dominou, tirando-o da beira do abismo teórico.

“Eu fiz uma pequena investigação sobre esse sujeito”, continuou. “Eu poderia ter me aprofundado mais se soubesse...”

“Quer dizer que você foi a um médium?”, perguntou Jordan com humor.

“O quê?” Confuso, ele nos encarou enquanto ríamos. *“Um médium?”*

“Para descobrir mais sobre o Gatsby.”

“Para descobrir mais sobre o Gatsby! Não, não fui. Eu disse que estava fazendo uma pequena investigação sobre o passado dele.”

“E você descobriu que ele estudou em Oxford”, disse Jordan prestativamente.

“Estudou em Oxford!” Ele estava incrédulo. *“Que diabo estudou em Oxford! Ele usa um terno rosa.”*

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“No entanto, estudou em Oxford.”

“Oxford, Novo México”, bufou Tom com desprezo, “ou algo parecido”.

“Escute, Tom. Se você é tão esnobe, por que o convidou para almoçar?”, perguntou Jordan, irritado.

“Daisy o convidou; ela o conheceu antes de nos casarmos – sabe Deus onde!”

Estávamos todos irritados com o fim da cerveja e, conscientes disso, dirigimos por um tempo em silêncio. Então, quando os olhos desbotados do Dr. T. J. Eckleburg apareceram na estrada, lembrei-me da advertência de Gatsby sobre a gasolina.

“Temos o suficiente para chegarmos na cidade”, disse Tom.

“Mas há uma oficina bem aqui”, objetou Jordan. “Não quero ficar parada neste calor escaldante.”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Tom acionou os dois freios com impaciência e paramos abruptamente e empoeirados sob a placa da Wilson's. Depois de um momento, o proprietário saiu do interior de seu estabelecimento e olhou para o carro com os olhos vazios.

“Vamos abastecer!”, gritou Tom com aspereza. *“Ou você acha que paramos para admirar a vista?”*

“Estou doente”, disse Wilson sem se mexer. *“Estive doente o dia todo.”*

“Qual é o problema?”

“Estou muito cansado.”

“Bem, posso abastecer?” Tom exigiu. *“Você parecia estar bem ao telefone.”*

Com esforço, Wilson deixou a sombra e o apoio da porta e, respirando com dificuldade, desataraxou a tampa do tanque. Seu rosto estava esverdeado sob a luz do sol.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Eu não queria interromper seu almoço”, disse ele. “Mas preciso muito de dinheiro e queria saber o que você vai fazer com seu carro velho.”

“O que você acha deste?”, perguntou Tom. “Eu o comprei na semana passada.”

“É um belo carro amarelo”, disse Wilson, enquanto se esforçava para segurar a maçaneta.

“Gostaria de comprá-lo?”

“Grande chance”, Wilson sorriu levemente. “Não, mas eu poderia ganhar algum dinheiro com o outro.”

“Para que você quer dinheiro, de repente?”

“Estou aqui há muito tempo. Quero ir embora. Minha esposa e eu queremos ir para o Oeste.”

“Sua esposa quer?”, exclamou Tom, assustado.

“Ela vem falando sobre isso há dez anos.” Ele se encostou por um momento na bomba, protegendo-

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

do os olhos. *“E agora ela vai, quer queira, quer não. Eu vou levá-la embora.”*

O cupê passou por nós com uma nuvem de poeira e o brilho de uma mão acenando.

“Quanto devo a você?”, exigiu Tom com severidade.

“Acabei de perceber algo engraçado nos últimos dois dias”, comentou Wilson. *“É por isso que quero ir embora. É por isso que o estou incomodando com o carro.”*

“Quanto eu lhe devo?”

“Um dólar e vinte.”

O calor implacável estava começando a me confundir e tive um momento ruim antes de perceber que, até agora, as suspeitas dele não haviam recaído sobre Tom. Ele havia descoberto que Myrtle tinha algum outro tipo de vida fora dali, em outro mundo, e o choque o deixou fisicamente doente. Fiquei olhando para ele e depois para Tom, que

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

havia feito uma descoberta semelhante menos de uma hora antes – e me ocorreu que não havia diferença entre os homens, em termos de inteligência ou raça, tão profunda quanto a diferença entre os doentes e os que estão bem. Wilson estava tão doente que parecia culpado, imperdoavelmente culpado – como se tivesse acabado de engravidar uma pobre moça.

“Vou deixar você ficar com o carro”, disse Tom. “Eu o enviarei amanhã à tarde.”

Aquela localidade sempre foi vagamente inquietante, mesmo na claridade da tarde, e agora eu virei minha cabeça como se tivesse percebido algo se movimentando por trás. Sobre os montes de cinzas, os olhos gigantes do Dr. T. J. Eckleburg mantinham sua vigilância, mas percebi, depois de um momento, que outros olhos estavam nos observando com uma intensidade peculiar a menos de seis metros de distância.

Em uma das janelas sobre a garagem, as cortinas haviam sido afastadas um pouco e Myrtle

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Wilson estava olhando para o carro. Ela estava tão absorta que não tinha consciência de estar sendo observada, e uma emoção após a outra se insinuava em seu rosto como objetos em um quadro que se revela lentamente. Sua expressão era curiosamente familiar – era uma expressão que eu já tinha visto muitas vezes no rosto de mulheres, mas no rosto de Myrtle Wilson parecia sem propósito e inexplicável, até que percebi que seus olhos, arregalados de terror ciumento, não estavam fixos em Tom, mas em Jordan Baker, que ela considerava ser sua esposa.

Não há confusão como a confusão de uma mente simples e, enquanto dirigíamos, Tom estava sentindo os golpes quentes do pânico. Sua esposa e sua amante, até uma hora atrás seguras e invioláveis, estavam escapando precipitadamente de seu controle. O instinto o fez pisar no acelerador com o propósito duplo de alcançar Daisy e deixar Wilson para trás, e nós aceleramos em direção a Astoria a cinquenta milhas por hora, até que, entre as vigas que pareciam patas de aranha do elevado, avistamos o descontraído cupê azul.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Aqueles cinemas na Quinta Avenida são legais”, sugeriu Jordan. “Adoro Nova York nas tardes de verão, quando todo mundo está fora. Há algo muito sensual nela – muito madura, como se todos os tipos de frutas engraçadas fossem cair em suas mãos.”

A palavra “sensual” teve o efeito de inquietar ainda mais Tom, mas antes que ele pudesse inventar um protesto, o cupê parou e Daisy fez sinal para que parássemos ao lado dele.

“Para onde estamos indo?”, ela gritou.

“Que tal ir ao cinema?”

“Está muito quente”, ela reclamou. *“Vá você. Nós vamos dar uma volta e encontramos vocês depois.”* Com um esforço, sua inteligência se elevou fracamente. *“Nós nos encontraremos em alguma esquina. Eu serei o homem fumando dois cigarros.”*

“Não podemos discutir isso aqui”, disse Tom, impaciente, enquanto um caminhão apitava atrás

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

de nós. “*Siga-me até o lado sul do Central Park, em frente ao Plaza.*”

Várias vezes ele virou a cabeça e olhou para trás à procura do carro deles e, se o trânsito os atrasava, ele diminuía a velocidade até que eles aparecessem. Acho que ele tinha medo de que eles entrassem em uma rua lateral e saíssem de sua vida para sempre.

Mas isso não aconteceu. E todos nós demos o passo menos explicável de entrar no salão de uma suíte no Plaza Hotel.

A prolongada e tumultuada discussão que acabou nos levando para aquele quarto me escapa, embora eu tenha uma nítida lembrança física de que, durante o processo, minha roupa íntima ficava subindo pelas minhas pernas como uma cobra úmida e gotas intermitentes de suor corriam frias pelas minhas costas. A ideia surgiu com a sugestão de Daisy de alugarmos cinco banheiros e tomarmos banhos frios, e depois assumiu uma forma mais tangível como “*um lugar para tomar*

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

um mint julep”. Cada um de nós disse várias vezes que era uma “*ideia maluca*” – todos nós falamos ao mesmo tempo para um funcionário perplexo e pensamos, ou fingimos pensar, que estávamos sendo muito engraçados...

O cômodo era grande e abafado e, embora já fossem quatro horas, ao abrir as janelas, apenas uma rajada quente entrava do parque. Daisy foi até o espelho e ficou de costas para nós, arrumando o cabelo.

“*É uma bela suíte*”, sussurrou Jordan respeitosamente, e todos riram.

“*Abra outra janela*”, ordenou Daisy, sem se virar.

“*Não há mais nenhuma.*”

“*Bem, é melhor pedirmos um machado por telefone...*”

“*O melhor a fazer é esquecer o calor*”, disse Tom, impaciente. “*Você o torna dez vezes pior se ficar reclamando dele.*”

[voltar para o índice](#)

O G R A N D E G A T S B Y
F. S C O T T F I T Z G E R A L D

GAZETA DO POVO

Ele tirou a garrafa de uísque da toalha e a colocou sobre a mesa.

“*Por que não a deixa em paz, meu caro?*”, comentou Gatsby. “*Foi você quem quis vir para a cidade.*”

Houve um momento de silêncio. A lista telefônica escorregou e caiu no chão, e então Jordan sussurrou: “*Desculpe-me*” – mas dessa vez ninguém riu.

“*Deixa que eu pego*”, me ofereci.

“*Eu pego.*” Gatsby examinou o cordão partido, murmurou “*Hum!*” de forma interessada e jogou o livro em uma cadeira.

“*Essa expressão sua é ótima, não é?*”, disse Tom com firmeza.

“*O que?*”

“*Esse negócio de ‘meu caro’. Onde você aprendeu isso?*”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Veja bem, Tom”, disse Daisy, virando-se do espelho, “se você vai fazer comentários pessoais, não vou ficar aqui nem um minuto. Ligue e peça um pouco de gelo para o mint julep”.

Quando Tom pegou o fone, o calor comprimido explodiu em som e estávamos ouvindo os acordes portentosos da Marcha Nupcial de Mendelssohn vindo do salão de baile abaixo.

“Imagine se casar com alguém nesse calor!”, exclamou Jordan, desanimada.

“Mesmo assim – eu me casei em meados de junho”, lembrou Daisy. “Louisville em junho! Alguém desmaiou. Quem foi que desmaiou mesmo, Tom?”

“Biloxi”, respondeu ele rapidamente.

“Um homem chamado Biloxi. Biloxi ‘Blocks’, e ele fazia caixas – isso é fato – e ele era de Biloxi, Tennessee.”

“Eles o levaram para minha casa”, acrescentou Jordan, “porque morávamos a apenas duas portas da

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

igreja. E ele ficou lá por três semanas, até que papai lhe disse que tinha de sair. No dia seguinte à sua partida, papai morreu.” Depois de um momento, ela acrescentou. “As duas coisas não são conectadas.”

“Eu conhecia um Bill Biloxi, de Memphis”, comentei.

“Era seu primo. Eu sabia tudo sobre a história da família dele antes de ele ir embora. Ele me deu um taco de alumínio que uso até hoje.”

A música diminuiu quando a cerimônia começou e agora um longo aplauso flutuava pela janela, seguido por gritos intermitentes de “Ye-a-ea-ea!” e, finalmente, por uma explosão de jazz quando a festa começou.

“Estamos ficando velhos”, disse Daisy. “Se fôssemos jovens, nos levantaríamos e dançaríamos.”

“Lembre-se de Biloxi”, Jordan a advertiu. “Como você o conheceu, Tom?”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Biloxi?” Ele se concentrou com um esforço.
“Eu não o conhecia. Ele era amigo de Daisy.”

“Não era”, ela negou. “Eu nunca o tinha visto antes. Ele veio no carro particular”.

“Bem, ele disse que conhecia você. Ele disse que foi criado em Louisville. Asa Bird o trouxe no último minuto e perguntou se tínhamos espaço para ele.”

Jordan sorriu.

“Ele provavelmente estava voltando para casa. Ele me disse que foi presidente da sua turma em Yale.”

Tom e eu olhamos um para o outro sem entender nada.

“Biloxi?”

“Em primeiro lugar, não tínhamos nenhum presidente...”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

O pé de Gatsby fez um batuque curto e inquieto e Tom o encarou de repente.

“A propósito, Sr. Gatsby, eu soube que o senhor é um homem de Oxford.”

“Não exatamente.”

“Oh, sim, eu entendi que o senhor foi para Oxford.”

“Fui.”

Uma pausa. Em seguida, a voz de Tom, incrédula e insultante:

“Você deve ter ido para lá na mesma época em que Biloxi foi para New Haven.”

Outra pausa. Um garçom bateu à porta e entrou com menta e gelo, mas o silêncio não foi quebrado pelo seu *“obrigado”* e pelo suave fechar da porta. Esse detalhe tremendo estava para ser esclarecido finalmente.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Eu lhe disse que fui”, disse Gatsby.

“Eu ouvi, mas gostaria de saber quando.”

“Foi em mil novecentos e dezanove, fiquei apenas cinco meses. É por isso que não posso me considerar um homem de Oxford.”

Tom olhou em volta para ver se nós concordávamos com sua incredulidade. Mas todos nós estávamos olhando para Gatsby.

“Foi uma oportunidade que deram a alguns oficiais após o armistício”, continuou ele. “Poderíamos ir para qualquer uma das universidades da Inglaterra ou da França.”

Eu queria me levantar e lhe dar um tapinha nas costas. Tive uma daquelas renovações de fé total nele que já havia experimentado antes.

Daisy se levantou, com um leve sorriso, e foi até a mesa.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Abra o uísque, Tom”, ela ordenou, “e eu vou lhe preparar um mint julep. Assim você não parecerá tão estúpido para si mesmo... Olhe para o hortelã!”

“Espere um minuto”, disse Tom, “quero fazer mais uma pergunta ao Sr. Gatsby”.

“Vá em frente”, disse Gatsby educadamente.

“Que tipo de briga você está tentando causar em minha casa, afinal?”

Finalmente, eles estavam às claras e Gatsby estava satisfeito.

“Ele não está causando uma briga”, Daisy olhou desesperadamente de um para o outro. “Você está causando uma briga. Por favor, tenha um pouco de autocontrole.”

“Autocontrole!”, repetiu Tom, incrédulo. “Suponho que a última coisa a fazer é sentar e deixar o Sr. Ninguém de Lugar Nenhum fazer amor com a minha esposa. Bem, se é essa a ideia, pode contar comigo...”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Hoje em dia, as pessoas começam zombando da vida familiar e das instituições familiares e, em seguida, jogam tudo no mar e fazem casamentos entre negros e brancos.”

Ruborizado por suas palavras apaixonadas, ele se viu sozinho na última barreira da civilização.

“Somos todos brancos aqui”, murmurou Jordan.

“Sei que não sou muito popular. Não dou grandes festas. Suponho que você tenha que transformar sua casa em um chiqueiro para ter amigos no mundo moderno.”

Por mais irritado que eu estivesse, como todos nós estávamos, eu me sentia tentado a rir sempre que ele abria a boca. A transição de libertino para puritano era tão completa.

“Tenho algo a lhe dizer, meu caro—” começou Gatsby. Mas Daisy adivinhou sua intenção.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Por favor, não!”, interrompeu ela, impotente.
“Por favor, vamos todos para casa. Por que não vamos todos para casa?”

“Essa é uma boa ideia”, eu me levantei. “Vamos, Tom. Ninguém quer um drinque.”

“Quero saber o que o Sr. Gatsby tem a me dizer.”

“Sua esposa não o ama”, disse Gatsby. “Ela nunca o amou. Ela me ama.”

“Você deve estar louco!” exclamou Tom automaticamente.

Gatsby se levantou, vívido de excitação.

“Ela nunca o amou, está ouvindo?”, ele gritou.
“Ela só se casou com você porque eu era pobre e ela estava cansada de esperar por mim. Foi um erro terrível, mas em seu coração ela nunca amou ninguém além de mim!”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

A essa altura, Jordan e eu tentamos ir embora, mas Tom e Gatsby insistiram com firmeza competitiva para que ficássemos – como se nenhum deles tivesse algo a esconder e fosse um privilégio participar indiretamente de suas emoções.

“*Sente-se, Daisy*”, a voz de Tom tateou sem sucesso em busca da nota paternal. “*O que está acontecendo? Quero saber tudo sobre isso.*”

“*Eu lhe disse o que está acontecendo*”, disse Gatsby. “*Há cinco anos – e você não sabia.*”

Tom virou-se bruscamente para Daisy.

“*Você está saindo com esse sujeito há cinco anos?*”

“*Não, não está*”, disse Gatsby. “*Não, não podíamos nos encontrar. Mas nós dois nos amamos durante todo esse tempo, meu caro, e você não sabia. Eu costumava rir às vezes*”, ele disse sem qualquer riso em seus olhos, “*de pensar que você não sabia.*”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Ah, É isso.” Tom bateu os dedos grossos como um clérigo e se recostou na cadeira.

“Você está louco!”, ele explodiu. “Não posso falar sobre o que aconteceu há cinco anos, porque eu não conhecia Daisy naquela época – e não sei como você chegou a menos de um quilômetro dela, a menos que tenha levado as compras até a porta dos fundos. Mas todo o resto é uma mentira maldita. Daisy me amava quando se casou comigo e me ama agora.”

“Não”, disse Gatsby, balançando a cabeça.

“Mas ela me ama. O problema é que às vezes ela tem ideias tolas na cabeça e não sabe o que está fazendo.” Ele acenou com a cabeça sagazmente. “Além disso, eu também amo Daisy. De vez em quando eu vou em alguma farra e faço papel de bobo, mas sempre volto, e em meu coração eu a amo o tempo todo.”

“Você é revoltante”, disse Daisy. Ela se virou para mim e sua voz, caindo uma oitava abaixo, encheu a sala com um desprezo emocionante:

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Você sabe por que saímos de Chicago? Estou surpresa que eles não tenham lhe contado a história daquela pequena farra”.

Gatsby se aproximou e ficou ao lado dela.

“Daisy, isso tudo acabou agora”, disse ele com seriedade. “Não importa mais. Apenas diga a ele a verdade – que você nunca o amou – e tudo será apagado para sempre.”

Ela olhou para ele cegamente. *“Por que – como eu poderia amá-lo – possivelmente?”*

“Você nunca o amou.”

Ela hesitou. Seus olhos caíram sobre Jordan e sobre mim com uma espécie de apelo, como se ela tivesse finalmente percebido o que estava fazendo – e como se ela nunca tivesse, o tempo todo, pretendido fazer nada. Mas agora estava feito. Era tarde demais.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“*Eu nunca o amei*”, disse ela, com perceptível relutância.

“*Nem em Kapiolani?*”, perguntou Tom de repente.

“*Não.*”

Do salão de baile abaixo, acordes abafados e sufocantes subiam em ondas quentes de ar.

“*Nem naquele dia em que eu a carreguei do Punch Bowl para manter seus sapatos secos?*” Havia uma ternura rouca em seu tom... “*Daisy?*”

“*Por favor, não.*” Sua voz estava fria, mas o rancor havia desaparecido. Ela olhou para Gatsby. “*Pronto, Jay*”, disse ela – mas sua mão, ao tentar acender um cigarro, estava tremendo. De repente, ela jogou o cigarro e o fósforo aceso no carpete.

“*Ah, você quer demais!*”, gritou ela para Gatsby. “*Eu amo você agora – isso não é suficiente? Não posso evitar o que aconteceu no passado.*” Ela come-

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

çou a soluçar desamparadamente. *“Eu cheguei a amá-lo, mas também amei você.”*

Os olhos de Gatsby se abriram e fecharam.

“Você me amou também?”, ele repetiu.

“Até isso é mentira”, disse Tom com selvageria. *“Ela não sabia que você estava vivo. Há coisas entre Daisy e eu que você nunca saberá, coisas que nenhum de nós jamais esquecerá.”*

As palavras pareciam morder fisicamente Gatsby.

“Quero falar com Daisy a sós”, insistiu ele. *“Ela está exaltada agora...”*

“Mesmo sozinha, não posso dizer que nunca amei Tom”, admitiu ela em uma voz lamentável. *“Não seria verdade”*.

“É claro que não seria”, concordou Tom.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Ela se virou para o marido.

“Como se isso importasse para você”, disse ela.

“É claro que importa. Vou cuidar melhor de você de agora em diante.”

“Você não está entendendo”, disse Gatsby, com um toque de pânico. “Você não vai mais cuidar dela.”

“Não vou?” Tom abriu bem os olhos e riu. Ele podia se dar ao luxo de se controlar agora. “Por que isso?”

“Daisy está deixando você.”

“Bobagem.”

“Mas eu estou”, disse ela com um esforço visível.

“Ela não está me deixando!” As palavras de Tom de repente se inclinaram sobre Gatsby. “Certamente não por um vigarista comum como você, que teria de roubar o anel para colocar no dedo dela.”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Eu não vou tolerar isso!”, gritou Daisy. *“Oh, por favor, vamos sair daqui.”*

“Quem é você, afinal?”, disse Tom. *“Você faz parte daquele grupo que anda com Meyer Wolfshiem – isso eu sei. Fiz uma pequena investigação sobre seus assuntos, e vou aprofundá-la amanhã.”*

“Pode ficar tranquilo quanto a isso, meu caro”, disse Gatsby com firmeza.

“Descobri o que eram suas ‘drogarias’.” Ele se virou para nós e falou rapidamente. *“Ele e esse Wolfshiem compraram muitas drogarias de rua aqui e em Chicago e vendiam bebidas alcoólicas por baixo do balcão. Essa é uma de suas pequenas façanhas. Eu o identifiquei como contrabandista na primeira vez que o vi, e não estava muito errado.”*

“E qual é o problema?”, disse Gatsby educadamente. *“Acho que seu amigo Walter Chase não ficou muito orgulhoso em participar disso.”*

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“E você o deixou na mão, não foi? Você o deixou ir para a cadeia por um mês em Nova Jersey. Meu Deus! Você deveria ouvir Walter falando de você.”

“Ele veio até nós sem dinheiro. Ficou muito feliz em conseguir algum dinheiro, meu caro.”

“Não me chame de ‘meu caro’!”, gritou Tom. Gatsby não disse nada. “Walter também sabe algumas coisas sobre as leis de aposta, mas Wolfshiem o assustou e o fez calar a boca.”

Aquele olhar desconhecido, porém reconhecível, estava de volta no rosto de Gatsby.

“Mas aquele negócio nas farmácias era apenas um pequeno troco”, continuou Tom lentamente, “e agora você tem algo que Walter teve medo de me contar”.

Olhei para Daisy, que estava olhando aterrada entre Gatsby e seu marido, e para Jordan, que havia começado a equilibrar um objeto invisível, mas envolvente, na ponta do queixo. Em seguida, voltei-me para Gatsby e fiquei assus-

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

tado com sua expressão. Ele parecia – e isso é dito com todo o desprezo pelas calúnias balbu- ciadas em seu jardim – como se tivesse “*matado um homem*”. Por um momento, a expressão de seu rosto poderia ser descrita exatamente dessa maneira fantástica.

Isso passou, e ele começou a conversar anima- damente com Daisy, negando tudo, defendendo seu nome contra acusações que não haviam sido feitas. Mas, a cada palavra, ela se fechava cada vez mais em si mesma, então ele desistiu, e ape- nas o sonho morto lutou enquanto a tarde se es- vaía, tentando tocar o que não era mais tangível, lutando infeliz e desesperadamente em direção àquela voz perdida do outro lado da sala.

A voz implorou novamente para ir embora.

“*Por favor, Tom! Não aguento mais isso.*”

Seus olhos assustados mostravam que qual- quer intenção, qualquer coragem que ela tivesse, havia definitivamente desaparecido.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Vocês dois vão para casa, Daisy”, disse Tom. “No carro do Sr. Gatsby.”

Ela olhou para Tom, alarmada agora, mas ele insistiu com magnânimo desprezo.

“Vá em frente. Ele não vai incomodá-la. Acho que ele percebe que seu pequeno flerte presunçoso acabou”.

Eles se foram, sem dizer uma palavra, saíram, tornaram-se acidentais, isolados, como fantasmas, até mesmo de nossa piedade.

Depois de um momento, Tom se levantou e começou a enrolar a garrafa fechada de uísque na toalha.

“Você quer alguma dessas coisas? Jordan?... Nick?”

Eu não respondi.

“Nick?” Ele perguntou novamente.

“O quê?”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Quer alguma coisa?”

“Não... Acabei de lembrar que hoje é meu aniversário.”

Eu estava fazendo trinta anos. Diante de mim, estendia-se a portentosa e ameaçadora estrada de uma nova década.

Eram sete horas quando entramos no cupê com ele e partimos para Long Island. Tom falava incessantemente, exultando e rindo, mas sua voz era tão distante de Jordan e de mim quanto o clamor estrangeiro na calçada ou o tumulto do elevador. A simpatia humana tem seus limites, e nos contentamos em deixar que todas as suas trágicas discussões desaparecessem com as luzes da cidade. Trinta anos – a promessa de uma década de solidão, uma lista cada vez menor de homens solteiros para conhecer, uma pasta cada vez menor de entusiasmo, cabelos cada vez mais finos. Mas havia Jordan ao meu lado, que, ao contrário de Daisy, era sábia demais para carregar sonhos bem esquecidos de uma idade para outra.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Quando passamos pela ponte escura, seu rosto magro se encostou preguiçosamente no ombro do meu casaco e a formidável marca dos trinta anos desapareceu com a pressão reconfortante de sua mão.

Assim, seguimos em direção à morte em meio ao crepúsculo frio.

O jovem grego Michaelis, que administrava a cafeteria ao lado do monte de cinzas, foi a principal testemunha no inquérito. Ele havia dormido durante a onda de calor até depois das cinco, quando foi até a oficina e encontrou George Wilson doente em seu escritório – realmente doente, pálido como seu próprio cabelo e tremendo muito. Michaelis o aconselhou a ir para a cama, mas Wilson se recusou, dizendo que perderia muitos negócios se o fizesse. Enquanto seu vizinho tentava persuadi-lo, uma barulheira violenta estourou no alto da casa.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Minha esposa está trancada lá em cima”, explicou Wilson calmamente. “Ela vai ficar lá até depois de amanhã, quando vamos nos mudar”.

Michaelis ficou surpreso; eles eram vizinhos há quatro anos, e Wilson nunca tinha parecido capaz de fazer uma declaração dessas. Em geral, ele era um desses homens desgastados: quando não estava trabalhando, sentava-se em uma cadeira na porta e olhava para as pessoas e os carros que passavam pela rua. Quando alguém falava com ele, ele invariavelmente ria de uma forma agradável e sem cor. Ele era o homem de sua esposa e não o seu próprio homem.

Então, naturalmente, Michaelis tentou descobrir o que havia acontecido, mas Wilson não disse uma palavra – em vez disso, começou a lançar olhares curiosos e desconfiados para o visitante e a perguntar o que ele estava fazendo em determinados horários em determinados dias. No momento em que Wilson estava ficando inquieto, alguns trabalhadores passaram pela porta em direção ao seu restaurante e Michaelis provei-

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

tou a oportunidade para sair, com a intenção de voltar mais tarde. Mas ele não voltou. Ele supôs que havia se esquecido, só isso. Quando saiu de novo, um pouco depois das sete, lembrou-se da conversa porque ouviu a voz da Sra. Wilson, alta e ríspida, lá embaixo na oficina.

“Bata em mim”, ele a ouviu chorar. “Me empurre e bata em mim, seu covardinho de merda!”

Em seguida, ela saiu pela porta em direção ao entardecer, balançando suas mãos e gritando – antes que ele conseguisse sair da porta, já estava tudo acabado.

O “*carro na morte*”, como foi chamado pelos jornais, não parou; ele saiu da escuridão crescente, oscilou tragicamente por um momento e então desapareceu na curva seguinte. Mavro Michaelis nem mesmo tinha certeza de sua cor – ele disse ao primeiro policial que era verde-claro. O outro carro, o que ia em direção a Nova York, parou cem metros adiante, e seu motorista voltou correndo para onde Myrtle Wilson, com a vida violenta-

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

mente extinta, ajoelhou-se na estrada e misturou seu sangue escuro e espesso com a poeira.

Michaelis e esse homem foram os primeiros a alcançá-la, mas quando abriram a cintura da camisa, ainda úmida de suor, viram que o seio esquerdo estava solto como um retalho, e não havia necessidade de ouvir o coração por baixo. A boca estava escancarada e um pouco rasgada nos cantos, como se ela tivesse se engasgado um pouco ao abrir mão da enorme vitalidade que havia armazenado por tanto tempo.

Vimos os três ou quatro automóveis e a multidão quando ainda estávamos a uma certa distância.

“Destroços!”, disse Tom. *“Isso é bom. Wilson finalmente terá um pouco de trabalho.”*

Ele diminuiu a velocidade, mas ainda sem a intenção de parar, até que, quando nos aproximamos, os rostos silenciosos e atentos das pessoas na porta da garagem o fizeram pisar no freio automaticamente.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“*Vamos dar uma olhada*”, disse ele com dúvidas, “*só uma olhada*”.

Percebi agora um som oco e lamentoso que vinha incessantemente da oficina, um som que, quando saímos do cupê e caminhamos em direção à porta, se transformou nas palavras “*Oh, meu Deus!*”, pronunciadas repetidamente em um gemido ofegante.

“*Há um problema sério aqui*”, disse Tom, animado.

Ele se levantou na ponta dos pés e espiou por cima de um círculo de cabeças para a garagem, que estava iluminada apenas por uma luz amarela em uma cesta de metal que balançava no alto. Em seguida, emitiu um som áspero em sua garganta e, com um violento movimento de empurrão de seus braços poderosos, abriu caminho.

O círculo se fechou novamente com um murmúrio contínuo de refutação; passou um minuto até que eu pudesse ver alguma coisa. Então, os

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

recém-chegados desordenaram a fila, e Jordan e eu fomos empurrados de repente para dentro.

O corpo de Myrtle Wilson, enrolado em um cobertor, e depois em outro cobertor, como se estivesse sofrendo de um resfriado na noite quente, estava em uma mesa de trabalho perto da parede, e Tom, de costas para nós, estava curvado sobre ele, imóvel. Ao lado dele estava um policial de motocicleta anotando nomes com muito suor e exatidão em um pequeno livro. A princípio, não consegui encontrar a origem das palavras agudas e gemidas que ecoavam clamorosamente pela garagem vazia – então vi Wilson de pé na soleira elevada de seu escritório, balançando para frente e para trás e segurando as ombreiras da porta com as duas mãos. Algum homem estava falando com ele em voz baixa e tentando, de vez em quando, colocar a mão em seu ombro, mas Wilson não ouvia nem via nada. Seus olhos desciam lentamente da luz oscilante para a mesa carregada ao lado da parede e depois voltavam para a luz novamente, e ele emitia incessantemente seu grito agudo e horrível:

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Oh, meu Deus! Oh, meu De-e-us! Oh, Deus! Oh, meu Deus!”

Em um momento, Tom levantou a cabeça com um solavanco e, depois de olhar ao redor da garagem com olhos vidrados, e murmurou um comentário incoerente para o policial.

“M-a-v-”, o policial estava dizendo, “-o-”.

“Não, r-”, corrigiu o homem, “M-a-v-r-o-”.

“Ouça-me!”, murmurou Tom com veemência.

“r-”, disse o policial, “o-”

“g-”

“g-” Ele olhou para cima quando a mão larga de Tom caiu bruscamente em seu ombro. “O que você quer, amigo?”

“O que aconteceu? É isso que eu quero saber.”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Um carro a atingiu. Morreu na hora.”

“Morreu na hora”, Tom repetiu, encarando.

“Ela correu para a rua. O filho da mãe nem parou o carro”.

“Tinha dois carros”, disse Michaelis, “um indo, outro vindo, entende?”

“Indo para onde?”, perguntou o policial.

“Cada um indo para um lado. Bom, ela—”, suas mãos se levantaram em direção aos cobertores, mas pararam no meio do caminho e caíram ao lado do seu corpo. “Ela saiu correndo de lá e o que tava vindo de Nova York bateu com tudo nela, indo umas trinta ou quarenta milhas por hora”.

“Como se chama esse lugar aqui?”, perguntou o policial.

“Não tem nome”.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Um negro pálido e bem vestido parou ali perto.

“Era um carro amarelo”, ele disse. “Um carro amarelo grande. Novo”.

“Viu o acidente?”, perguntou o policial.

“Não, mas o carro passou por mim na rua, indo mais rápido que quarenta. Indo a cinquenta ou sessenta”.

“Venha aqui e diga seu nome. Cuidado agora. Quero saber o nome dele”.

Algumas palavras dessa conversa devem ter chegado a Wilson, balançando na porta do escritório, pois, de repente, um novo tema encontrou voz entre seus gritos de desespero:

“Não precisa me dizer que tipo de carro era! Eu sei que tipo de carro era!”

Observando Tom, vi o músculo da parte de trás de seu ombro se contrair sob o casaco. Ele se

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

aproximou rapidamente de Wilson e, de pé na frente dele, agarrou-o firmemente pelos braços.

“Você precisa se recompor”, disse ele com uma aspereza reconfortante.

Wilson olhou para Tom; ele se levantou nas pontas dos pés e teria caído de joelhos se Tom não o tivesse segurado.

“Escute”, disse Tom, sacudindo-o um pouco. *“Acabei de chegar aqui há um minuto, vindo de Nova York. Eu estava lhe trazendo aquele cupê sobre o qual estávamos falando. O carro amarelo que eu estava dirigindo esta tarde não era meu – ouviu? Eu não o vi a tarde toda”*.

Somente o negro e eu estávamos perto o suficiente para ouvir o que ele disse, mas o policial percebeu algo em Tom e olhou para ele com olhos truculentos.

“O que está acontecendo aqui?”, perguntou ele.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Sou amigo dele.” Tom virou a cabeça, mas manteve as mãos firmes no corpo de Wilson. *“Ele diz que conhece o carro que fez isso... Era um carro amarelo.”*

Algum impulso obscuro levou o policial a olhar desconfiado para Tom.

“E qual é a cor do seu carro?”

“É um carro azul, um cupê.”

“Viemos direto de Nova York”, eu disse.

Alguém que estava dirigindo um pouco atrás de nós confirmou isso, e o policial deu as costas.

“Agora, se você me deixar conferir esse nome novamente...”

Pegando Wilson como se fosse um boneco, Tom o levou para o escritório, colocou-o em uma cadeira e voltou.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“*Se alguém puder vir aqui e se sentar com ele*”, ele disse com autoridade. Ele observou enquanto os dois homens mais próximos se entreolharam e entraram na sala sem nenhuma vontade. Em seguida, Tom fechou a porta e desceu o único degrau, seus olhos evitando a mesa. Ao passar perto de mim, ele sussurrou: “*Vamos sair daqui.*”

Conscientemente, com seus braços autoritários abrindo o caminho, passamos pela multidão que ainda se aglomerava, passando por um médico apressado, com a maleta na mão, que havia sido chamado com uma esperança louca há meia hora.

Tom dirigiu lentamente até que estivéssemos além da curva – então, seu pé foi pisado com força e o coupé acelerou noite adentro. Em pouco tempo, ouvi um soluço baixo e rouco e vi que as lágrimas estavam escorrendo pelo seu rosto.

“*Covarde maldito!*”, ele choramingou. “*Ele nem sequer parou o carro.*”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

A casa dos Buchanan flutuou repentinamente em nossa direção por entre as árvores escuras e farfalhantes. Tom parou ao lado da varanda e olhou para o segundo andar, onde duas janelas brilhavam com luz entre as videiras.

“Daisy está em casa”, disse ele. Quando saímos do carro, ele olhou para mim e franziu ligeiramente a testa.

“Eu deveria ter deixado você em West Egg, Nick. Não há nada que possamos fazer esta noite.”

Houve uma mudança nele, e ele falou com seriedade e decisão. Enquanto caminhávamos pelo cascalho à luz da lua até a varanda, ele resolveu a situação com algumas frases rápidas.

“Vou chamar um táxi para levá-lo para casa e, enquanto espera, é melhor você e Jordan irem à cozinha e pedir que preparem um jantar para vocês – se quiserem.” Ele abriu a porta. *“Entrem.”*

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Não, obrigado. Mas eu ficaria feliz se você chamasse o táxi. Vou esperar lá fora.”

Jordan colocou sua mão em meu braço.

“Você não quer entrar, Nick?”

“Não, obrigado.”

Eu estava me sentindo um pouco mal e queria ficar sozinho. Mas Jordan se demorou mais um pouco.

“São apenas nove e meia”, disse ela.

Eu seria condenado se entrasse; já estava farto de todos eles por um dia e, de repente, isso incluía Jordan também. Ela deve ter visto algo disso em minha expressão, pois se virou abruptamente e subiu correndo os degraus da varanda para dentro da casa. Fiquei sentado por alguns minutos com a cabeça entre as mãos, até que ouvi o telefone ser atendido lá dentro e a voz do mordomo chamando um táxi. Em seguida, ca-

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

minhei lentamente pela entrada da casa, com a intenção de esperar no portão.

Não havia andado nem vinte metros quando ouvi meu nome e Gatsby saiu de entre dois arbustos e veio na minha direção. Naquele momento, eu devia estar me sentindo muito estranho, pois não conseguia pensar em nada, exceto na luminosidade de seu terno rosa sob a lua.

“*O que está fazendo?*” perguntei.

“*Só estou aqui parado, meu caro.*”

De alguma forma, essa parecia ser uma ocupação desprezível. Pelo que eu poderia dizer, ele poderia muito bem roubar a casa em um instante; eu não teria ficado surpreso ao ver rostos sinistros, os rostos do “*peçoal de Wolfshiem*”, atrás dele nos arbustos escuros.

“*Você viu algum problema na estrada?*”, ele perguntou depois de um minuto.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Sim.”

Ele hesitou.

“Ela morreu?”

“Sim.”

“Eu achei que sim; eu disse à Daisy que achei que sim. É melhor que o choque venha de uma vez. Ela suportou muito bem.”

Ele falou como se a reação de Daisy fosse a única coisa que importava.

“Cheguei a West Egg por uma estrada secundária”, continuou ele, “e deixei o carro em minha garagem. Acho que ninguém nos viu, mas é claro que não posso ter certeza.”

A essa altura, eu já deixara de gostar o suficiente dele para não achar necessário dizer que ele estava errado.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Quem era a mulher?”, ele perguntou.

“Seu nome era Wilson. Seu marido é o dono da oficina. Como diabos isso aconteceu?”

“Bem, eu tentei balançar o volante...” Ele interrompeu e, de repente, percebi a verdade.

“Era a Daisy que estava dirigindo?”

“Sim”, disse ele depois de um momento, “mas é claro que vou dizer que eu estava. Veja bem, quando saímos de Nova York, ela estava muito nervosa e achou que ficaria mais estável se dirigisse – e essa mulher correu até nós quando estávamos passando por um carro que vinha em sentido contrário. Tudo aconteceu em um minuto, mas me parecia que ela queria falar conosco, achou que éramos alguém que ela conhecia. Bem, primeiro Daisy se afastou da mulher em direção ao outro carro, mas depois perdeu a coragem e voltou atrás. Assim que minha mão alcançou o volante, senti o choque – deve tê-la matado instantaneamente.”

“Ela ficou rasgada...”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Não me diga, meu caro.” Ele se encolheu. “De qualquer forma, Daisy pisou fundo. Tentei fazê-la parar, mas ela não conseguiu, então puxei o freio de emergência. Então ela caiu no meu colo e eu continuei dirigindo”.

“Ela ficará bem amanhã”, disse ele rapidamente. “Vou apenas esperar aqui e ver se ele tenta incomodá-la por causa daquela situação desagradável desta tarde. Ela se trancou em seu quarto e, se ele tentar alguma brutalidade, ela vai apagar e acender a luz novamente.”

“Ele não vai tocá-la”, eu disse. “Ele não está pensando nela.”

“Eu não confio nele, meu caro.”

“Quanto tempo você vai esperar?”

“A noite toda, se necessário. De qualquer forma, até todos irem para a cama”.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Um novo ponto de vista me ocorreu. Suponha que Tom descobrisse que Daisy estava dirigindo. Ele poderia ver uma conexão nisso – ele poderia pensar qualquer coisa. Olhei para a casa; havia duas ou três janelas brilhantes no andar de baixo e o brilho rosa do quarto de Daisy no térreo.

“Espere aqui”, eu disse. “Vou ver se há algum sinal de comoção.”

Caminhei de volta ao longo da borda do gramado, atravessei o cascalho suavemente e subi os degraus da varanda na ponta dos pés. As cortinas da sala de visitas estavam abertas e vi que o cômodo estava vazio. Atravessando a varanda onde havíamos jantado naquela noite de junho, três meses antes, cheguei a um pequeno retângulo de luz que imaginei ser a janela da despensa. A persiana estava fechada, mas encontrei uma fresta no peitoril.

Daisy e Tom estavam sentados um em frente ao outro na mesa da cozinha, com um prato de frango frito frio entre eles e duas garrafas de

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

cerveja. Ele estava conversando atentamente com ela do outro lado da mesa e, em sua seriedade, a mão dele caiu sobre a dela e a cobriu. De vez em quando, ela olhava para ele e acenava com a cabeça em sinal de concordância.

Eles não estavam felizes, e nenhum deles havia tocado no frango ou na cerveja – mas também não estavam infelizes. Havia um ar inconfundível de intimidade natural na imagem, e qualquer um diria que eles estavam conspirando juntos.

Quando saí da varanda na ponta dos pés, ouvi meu táxi abrindo caminho pela estrada escura em direção à casa. Gatsby estava esperando onde eu o havia deixado.

“Está tudo tranquilo lá em cima?”, perguntou ele ansiosamente.

“Sim, está tudo tranquilo.” Eu hesitei. *“É melhor você voltar para casa e dormir um pouco.”*

Ele balançou a cabeça.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Quero esperar aqui até a Daisy ir para a cama. Boa noite, meu caro.”

Ele enfiou as mãos nos bolsos do paletó e voltou a examinar a casa, como se minha presença tivesse prejudicado a sacralidade da vigília. Então me afastei e o deixei ali à luz da lua, observando o nada.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

WIII

Não consegui dormir a noite toda; uma buzina de neblina gemia incessantemente no estuário, e eu me remexia meio doente entre a realidade grotesca e sonhos selvagens e assustadores. Ao amanhecer, ouvi um táxi subindo a calçada de Gatsby e imediatamente pulei da cama e comecei a me vestir – senti que tinha algo a lhe dizer, algo para avisá-lo, e fazer isso durante a manhã seria tarde demais.

Ao cruzar o gramado, vi que a porta da frente ainda estava aberta e que ele estava encostado em uma mesa no corredor, pesado de desânimo ou de sono.

“Não aconteceu nada”, disse ele, de forma murcha. “Fiquei lá esperando e, por volta das quatro horas, ela veio até a janela, ficou lá por um minuto e depois apagou a luz.”

Sua casa nunca me pareceu tão grande como naquela noite, quando procuramos cigarros nos grandes cômodos. Afastamos as cortinas que pareciam pavilhões e apalpamos inúmeros metros

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

de paredes escuras em busca de interruptores de luz elétrica – cheguei até a cair como uma espécie de respingo sobre as teclas de um piano fantasmagórico. Havia uma quantidade inexplicável de poeira por toda parte, e os quartos estavam mofados, como se não tivessem sido arejados por muitos dias. Encontrei o umidor em uma mesa desconhecida, com dois cigarros velhos e secos dentro. Abrindo as janelas francesas da sala de estar, sentamos para fumar na escuridão.

“Você deveria fugir”, eu disse. “Certamente vão conseguir identificar seu carro”.

“Fugir agora, meu caro?”

“Ir para Atlantic City por uma semana, ou até para Montreal”.

Ele nem quis pensar sobre isso. Ele não poderia abandonar Daisy até que soubesse o que ela faria. Ele estava se agarrando ao último fio de esperança e eu não conseguia suportar a ideia de libertá-lo disso.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Foi nesta noite que ele me contou a estranha história de sua juventude com Dan Cody – e me contou porque “*Jay Gatsby*” tinha sido quebrado como vidro com a malícia de Tom, e a extravagância secreta tinha se esgotado. Acredito que ele teria assumido qualquer coisa neste ponto, sem reservas, mas ele queria conversar sobre Daisy.

Ela foi a primeira garota “*boa*” que ele conheceu. Em várias funções não reveladas, ele havia entrado em contato com pessoas assim, mas sempre com um arame farpado indiscernível entre eles. Ele a achou excitantemente desejável. Ele foi à casa dela, primeiro com outros oficiais de Camp Taylor, depois sozinho. A casa o surpreendeu – ele nunca havia estado em uma casa tão bonita antes. Mas o que lhe conferia um ar de intensidade ofegante era o fato de Daisy morar lá – era algo tão casual para ela quanto sua barraca no acampamento era para ele. Havia um mistério maduro na casa, uma sugestão de quartos no andar de cima mais bonitos e frescos do que os outros quartos, de atividades alegres e radiantes acontecendo em seus corredores, e de

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

romances que não eram mofados e já guardados em lavanda, mas frescos e respirando e cheirando aos carros brilhantes deste ano e aos bailes cujas flores mal haviam murchado. Também o entusiasmou o fato de que muitos homens já haviam amado Daisy – isso aumentou o valor dela aos seus olhos. Ele sentia a presença deles por toda a casa, impregnando o ar com as sombras e os ecos de emoções ainda vibrantes.

Mas ele sabia que estava na casa de Daisy por um acidente colossal. Por mais glorioso que fosse seu futuro como Jay Gatsby, no momento ele era um jovem sem dinheiro e sem passado, e a qualquer momento o manto invisível de seu uniforme poderia cair de seus ombros. Portanto, ele aproveitou ao máximo seu tempo. Ele pegava o que podia, com voracidade e sem escrúpulos – por fim, ele pegou Daisy em uma noite de outubro, pegou-a porque não tinha o direito real de tocar sua mão.

Ele poderia ter se desprezado, pois certamente a havia tomado sob falsos pretextos. Não quero

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

dizer que ele tenha negociado com seus milhões fantasmas, mas ele deliberadamente deu a Daisy uma sensação de segurança; ele a fez acreditar que ele era uma pessoa do mesmo nível que ela – que ele era totalmente capaz de cuidar dela. Na verdade, ele não tinha tais facilidades – não tinha uma família confortável por trás dele e estava sujeito a ser mandado para qualquer lugar do mundo por capricho de um governo impessoal.

Mas ele não se desprezou e não foi como ele havia imaginado. Ele tinha a intenção, provavelmente, de pegar o que pudesse e ir embora – mas agora ele descobriu que havia se comprometido a seguir um graal. Ele sabia que Daisy era extraordinária, mas não tinha percebido o quanto uma garota “boa” poderia ser extraordinária. Ela desapareceu em sua casa rica, em sua vida rica e plena, deixando Gatsby sem nada. Ele se sentia casado com ela, e isso era tudo.

Quando eles se reencontraram, dois dias depois, era Gatsby que estava sem fôlego, que estava, de alguma forma, traído. Sua varanda estava ilumi-

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

nada com o luxo comprado do brilho das estrelas; o vime do sofá rangia de forma elegante quando ela se virou para ele e ele beijou sua boca curiosa e adorável. Ela havia pegado um resfriado, e isso tornou sua voz mais rouca e encantadora do que nunca, e Gatsby estava extremamente consciente da juventude e do mistério que a riqueza aprisiona e preserva, do frescor de muitas roupas e de Daisy, brilhando como prata, segura e orgulhosa acima das lutas quentes dos pobres.

“Eu não consigo descrever o quão surpreso fiquei quando descobri que a amava, meu caro. Eu até tinha esperanças que ela me descartasse, mas ela não descartou, porque ela também estava apaixonada por mim. Ela achou que eu sabia muito porque eu sabia coisas diferentes, que ela não sabia... Bem, lá estava eu, muito além das minhas ambições, me apaixonando cada vez mais, e de repente, já não me importava. Do que valia fazer grandes coisas se era melhor contar para ela o que eu ia fazer?”

Na última tarde antes de ele precisar ir para o exterior, ele sentou, com Daisy nos seus braços,

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

por um longo e silencioso tempo. Era um dia frio de outono, com fogo na lareira e bochechas rosadas. De vez em quando ela se mexia e ele mudava um pouco a posição do seu braço e, uma vez, ele deu um beijo em seu cabelo preto e brilhoso. A tarde os deixou tranquilos por algum tempo, como se desse para eles uma memória profunda para a despedida longa que o dia seguinte prometia. Eles nunca estiveram tão perto em seus meses de amor, nem se comunicado de forma mais profunda um com o outro, do que quando ela encostou seus lábios silenciosos sob o ombro de sua jaqueta ou quando ele tocou a ponta dos seus dedos, como se ela estivesse dormindo.

Ele se saiu extraordinariamente bem na guerra. Era capitão antes de ir para o front e, após as batalhas de Argonne, obteve a maioria e o comando das metralhadoras da divisão. Após o armistício, tentou freneticamente voltar para casa, mas alguma complicação ou mal-entendido o mandou para Oxford. Ele estava preocupado agora – havia um certo desespero nervoso nas cartas de Daisy. Ela não entendia por que ele não

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

podia voltar. Ela estava sentindo a pressão do mundo lá fora, e queria vê-lo e sentir sua presença ao seu lado e ter a certeza de que estava fazendo a coisa certa, afinal.

Pois Daisy era jovem e seu mundo artificial cheirava a orquídeas, esnobismo agradável e alegre e orquestras que marcavam o ritmo do ano, resumindo a tristeza e a sugestividade da vida em novas melodias. Durante toda a noite, os saxofones entoavam o comentário desesperado de “*Beale Street Blues*”, enquanto uma centena de pares de chinelos dourados e prateados arrastavam a poeira brilhante. Na hora cinzenta do chá, sempre havia salas que vibravam incessantemente com essa febre baixa e doce, enquanto rostos novos surgiam aqui e ali como pétalas de rosas sopradas pelas tristes buzinas ao redor do andar.

Nesse universo crepuscular, Daisy começou a se mover novamente com a estação; de repente, ela estava novamente tendo meia dúzia de encontros por dia com meia dúzia de homens e adormecendo ao amanhecer com as contas e a

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

musselina de um vestido de noite emaranhados entre orquídeas moribundas no chão ao lado de sua cama. E, o tempo todo, algo dentro dela estava clamando por uma decisão. Ela queria que sua vida fosse moldada agora, imediatamente, e a decisão deveria ser tomada por alguma força – de amor, de dinheiro, de praticidade inquestionável – que estivesse por perto.

Essa força tomou forma no meio da primavera com a chegada de Tom Buchanan. Havia um volume saudável em sua pessoa e em sua posição, e Daisy ficou lisonjeada. Sem dúvida, houve uma certa luta e um certo alívio. A carta chegou a Gatsby quando ele ainda estava em Oxford.

Já estava amanhecendo em Long Island e começamos a abrir o restante das janelas do andar de baixo, enchendo a casa com uma luz que transformava o cinza em dourado. A sombra de uma árvore caiu abruptamente sobre o orvalho e pássaros fantasmagóricos começaram a cantar entre as folhas azuis. Havia um movimento lento

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

e agradável no ar, quase sem vento, prometendo um dia fresco e agradável.

“Acho que ela nunca o amou.” Gatsby se virou da janela e olhou para mim com ar desafiador. *“Você deve se lembrar, meu caro, que ela estava muito animada de tarde. Ele lhe contou aquelas coisas de uma forma que a assustou – fazendo parecer que eu era algum tipo de espertalhão barato. E o resultado foi que ela mal sabia o que estava dizendo.”*

Ele se sentou sombriamente.

“É claro que ela pode tê-lo amado apenas por um minuto, logo quando eles se casaram – e me amou ainda mais naquela época, entende?”

De repente, ele fez uma observação curiosa.

“Em todo caso”, disse ele, *“foi apenas pessoal”*.

O que você poderia fazer com isso, exceto suspeitar de alguma intensidade na concepção dele do caso que não poderia ser medida?

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Ele voltou da França quando Tom e Daisy ainda estavam em sua viagem de núpcias e fez uma viagem miserável, mas irresistível, para Louisville com o último pagamento do exército. Ele ficou lá por uma semana, andando pelas ruas onde os passos deles haviam se cruzado na noite de novembro e revisitando os lugares fora de mão para os quais eles tinham ido no carro branco dela. Assim como a casa de Daisy sempre lhe pareceu mais misteriosa e alegre do que as outras casas, sua ideia da cidade em si, embora ela tivesse desaparecido, estava impregnada de uma beleza melancólica.

Ele saiu com a sensação de que, se tivesse procurado mais, poderia tê-la encontrado – e que a estava deixando para trás. O ônibus diurno – ele estava sem dinheiro agora – estava quente. Ele foi até o vestíbulo aberto e sentou-se em uma cadeira dobrável, enquanto a estação se distanciava e os fundos de edifícios desconhecidos passavam. Em seguida, foi para os campos de primavera, onde um bonde amarelo correu por um minuto

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

com pessoas que poderiam ter visto a magia pálida do rosto dela ao longo da rua casual.

O trilho se curvou e agora estava se afastando do sol, que, à medida que se punha mais baixo, parecia se espalhar em bênção sobre a cidade desaparecida onde ela havia respirado. Ele esticou a mão desesperadamente, como se quisesse pegar apenas um fio de ar, para salvar um fragmento do local que ela havia tornado encantador para ele. Mas tudo estava passando rápido demais para seus olhos embaçados e ele sabia que havia perdido aquela parte, a mais fresca e a melhor, para sempre.

Eram nove horas quando terminamos o café da manhã e saímos para a varanda. A noite tinha feito uma grande diferença no clima e havia um sabor de outono no ar. O jardineiro, o último dos antigos empregados de Gatsby, chegou ao pé dos degraus.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Eu vou drenar a piscina hoje, Sr. Gatsby. As folhas começarão a cair em breve e sempre há problemas com os canos.”

“Não faça isso hoje”, respondeu Gatsby. Ele se virou para mim, desculpando-se. “Sabia, meu caro, que eu nunca usei a piscina durante todo o verão?”

Olhei para o relógio e me levantei.

“Doze minutos para o meu trem.”

Eu não queria ir para a cidade. Eu não valia um trabalho decente, mas era mais do que isso – eu não queria deixar Gatsby. Perdi aquele trem, e depois outro, antes de conseguir ir embora.

“Vou ligar para você”, disse eu finalmente.

“Ligue, meu caro.”

“Vou ligar lá por meio-dia”.

Descemos os degraus lentamente.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“*Eu imagino que Daisy também vai ligar*”. Ele olhou para mim ansioso, esperando que eu concordasse com isso.

“*Imagino que sim*”.

“*Bem, adeus*”.

Nós apontamos as mãos e eu me afastei. Antes de alcançar a cerca, lembrei de algo e voltei.

“*Eles são um povo podre*”, gritei através do gramado. “*Você vale mais do que vários deles juntos.*”

Sempre fiquei feliz de ter dito isso. Foi o único elogio que lhe fiz, porque não o aprovava do começo ao fim. Primeiro ele assentiu com educação, depois abriu um sorriso radiante e compreensivo, como se estivesse em um acordo estético com esse fato este tempo todo. Seu lindo terno cor-de-rosa era uma mancha brilhante de cor contra os degraus brancos, e pensei na noite em que cheguei à sua casa ancestral pela primeira vez, três meses antes. O gramado e a entrada

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

estavam cheias de rostos daqueles que adivinharam sua corrupção – e ele ficara ali, dos degraus, disfarçando seu sonho incorruptível, acenando adeus enquanto partiam.

Eu agradei sua hospitalidade. Estávamos sempre agradecendo sua hospitalidade – eu e os outros.

“*Adeus*”, gritei. “*Eu gostei do café-da-manhã, Gatsby*”.

Na cidade, tentei por um tempo listar as cotações de uma quantidade interminável de ações, depois adormeci em minha cadeira giratória. Pouco antes do meio-dia, o telefone me acordou, e comecei a me levantar com suor na testa. Era Jordan Baker; ela costumava me ligar a essa hora porque a incerteza de seus próprios movimentos entre hotéis, clubes e casas particulares tornava difícil encontrá-la de qualquer outra forma. Normalmente, sua voz chegava pelo fio como algo fresco e refrescante, como se uma bola de golfe tivesse entrado pela janela do escritório, mas naquela manhã ela parecia áspera e seca.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Saí da casa de Daisy”, disse ela. “Estou em Hempstead e vou para Southampton esta tarde.”

Talvez tenha sido uma atitude diplomática deixar a casa de Daisy, mas o ato me irritou, e seu comentário seguinte me deixou rígido.

“Você não foi tão legal comigo ontem à noite.”

“Como isso pode ter alguma importância?”

Silêncio por um momento. Depois:

“No entanto, eu quero ver você.”

“Eu também quero ver você.”

“Suponha que eu não vá para Southampton e vá para Nova York esta tarde?”

“Não, acho que não hoje à tarde não é bom.”

“Muito bem.”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“É impossível hoje à tarde. Várias...”

Conversamos assim por um tempo e, de repente, não estávamos mais conversando. Não sei qual de nós dois desligou o telefone com um clique agudo, mas sei que não me importei. Eu não poderia ter conversado com ela em uma mesa de chá naquele dia mesmo que isso significasse que não nos veríamos mais.

Liguei para a casa de Gatsby alguns minutos depois, mas a linha estava ocupada. Tentei quatro vezes; finalmente, uma central exasperada me disse que a linha estava sendo mantida aberta para ligações de longa distância de Detroit. Peguei minha tabela de horários e desenhei um pequeno círculo ao redor do trem das três e cinquenta. Em seguida, recostei-me em minha cadeira e tentei pensar. Era apenas meio-dia.

Quando passei pelos montes de cinzas no trem naquela manhã, atravessei deliberadamente para o outro lado do vagão. Eu supunha que haveria uma multidão curiosa por ali o dia todo, com ga-

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

rotinhos procurando por pontos escuros na poeira e algum homem tagarela contando repetidamente o que havia acontecido, até que se tornasse cada vez menos real até mesmo para ele e ele não pudesse mais contar, e o trágico feito de Myrtle Wilson fosse esquecido. Agora quero voltar um pouco atrás e contar o que aconteceu na oficina depois que saímos de lá na noite anterior.

Eles tiveram dificuldade em localizar a irmã, Catherine. Ela deve ter quebrado sua regra de não beber naquela noite, pois quando chegou estava bêbada e incapaz de entender que a ambulância já tinha ido para Flushing. Quando a convenceram disso, ela desmaiou imediatamente, como se essa fosse a parte intolerável do caso. Alguém, gentil ou curioso, pegou-a em seu carro e a levou no rastro do corpo de sua irmã.

Até bem depois da meia-noite, uma multidão em constante mudança se aglomerava na frente da oficina, enquanto George Wilson se balançava para frente e para trás no sofá lá dentro. Por um tempo, a porta do escritório ficou aberta, e

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

todos que entravam na oficina olhavam irresistivelmente através dela. Finalmente, alguém disse que era uma pena e fechou a porta. Michaelis e vários outros homens estavam com ele; primeiro, quatro ou cinco homens, depois dois ou três homens. Ainda mais tarde, Michaelis teve de pedir ao último estranho que esperasse ali por mais quinze minutos, enquanto ele voltava para sua própria casa e preparava um bule de café. Depois disso, ele ficou lá sozinho com Wilson até o amanhecer.

Por volta das três horas, os murmúrios incoerentes de Wilson mudaram – ele ficou mais calmo e começou a falar sobre o carro amarelo. Ele anunciou que tinha uma maneira de descobrir a quem pertencia o carro amarelo e então deixou escapar que, há alguns meses, sua esposa havia chegado da cidade com o rosto machucado e o nariz inchado.

Mas quando ele se ouviu dizendo isso, estremeceu e começou a gritar “Ah, meu Deus!” no-

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

vamente em sua voz gemida. Michaelis fez uma tentativa desajeitada de distraí-lo.

“Há quanto tempo você está casado, George? Vamos lá, tente ficar quieto por um minuto e responda à minha pergunta. Há quanto tempo você está casado?”

“Doze anos”.

“E tiveram algum filho? Vamos lá, George, fique parado – lhe fiz uma pergunta. Vocês tiveram algum filho?”

Os besouros marrons e duros continuavam a bater contra a luz fraca e, sempre que Michaelis ouvia um carro passando pela estrada lá fora, ele se parecia com o carro que não havia parado algumas horas antes. Ele não gostava de ir na oficina, porque a bancada de trabalho estava manchada onde o corpo estava deitado, então ele se movia desconfortavelmente pelo escritório – ele conhecia todos os objetos antes da manhã – e de vez em quando se sentava ao lado de Wilson para tentar mantê-lo mais quieto.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Você tem uma igreja que frequenta às vezes, George? Talvez até mesmo se você não vai lá há muito tempo? Talvez eu possa ligar para a igreja e pedir para um padre ir lá para conversar com você, entende?”

“Não pertencço a nenhuma.”

“Você deveria ter uma igreja, George, para momentos como esse. Você já deve ter ido à igreja uma vez. Não se casou em uma igreja? Ouça, George, ouça-me. Você não se casou em uma igreja?”

“Isso foi há muito tempo.”

O esforço de responder quebrou o ritmo de seu balanço – por um momento ele ficou em silêncio. Então, o mesmo olhar meio incógnito, meio perplexo, voltou a seus olhos desbotados.

“Olhe na gaveta ali”, disse ele, apontando para a escrivaninha.

“Qual gaveta?”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Aquela gaveta – aquela ali.”

Michaelis abriu a gaveta mais próxima de sua mão. Não havia nada nela além de uma pequena e cara coleira de cachorro, feita de couro e prata trançada. Aparentemente, era nova.

“Isto?”, perguntou ele, segurando-a.

Wilson ficou olhando e assentiu com a cabeça.

“Eu a encontrei ontem à tarde. Ela tentou me contar sobre isso, mas eu sabia que era algo suspeito.”

“Quer dizer que sua esposa a comprou?”

“Estava embrulhada em papel de seda na escrivaninha”.

Michaelis não viu nada de suspeito nisso e deu a Wilson uma dúzia de razões pelas quais sua esposa poderia ter comprado a coleira. Mas, possivelmente, Wilson já tinha ouvido algumas dessas mesmas explicações antes, de Myrtle, porque ele

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

começou a dizer “*Oh, meu Deus!*” novamente em um sussurro – seu edredom deixou várias explicações no ar.

“*Então ele a matou*”, disse Wilson. Sua boca se abriu de repente.

“*Quem?*”

“*Eutenho uma maneira de descobrir.*”

“*Você é mórbido, George*”, disse seu amigo. “*Isso tem sido uma tensão para você e você não sabe o que está dizendo. É melhor tentar ficar quieto até de manhã.*”

“*Ele a matou.*”

“*Foi um acidente, George.*”

Wilson balançou a cabeça. Seus olhos se estreitaram e sua boca se alargou ligeiramente com o fantasma de um “*Hm!*” superior.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Eu sei”, disse ele definitivamente. “Eu sou um desses caras confiáveis e não penso em fazer mal a ninguém, mas quando eu sei de uma coisa, eu sei. Era o homem naquele carro. Ela saiu correndo para falar com ele e ele não parou.”

Michaelis também tinha visto isso, mas não lhe ocorreu que houvesse algum significado especial no fato. Ele acreditava que a Sra. Wilson estava fugindo do marido, em vez de tentar parar um carro em particular.

“Como ela pode ter feito isso?”

“Ela é muito profunda”, disse Wilson, como se isso respondesse à pergunta. “Ah-h-h-h-”

Ele começou a se balançar novamente, e Michaelis se levantou torcendo a coleira em sua mão.

“Talvez você tenha algum amigo para quem eu possa telefonar, George?”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Essa era uma esperança perdida – ele tinha quase certeza de que Wilson não tinha nenhum amigo: não havia o suficiente dele para sua esposa. Ele se alegrou um pouco mais tarde quando notou uma mudança no quarto, um azul que se acelerava pela janela, e percebeu que o amanhecer não estava longe. Por volta das cinco horas, já estava azul o suficiente lá fora para apagar a luz.

Os olhos vidrados de Wilson se voltaram para os montes de cinzas, onde pequenas nuvens cinzentas assumiam formas fantásticas e corriam aqui e ali com o vento fraco da madrugada.

“Eu falei com ela”, murmurou ele, depois de um longo silêncio. “Eu lhe disse que ela poderia me enganar, mas não poderia enganar a Deus. Eu a levei até a janela” – com um esforço, ele se levantou e caminhou até a janela traseira e se inclinou com o rosto pressionado contra ela – “e eu disse: ‘Deus sabe o que você tem feito, tudo o que você tem feito. Você pode me enganar, mas não pode enganar Deus!’”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

De pé atrás dele, Michaelis viu com um choque que estava olhando para os olhos do Dr. T. J. Eckleburg, que acabara de emergir, pálido e enorme, da noite que se dissolvia.

“*Deus vê tudo*”, repetiu Wilson.

“*Isso é uma propaganda*”, garantiu Michaelis. Algo o fez se afastar da janela e olhar de volta para a sala. Mas Wilson permaneceu ali por muito tempo, com o rosto próximo à vidraça da janela, acenando com a cabeça para a penumbra.

Às seis horas, Michaelis estava exausto e grato pelo som de um carro parando do lado de fora. Era um dos vigias da noite anterior que havia prometido voltar, então ele preparou o café da manhã para três pessoas, que ele e o outro homem comeram juntos. Wilson estava mais calmo agora, e Michaelis foi para casa dormir; quando acordou, quatro horas depois, e voltou correndo para a garagem, Wilson havia desaparecido.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Seus movimentos – ele ficara de pé o tempo todo – foram posteriormente rastreados até Port Roosevelt e depois até Gad’s Hill, onde ele comprou um sanduíche que não comeu e uma xícara de café. Ele devia estar cansado e andando devagar, pois só chegou a Gad’s Hill ao meio-dia. Até então, não havia dificuldade em calcular seu tempo – havia garotos que tinham visto um homem “*agindo como um louco*” e motoristas para os quais ele olhava estranhamente do lado da estrada. Então, por três horas, ele desapareceu de vista. A polícia, com base no que ele disse a Michaelis, que “*tinha um jeito de descobrir*”, supôs que ele passou esse tempo indo de oficina em oficina nas redondezas, perguntando por um carro amarelo. Por outro lado, nenhum mecânico que o tivesse visto jamais se apresentou, e talvez ele tivesse uma maneira mais fácil e segura de descobrir o que queria saber. Às duas e meia ele estava em West Egg, onde perguntou a alguém o caminho para a casa de Gatsby. Então, a essa altura, ele já sabia o nome de Gatsby.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Às duas horas, Gatsby vestiu seu traje de banho e deixou combinado com o mordomo que, se alguém telefonasse, ele deveria ser chamado na piscina. Ele parou na garagem para pegar um colchão pneumático que havia divertido seus convidados durante o verão, e o motorista o ajudou a enchê-lo. Em seguida, ele deu instruções para que o carro aberto não fosse usado para o transporte de pessoas. Em seguida, ele deu instruções para que o carro aberto não saísse em nenhuma circunstância – e isso era estranho, pois o para-lama dianteiro direito precisava de reparos.

Gatsby carregou o colchão e partiu para a piscina. Uma vez, ele parou e o motorista perguntou se ele precisava de ajuda, mas ele balançou a cabeça e em um momento desapareceu entre as árvores amareladas.

Não chegou nenhuma mensagem telefônica, mas o mordomo ficou sem dormir e esperou até às quatro horas – até muito depois de haver alguém a quem entregá-la, caso chegasse. Tenho a ideia de que o próprio Gatsby não acreditava

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

que a mensagem chegaria e talvez não se importasse mais com isso. Se isso for verdade, ele deve ter sentido que havia perdido o velho e acolhedor mundo, pagando um alto preço por viver muito tempo com um único sonho. Ele deve ter olhado para um céu desconhecido através de folhas assustadoras e estremecido ao descobrir o quão grotesca é uma rosa e como a luz do sol era crua sobre a grama mal criada. Um novo mundo, material sem ser real, onde pobres fantasmas, respirando sonhos como o ar, flutuavam fortuitamente... como aquela figura cinzenta e fantástica deslizando em sua direção por entre as árvores amorfas.

O motorista – um dos protegidos de Wolfshiem – ouviu os tiros. Depois, ele só pôde dizer que não tinha pensado muito sobre eles. Dirigi da estação diretamente para a casa de Gatsby e minha pressa em subir os degraus da frente foi a primeira coisa que alarmou qualquer pessoa. Mas eles sabiam disso, acredito firmemente. Quase sem dizer uma palavra, quatro de nós, o motorista, o mordomo, o jardineiro e eu, corremos para a piscina.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Havia um movimento fraco e quase imperceptível da água quando o fluxo fresco de uma extremidade se dirigia para o ralo na outra. Com pequenas ondulações que mal pareciam sombras de ondas, o colchão carregado se movia irregularmente pela piscina. Uma pequena rajada de vento que mal ondulava a superfície era suficiente para perturbar seu curso accidental com sua carga accidental. O toque de um aglomerado de folhas o fazia girar lentamente, traçando, como a perna do trânsito, um fino círculo vermelho na água.

Foi depois que partimos com Gatsby em direção à casa que o jardineiro viu o corpo de Wilson um pouco afastado na grama, e o holocausto estava completo.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

IX

Depois de dois anos, lembro-me do resto daquele dia, daquela noite e do dia seguinte apenas como uma sequência interminável de policiais, fotógrafos e jornalistas entrando e saindo da porta da frente do Gatsby. Uma corda esticada no portão principal e um policial ao lado mantinham os curiosos afastados, mas logo descobriram que podiam entrar pelo meu quintal, e sempre havia algumas pessoas aglomeradas e de boca aberta ao redor da piscina. Alguém com um comportamento positivo, talvez um detetive, usou a expressão “*louco*” enquanto se debruçava sobre o corpo de Wilson naquela tarde, e a autoridade acidental de sua voz deu o tom para as reportagens dos jornais na manhã seguinte.

A maioria dessas reportagens era um pesadelo – grotescas, circunstanciais, ansiosas e falsas. Quando o testemunho de Michaelis para o inquérito trouxe à tona as suspeitas de Wilson sobre sua esposa, pensei que toda a história seria servida em breve em uma pasquinada atrevida – mas Catherine, que poderia ter dito qualquer coisa, não disse uma palavra. Ela demonstrou um

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

caráter surpreendente em relação a isso também – olhou para o legista com olhos determinados sob aquela sua testa corrigida e jurou que sua irmã nunca tinha visto Gatsby, que sua irmã era completamente feliz com o marido, que sua irmã não tinha feito nenhuma maldade. Ela se convenceu disso e chorou em seu lenço, como se a simples sugestão fosse mais do que ela poderia suportar. Assim, Wilson foi reduzido a um homem “*perturbado pela dor*” para que o caso pudesse permanecer em sua forma mais simples. E foi aí que ele permaneceu.

Mas toda essa parte do caso parecia remota e sem importância. Eu me vi do lado de Gatsby, e sozinho. Desde o momento em que telefonei para a vila de West Egg com a notícia da catástrofe, todas as suposições sobre ele e todas as questões práticas foram encaminhadas para mim. No início, fiquei surpreso e confuso; depois, enquanto ele estava deitado em sua casa e não se movia, respirava ou falava, hora após hora, percebi que eu era o responsável, porque ninguém mais estava interessado – interessado, quero dizer, com

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

aquele intenso interesse pessoal ao qual todos têm algum vago direito no final.

Liguei para Daisy meia hora depois de encontrá-lo, instintivamente e sem hesitação. Mas ela e Tom tinham ido embora no início da tarde e levado a bagagem com eles.

“Não deixaram nenhum endereço?”

“Não.”

“Disseram quando voltariam?”

“Não.”

“Alguma ideia de onde eles estão? Como eu poderia entrar em contato com eles?”

“Não sei. Não sei dizer.”

Eu queria chamar alguém para ele. Queria entrar no quarto onde ele estava deitado e tranquilizá-lo: *“Vou conseguir alguém para você, Gatsby.*

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

*Não se preocupe. Apenas confie em mim e eu arran-
jarei alguém para você...”*

O nome de Meyer Wolfshiem não estava na lista telefônica. O mordomo me deu o endereço de seu escritório na Broadway, e eu liguei para a central de informações, mas quando consegui o número já passava das cinco horas e ninguém atendeu o telefone.

“Você pode ligar de novo?”

“Já liguei três vezes.”

“É muito importante.”

“Desculpe. Receio que ninguém esteja lá.”

Voltei para a sala de estar e pensei por um instante que fossem visitantes ocasionais, todas essas pessoas oficiais que de repente a ocuparam. Mas, embora eles tenham retirado o lençol e olhado para Gatsby com olhos chocados, seu protesto continuou em meu cérebro:

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Olhe aqui, meu caro, você tem que conseguir alguém para mim. Você precisa se esforçar. Não posso passar por isso sozinho.”

Alguém começou a me fazer perguntas, mas eu me afastei e, subindo as escadas, dei uma olhada apressada nas partes destrancadas de sua escrivaninha – ele nunca havia me dito definitivamente que seus pais estavam mortos. Mas não havia nada – apenas a foto de Dan Cody, um símbolo de violência esquecida, olhando para baixo da parede.

Na manhã seguinte, enviei o mordomo a Nova York com uma carta para Wolfshiem, pedindo informações e incitando-o a vir no próximo trem. Essa solicitação parecia supérflua quando a escrevi. Eu tinha certeza de que ele partiria quando visse os jornais, assim como tinha certeza de que haveria um telegrama de Daisy antes do meio-dia – mas nem o telegrama nem o Sr. Wolfshiem chegaram; ninguém chegou, exceto mais policiais, fotógrafos e jornalistas. Quando o mordomo trouxe a resposta de Wolfshiem, comecei a

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

ter um sentimento de rebeldia e de solidariedade desdenhosa entre Gatsby e eu contra todos eles.

Prezado Sr. Carraway. Esse foi um dos choques mais terríveis de minha vida. Mal posso acreditar que seja verdade. Um ato tão louco como o daquele homem deveria fazer todos nós pensarmos. Não posso ir agora, pois estou ocupado com alguns negócios muito importantes e não posso me envolver com isso no momento. Se houver algo que eu possa fazer um pouco mais tarde, me avise por carta pelo Edgar. Mal sei onde estou quando ouço falar de uma coisa como essa e fico completamente desanimado.

Sinceramente,
Meyer Wolfshiem

e, em seguida, um adendo apressado:

Me avise sobre o funeral etc. Não sei nada sobre a família dele.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Quando o telefone tocou naquela tarde e a telefonista de longa distância avisou que se tratava de uma chamada de Chicago, achei que finalmente seria Daisy. Mas quando fomos conectados, ouvi a voz de um homem, muito fina e distante.

“Aqui é Slagle”.

“Sim?” O nome não me era familiar.

“Que nota incrível, não é? Recebeu o meu telegrama?”

“Não houve telegrama algum.”

“O jovem Parke está com problemas”, ele disse rapidamente. *“Eles o pegaram quando entregou os títulos no balcão. Receberam uma circular de Nova York com os números apenas cinco minutos antes. O que você sabe sobre isso, hein? Nunca se sabe, nessas cidades caipiras...”*

“Hei!” Interrompi sem fôlego. *“Olhe aqui – não sou o Sr. Gatsby. O Sr. Gatsby está morto.”*

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Houve um longo silêncio do outro lado do fio, seguido de uma exclamação... e depois um rápido chiado quando a conexão foi interrompida.

Acho que foi no terceiro dia que um telegrama assinado Henry C. Gatz chegou de uma cidade em Minnesota. Dizia apenas que o remetente estava partindo imediatamente e que o funeral deveria ser adiado até que ele chegasse.

Era o pai de Gatsby, um velho solene, muito desamparado e consternado, agasalhado em um casaco longo e barato contra o dia quente de setembro. Seus olhos vazavam continuamente de excitação e, quando tirei a bolsa e o guarda-chuva de suas mãos, ele começou a puxar tão incessantemente sua escassa barba grisalha que tive dificuldade em tirar seu casaco. Ele estava a ponto de desmaiar, então o levei para a sala de música e o fiz sentar-se enquanto eu mandava buscar algo para comer. Mas ele não quis comer, e o copo de leite foi derramado de sua mão trêmula.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Eu vi no jornal de Chicago”, disse ele. “Estava tudo no jornal de Chicago. Vim imediatamente.”

“Eu não sabia como entrar em contato com você.”

Seus olhos, sem ver nada, moviam-se incessantemente pela sala.

“Era um louco”, disse ele. “Ele devia estar louco.”

“O senhor não gostaria de tomar um café?” Eu o encorajei.

“Não quero nada. Estou bem agora, Sr. -”

“Carraway.”

“Bem, estou bem agora. Onde que colocaram o Jimmy?”

Eu o levei para a sala de visitas, onde seu filho estava deitado, e o deixei lá. Alguns garotos haviam subido os degraus e estavam olhando para o corredor; quando eu lhes disse quem havia chegado, eles se afastaram com relutância.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Depois de algum tempo, o Sr. Gatz abriu a porta e saiu, com a boca entreaberta, o rosto levemente corado e os olhos vazando lágrimas isoladas e irregulares. Ele havia chegado a uma idade em que a morte não tem mais a qualidade de uma surpresa horrível e, quando olhou ao seu redor pela primeira vez e viu a altura e o esplendor do salão e os grandes cômodos que se abriam para outros cômodos, sua dor começou a se misturar com um orgulho atônito. Eu o ajudei a entrar em um quarto no andar de cima; enquanto ele tirava o casaco e o colete, eu lhe disse que todos os preparativos haviam sido adiados até que ele chegasse.

“Eu não sabia o que o senhor iria querer fazer, Sr. Gatsby—”

“Gatz é o meu nome.”

“—Sr. Gatz. Pensei que o senhor talvez quisesse levar o corpo para o oeste.”

Ele balançou a cabeça.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Jimmy sempre gostou mais do Leste. Ele subiu de posição no Leste. O senhor era amigo do meu filho, Sr.–?”

“Éramos amigos próximos”.

“Ele tinha um baita futuro à frente, você sabe. Era um homem jovem, mas ele tinha muito poder cerebral aqui”.

Ele tocou sua cabeça notavelmente, e eu assenti.

“Se ele tivesse vivido, teria sido um grande homem. Um homem como James J. Hill. Ele teria ajudado a construir o país.”

“Isso é verdade”, eu disse, desconfortável.

Ele se atrapalhou com a colcha bordada, tentando tirá-la da cama, se deitou com rigidez e dormiu imediatamente.

Naquela noite, uma pessoa obviamente assustada ligou e exigiu saber quem eu era antes de dizer seu nome.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Sou o Sr. Carraway”, eu disse.

“Oh!” Ele pareceu aliviado. “Este é Klipspringer.”

Eu também fiquei aliviado, pois isso parecia prometer outro amigo no túmulo de Gatsby. Eu não queria que isso saísse nos jornais e atraísse uma multidão de turistas, então eu mesmo estava ligando para algumas pessoas. Elas eram difíceis de encontrar.

“O funeral é amanhã”, eu disse. “Às três horas, aqui na casa. Gostaria que você avisasse a todos que possam estar interessados.”

“Oh, eu avisarei”, ele se apressou em dizer. “É claro que não é provável que eu encontre alguém, mas se eu encontrar...”

Seu tom me deixou desconfiado.

“É claro que você mesmo virá.”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Bem, eu certamente tentarei. O motivo da minha ligação é...”

“Espere um minuto”, eu o interrompi. “Que tal dizer que você virá?”

“Bem, o fato é que a verdade é que estou hospedado na casa de algumas pessoas aqui em Greenwich, e elas esperam que eu esteja com elas amanhã. De fato, há uma espécie de piquenique ou algo assim. É claro que farei o possível para fugir”.

Eu soltei um incontinência *“Huh!”* e ele deve ter me ouvido, pois continuou nervoso:

“Mas liguei por conta de um par de sapatos que deixei na casa. Gostaria de saber se daria muito trabalho pedir ao mordomo para me enviá-los. Sabe, são para jogar tênis, e estou meio desamparado sem eles. Meu endereço é aos cuidados de B. F.–”

Não ouvi o resto do nome, pois desliguei o fone.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Depois disso, senti uma certa vergonha de Gatsby – um senhor a quem telefonei deu a entender que ele havia recebido o que merecia. No entanto, a culpa foi minha, pois ele era um dos que costumavam zombar de Gatsby com muita amargura por causa da coragem da bebida de Gatsby, e eu deveria saber que era melhor não ligar para ele.

Na manhã do funeral, fui até Nova York para ver Meyer Wolfshiem; não consegui falar com ele de nenhuma outra forma. A porta que abri, seguindo o conselho de um ascensorista, tinha a inscrição “*Sociedade de Holding Suástica*” e, a princípio, não parecia haver ninguém lá dentro. Mas depois que gritei “*olá*” várias vezes em vão, começou uma discussão atrás de uma divisória, e logo uma adorável judia apareceu em uma porta interna e me examinou com olhos negros e hostis.

“*Não há ninguém*”, disse ela. “*O Sr. Wolfshiem foi para Chicago.*”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

A primeira parte dessa afirmação era obviamente falsa, pois alguém havia começado a assobiar “O Rosário”, desafinadamente, lá dentro.

“Por favor, diga que o Sr. Carraway quer vê-lo.”

“Eu não posso trazê-lo de volta de Chicago, posso?”

Nesse momento, uma voz, inconfundivelmente a de Wolfshiem, chamou “Stella!” do outro lado da porta.

“Deixe seu nome na escrivaninha”, disse ela rapidamente. “Eu lhe darei o nome quando ele voltar.”

“Mas eu sei que ele está lá.”

Ela deu um passo em minha direção e começou a deslizar as mãos indignadamente para cima e para baixo nos quadris.

“Vocês, rapazes, acham que podem entrar aqui à força a qualquer momento”, ela repreendeu. “Es-

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

tamos ficando cansados disso. Quando eu digo que ele está em Chicago, ele está em Chicago.”

Eu mencionei Gatsby.

“Oh-h!” Ela olhou para mim de novo. “Você poderia apenas – Qual era o seu nome?”

Ela desapareceu. Em um momento, Meyer Wolfshiem apareceu solenemente na porta, com as duas mãos estendidas. Ele me conduziu ao seu escritório, observando com uma voz reverente que aquele era um momento triste para todos nós, e me ofereceu um charuto.

“Minha memória remonta à primeira vez que o conheci”, disse ele. “Um jovem major recém-saído do exército e coberto de medalhas da guerra. Ele estava tão duro que tinha que continuar usando seu uniforme porque não podia comprar roupas normais. A primeira vez que o vi foi quando ele entrou no salão de bilhar do Winebrenner na Forty-third Street e pediu um emprego. Ele não tinha comido nada havia alguns dias. “Venha almoçar comigo”, eu disse.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Ele comeu mais de quatro dólares de comida em meia hora.”

“*Você que o iniciou no negócio?*” perguntei.

“*Iniciá-lo! Eu o criei.*”

“*Oh.*”

“*Eu o criei do nada, direto da sarjeta. Vi logo que ele era um jovem de boa aparência e cavalheiro, e quando ele me disse que tinha estudado em Oggsford, soube que poderia usá-lo muito bem. Consegui que ele se filiasse à Legião Americana, e ele costumava se destacar lá. Logo em seguida, ele fez alguns trabalhos para um cliente meu em Albany. Éramos tão unidos assim em tudo*” – ele ergueu dois dedos bulbosos – “*sempre juntos*”.

Fiquei imaginando se essa parceria teria incluído a transação da World’s Series em 1919.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Agora ele está morto”, eu disse depois de um momento. “Você era o amigo mais íntimo dele, por isso sei que vai querer ir ao funeral dele hoje à tarde.”

“Eu gostaria de ir.”

“Bem, então venha.”

Os cabelos em suas narinas tremeram levemente e, quando ele balançou a cabeça, seus olhos se encheram de lágrimas.

“Não posso fazer isso – não posso me envolver nisso”, disse ele.

“Não há nada para se envolver. Está tudo acabado agora.”

“Quando um homem é morto, nunca gosto de me envolver nisso de forma alguma. Não me meto. Quando eu era jovem, era diferente – se um amigo meu morresse, não importava como, eu ficava com ele até o fim. Você pode achar que isso é sentimentalismo, mas eu falo sério – até o fim.”

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Vi que, por algum motivo, ele estava decidido a não vir, então me levantei.

“Você foi para a universidade?”, ele perguntou de repente.

Por um momento, pensei que ele fosse sugerir uma *“gonexão”*, mas ele apenas acenou com a cabeça e apertou minha mão.

“Vamos aprender a demonstrar nossa amizade por um homem quando ele está vivo e não depois de morto”, sugeriu. *“Depois disso, minha regra é deixar tudo em paz.”*

Quando saí de seu escritório, o céu havia escurecido e voltei para West Egg em meio a uma garoa. Depois de trocar de roupa, fui até a porta ao lado e encontrei o Sr. Gatz andando animado no corredor. Seu orgulho pelo filho e pelas poses do filho estava aumentando continuamente e agora ele tinha algo para me mostrar.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Jimmy me enviou esta foto.” Ele tirou a carteira com os dedos trêmulos. *“Dê uma olhada aqui.”*

Era uma fotografia da casa, com rachaduras nos cantos e suja de muitas mãos. Ele apontou cada detalhe para mim com entusiasmo. *“Olhe ali!”* e então buscou a admiração de meus olhos. Ele a mostrou tantas vezes que acho que agora ela era mais real para ele do que a própria casa.

“Jimmy a enviou para mim. Acho que é uma foto muito bonita. Ela aparece bem”.

“Muito bem. Você o viu nos últimos tempos?”

“Ele veio me visitar há dois anos e comprou a casa onde moro agora. É claro que nos separamos quando ele fugiu de casa, mas agora vejo que havia um motivo para isso. Ele sabia que tinha um grande futuro pela frente. E desde que fez sucesso, ele foi muito generoso comigo”.

Ele parecia relutante em guardar a foto, segurou-a por mais um minuto, demoradamente,

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

diante de meus olhos. Depois, devolveu a carteira e tirou do bolso um exemplar velho e esfarrapado de um livro chamado Hopalong Cassidy.

“Veja aqui, este é um livro que ele tinha quando era menino. Já dá para ver.”

Ele o abriu na contracapa e o virou para que eu o visse. Na última folha de rosto estava impressa a palavra “*Agenda*” e a data 12 de setembro de 1906. E embaixo:

Levantar da cama..... 6h
Exercício de pesos e escalada.....6h15-6h30
Estudar eletricidade etc.....7h15-8h15
Trabalho8h30-16h30
Baseball e esportes 16h30-17h
Praticar elocução, postura e como obtê-las.....17h-18h
Pesquisar invenções necessárias 19h-21h

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Resoluções gerais:

Não perder tempo com o *self*

Não fumar nem mascar mais.

Tomar banho em dias alternados

Ler um livro ou revista de aperfeiçoamento por semana

Economizar ~~US\$ 5,00~~ US\$ 3,00 por semana

Ser melhor com os pais

*“Encontrei este livro por acaso”, disse o idoso.
“Já dá para ver, não é?”*

“Já dá para ver.”

“Jimmy estava destinado a progredir. Ele sempre teve resoluções como essa ou algo do tipo. Percebeu o que ele tem a dizer sobre melhorar sua mente? Ele sempre foi ótimo nisso. Certa vez, ele me disse que eu comia como um porco e eu bati nele por isso.”

Ele relutou em fechar o livro, lendo cada item em voz alta e depois olhando ansiosamente para mim. Acho que ele esperava que eu copiasse a lista para meu próprio uso.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Um pouco antes das três horas, o pastor luterano chegou de Flushing, e eu comecei a olhar involuntariamente pelas janelas em busca de outros carros. O mesmo aconteceu com o pai de Gatsby. E, à medida que o tempo passava e os criados entravam e ficavam esperando no saguão, seus olhos começaram a piscar ansiosamente e ele falou sobre a chuva de uma maneira preocupada e incerta. O ministro olhou várias vezes para o relógio, então eu o chamei de lado e pedi que esperasse por meia hora. Mas não adiantou nada. Ninguém veio.

Por volta das cinco horas, nossa procissão de três carros chegou ao cemitério e parou sob uma garoa grossa ao lado do portão – primeiro um carro funerário, horrivelmente preto e molhado, depois o Sr. Gatz, o ministro e eu na limusine, e um pouco mais tarde quatro ou cinco empregados e o carteiro de West Egg, na perua de Gatsby, todos molhados até a pele. Quando começamos a atravessar o portão do cemitério, ouvi um carro parar e, em seguida, o som de alguém se esgueirando atrás de nós no chão encharcado.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Olhei em volta. Era o homem com óculos de coruja que eu havia encontrado maravilhado com os livros de Gatsby na biblioteca em uma noite três meses antes.

Nunca mais o vi desde então. Não sei como ele sabia do funeral, nem mesmo seu nome. A chuva caía sobre seus óculos grossos, e ele os tirou e os limpou para ver a lona protetora desenrolada do túmulo de Gatsby.

Tentei pensar em Gatsby por um momento, mas ele já estava muito distante, e eu só conseguia me lembrar, sem ressentimento, que Daisy não havia enviado nem uma mensagem ou uma flor. Ouvi vagamente alguém murmurar “*Abençoados são os mortos sobre os quais a chuva cai*”, e então o homem de olhos coruja disse “*Amém*”, com uma voz corajosa.

Nós nos arrastamos rapidamente pela chuva até os carros. O homem dos olhos de coruja falou comigo no portão.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“*Não consegui chegar até a casa*”, comentou ele.

“*Você e todos os outros não conseguiram.*”

“*Não diga!*” Ele começou. “*Ora, meu Deus! Eles costumavam ir lá às centenas.*”

Ele tirou os óculos e os limpou novamente, por fora e por dentro.

“*O pobre filho da mãe*”, disse ele. Uma de minhas lembranças mais vívidas é a época em que voltava da escola preparatória e, mais tarde, da faculdade, para casa, no Oeste, para as férias de Natal. Aqueles que iam para mais longe do que Chicago se reuniam na velha e sombria Union Station às seis horas de uma noite de dezembro, com alguns amigos de Chicago, já envolvidos em suas próprias festas de fim de ano, para se despedirem apressadamente. Lembro-me dos casacos de pele das moças que voltavam do Miss Isso ou Aquilo e da conversa de hálito congelado e das mãos acenando no alto quando avistávamos velhos conhecidos e dos convites combinados:

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Você vai para a casa dos Ordway? dos Hersey? dos Schultz?” e os longos ingressos verdes apertados em nossas mãos com luvas. E, por fim, os vagões amarelos da ferrovia Chicago, Milwaukee e St. Paul pareciam alegres como o próprio Natal nos trilhos ao lado do portão.

Quando saíamos para a noite de inverno e a neve de verdade, a nossa neve, começava a se estender ao nosso lado e a cintilar contra as janelas, e as luzes fracas das pequenas estações de Wisconsin passavam, uma forte brisa selvagem surgia de repente no ar. Respirávamos fundo enquanto voltávamos do jantar pelos vestibulos frios, indiscutivelmente conscientes de nossa identidade com esse país por uma hora estranha, antes de nos fundirmos indistintamente a ele novamente.

Esse é o meu Meio Oeste – não o trigo, as pradarias ou as cidades suecas perdidas, mas os emocionantes trens de retorno da minha juventude, os lampiões e os sinos dos trenós na escuridão gelada e as sombras das coroas de azevinho lançadas pelas janelas iluminadas na neve.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Sou parte disso, um pouco solene com a sensação daqueles longos invernos, um pouco complacente por ter crescido na casa dos Carraway em uma cidade onde as casas ainda são chamadas ao longo de décadas pelo nome de uma família. Agora vejo que, afinal de contas, essa foi uma história do Oeste – Tom e Gatsby, Daisy, Jordan e eu éramos todos do Oeste, e talvez tivéssemos alguma deficiência em comum que nos tornava sutilmente inadaptáveis à vida no Leste.

Mesmo quando o Leste me empolgava mais, mesmo quando eu estava mais consciente de sua superioridade em relação às cidades entediadas, espalhadas e inchadas além de Ohio, com suas intermináveis inquisições que poupavam apenas as crianças e os idosos – mesmo assim, ele sempre teve para mim uma natureza distorcida. West Egg, especialmente, ainda aparece em meus sonhos mais fantásticos. Eu a vejo como uma cena noturna de El Greco: uma centena de casas, ao mesmo tempo convencionais e grotescas, agachadas sob um céu sombrio e pendente e uma lua sem brilho. Em primeiro plano, quatro homens

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

solenes em trajes sociais caminham pela calçada com uma maca sobre a qual jaz uma mulher bêbada em um vestido de noite branco. Sua mão, que está pendurada na lateral, brilha friamente com joias. Os homens se entregam gravemente em uma casa – a casa errada. Mas ninguém sabe o nome da mulher, e ninguém se importa.

Depois da morte de Gatsby, o Leste ficou assombrado para mim dessa forma, distorcido além do poder de correção de meus olhos. Assim, quando a fumaça azul das folhas quebradiças estava no ar e o vento soprava a roupa molhada no varal, decidi voltar para casa.

Havia uma coisa a ser feita antes de eu partir, uma coisa incômoda e desagradável que talvez fosse melhor deixar para lá. Mas eu queria deixar as coisas em ordem e não apenas confiar que aquele mar complacente e indiferente varreria meu lixo para longe. Fui ver Jordan Baker e falei sobre o que havia acontecido conosco e o que havia acontecido depois comigo, e ela ficou perfeitamente quieta, ouvindo, em uma grande cadeira.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

Ela estava vestida para jogar golfe, e lembro-me de pensar que ela parecia uma boa ilustração, com o queixo um pouco levantado, o cabelo da cor de uma folha de outono, o rosto com a mesma tonalidade marrom da luva sem dedos apoiada em seu joelho. Quando terminei, ela me disse sem detalhes que estava noiva de outro homem. Eu duvidava disso, embora houvesse vários com quem ela poderia ter se casado com um simples aceno de cabeça, mas fingi estar surpreso. Por um minuto me perguntei se não estava cometendo um erro, mas depois pensei melhor e me levantei para me despedir.

“No entanto, você me derrubou”, disse Jordan de repente. “Você me nocauteou no telefone. Não me importo com você agora, mas foi uma experiência nova para mim, e me senti um pouco tonta por um tempo.”

Demos um aperto de mão.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Ah, e você se lembra” – ela acrescentou – “de uma conversa que tivemos uma vez sobre dirigir um carro?”

“Por que – não exatamente.”

“Você disse que um motorista ruim só estava seguro até encontrar outro motorista ruim? Bem, eu encontrei outro motorista ruim, não foi? Quero dizer, foi descuidado da minha parte fazer uma suposição tão errada. Pensei que você fosse uma pessoa honesta e direta. Achei que fosse seu orgulho secreto.”

“Tenho trinta anos”, eu disse. “Tenho cinco anos a mais para mentir para mim mesmo e chamar isso de honra.”

Ela não respondeu. Irritado, meio apaixonado por ela e tremendamente arrependido, fui embora.

Em uma tarde no final de outubro, vi Tom Buchanan. Ele estava caminhando à minha frente pela Quinta Avenida com seu jeito alerta e agressivo, com as mãos um pouco afastadas do corpo

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

como se quisesse lutar contra interferências, a cabeça se movendo bruscamente para cá e para lá, adaptando-se a seus olhos inquietos. No momento em que reduzi a velocidade para evitar ultrapassá-lo, ele parou e começou a franzir a testa para as vitrines de uma joalheria. De repente, ele me viu e voltou, estendendo a mão.

“Qual é o problema, Nick? Você se opõe a me cumprimentar?”

“Sim. Você sabe o que penso de você.”

“Você é louco, Nick”, disse ele rapidamente. “Louco pra caramba. Não sei o que há de errado com você.”

“Tom”, perguntei, “o que você disse ao Wilson naquela tarde?”

Ele me encarou sem dizer uma palavra, e eu sabia que havia adivinhado o que acontecera naquelas horas. Comecei a me afastar, mas ele deu um passo atrás de mim e agarrou meu braço.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

“Eu disse a verdade para ele”, disse ele. “Ele veio até a porta quando estávamos nos preparando para sair e, quando mandei avisar que não estávamos lá, ele tentou forçar a subida. Ele estava louco o suficiente para me matar se eu não tivesse lhe contado quem era o dono do carro. Ele já colocara a mão no bolso para pegar o revólver –” Ele interrompeu desafiadoramente. *“E daí que eu contei? Aquele sujeito estava se preparando para isso. Ele deixou você cego, assim como fez com Daisy, mas ele era durão. Ele atropelou Myrtle como se atropelasse um cachorro e nem sequer parou o carro.”*

Não havia nada que eu pudesse dizer, exceto o fato indiscutível de que aquilo não era verdade.

“E se você acha que eu não sofri nem um pouco – veja aqui, quando fui entregar aquele apartamento e vi aquela maldita caixa de biscoitos de cachorro no aparador, sentei e chorei como um bebê. Por Deus, foi horrível...”

Eu não conseguiria perdôá-lo e nem mesmo gostar dele, mas vi que o que ele havia feito era,

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

para ele, totalmente justificável. Foi tudo muito descuidado e confuso. Eles eram pessoas descuidadas, Tom e Daisy – eles destruíam as coisas e as criaturas e depois voltavam para o seu dinheiro ou para o seu grande descuido, ou seja lá o que fosse que os mantinha unidos, e deixavam que outras pessoas limpassem a bagunça que haviam feito...

Eu o cumprimentei com um aperto de mão; parecia bobagem não fazê-lo, pois de repente me senti como se estivesse falando com uma criança. Em seguida, ele entrou na joalheria para comprar um colar de pérolas – ou talvez apenas um par de botões de punho –, livre para sempre do meu pudor provinciano.

A casa de Gatsby ainda estava vazia quando parti – a grama de seu gramado havia crescido tanto quanto a minha. Um dos motoristas de táxi do vilarejo nunca passava pelo portão de entrada sem parar por um minuto e apontar para dentro; talvez tenha sido ele quem levou Daisy e Gatsby para East Egg na noite do acidente, e talvez ele

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

tenha inventado uma história sobre isso. Eu não queria ouvir nada sobre isso e o evitei quando desci do trem.

Eu passava minhas noites de sábado em Nova York porque as festas brilhantes e deslumbrantes ainda me acompanhavam de forma tão vívida que eu ainda podia ouvir a música e as risadas, fracas e incessantes, de seu jardim, e os carros subindo e descendo sua garagem. Certa noite, ouvi um carro de verdade e vi suas luzes pararem nos degraus da frente. Mas não fui ver o que era. Provavelmente era algum último convidado que estava nos confins do mundo e não sabia que a festa havia terminado.

Na última noite, com meu malão arrumado e meu carro vendido para o dono da mercearia, fui até lá e olhei mais uma vez para aquela casa enorme e incoerente. Nos degraus brancos, uma palavra obscena, rabiscada por algum garoto com um pedaço de tijolo, destacava-se claramente à luz da lua, e eu a apaguei, passando meu sapa-

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

to de forma áspera pela pedra. Depois, fui até a praia e me esparramei na areia.

A maioria dos grandes locais à beira-mar estava fechado agora e quase não havia luzes, exceto o brilho sombrio e móvel de uma balsa que cruzava o estuário. E, à medida que a lua subia, as casas desnecessárias começavam a se desfazer, até que gradualmente me dei conta da velha ilha que floresceu para os olhos dos marinheiros holandeses – um peito fresco e verde do novo mundo. Suas árvores que haviam desaparecido, as árvores que abriram caminho para a casa de Gatsby, haviam outrora sussurrado para o último e maior de todos os sonhos humanos; por um momento transitório e encantado, o homem deve ter prendido a respiração na presença desse continente, compelido a uma contemplação estética que ele não entendia nem desejava, frente a frente, pela última vez na história, com algo proporcional à sua capacidade de admiração.

E enquanto eu estava sentado ali, pensando no mundo antigo e desconhecido, pensei na admi-

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

ração de Gatsby quando ele viu pela primeira vez a luz verde no final do cais de Daisy. Ele havia percorrido um longo caminho até aquele grama-
do azul, e seu sonho deve ter parecido tão próximo que ele dificilmente deixaria de captá-lo. Ele não sabia que já estava atrás dele, em algum lugar naquela vasta obscuridade além da cidade, onde os campos escuros da república rolavam sob a noite.

Gatsby acreditava na luz verde, no futuro orgástico que, ano após ano, se esvai diante de nós. Naquela época, ele nos escapou, mas isso não importa – amanhã correremos mais rápido, esticaremos mais os braços... E, em uma bela manhã...

E assim seguimos em frente, barcos contra a corrente, levados incessantemente de volta ao passado.

[voltar para o índice](#)

O GRANDE GATSBY
F. SCOTT FITZGERALD

GAZETA DO POVO

The image features a dark blue, textured background with a large, stylized, golden-yellow outline of the letter 'G'. The 'G' is composed of several concentric, slightly offset shapes, creating a sense of depth and movement. In the center of the 'G', the words 'GAZETA DO POVO' are written in a bold, white, sans-serif font. The text is centered horizontally and vertically within the 'G' shape.

GAZETA DO POVO